

Banca em Análise  
O papel da banca  
na recuperação  
de Angola







**José Barata**  
Presidente  
Deloitte Angola

É com enorme satisfação que apresentamos a 14.ª edição do Banca em Análise, um estudo que se tem assumido como uma das principais iniciativas da Deloitte Angola, sendo já uma referência incontornável.

Começamos por salientar que, em 2019, a Deloitte optou por adiar a publicação do Banca em Análise por entender que a relevância do exercício de Avaliação da Qualidade dos Activos (AQA) promovido pelo Banco Nacional de Angola (BNA), cujos resultados foram divulgados em Dezembro de 2019, poderia alterar, de forma significativa, a informação que fosse apresentada nesse estudo, o que, inevitavelmente, lhe retiraria uma parte significativa do seu propósito fundamental: ser um contributo sólido para uma reflexão informada dos agentes económicos nacionais.

Nesse contexto, a actual edição do Banca em Análise inclui a informação financeira em base individual dos Bancos a operar em Angola para os exercícios de 2018 e de 2019.

Nesta edição, em linha com as edições em anteriores, os responsáveis das principais instituições financeiras que operam em Angola e das entidades de maior relevância para o sector, fizeram um balanço do ano 2019 e do primeiro semestre de 2020, partilhando as suas expectativas e desafios para o futuro do sector e das instituições que representam.

O sistema financeiro tem assumido um papel central na economia de Angola, sendo um agente activo do desenvolvimento sustentado e transversal da sociedade e da economia em larga medida como resultado da inovação, qualidade e sofisticação dos produtos oferecidos aos consumidores, que são cada vez mais exigentes no quadro da dinâmica concorrencial verificada no sector.

A este propósito, importa destacar a evolução em curso no sistema de pagamentos nacional, dando destaque a exemplos que traduzem essa dinâmica: (i) o serviço Multicaixa Express lançado pela EMIS em Abril de 2019 e que registava uma quota de mercado de cerca de 42% por cento dos pagamentos a nível nacional em Maio de 2020; e (ii) a intenção do BNA, tornada pública em Abril de 2020, de implementar um Subsistema de Transferências Móveis e Instantâneas (STMI), o qual irá disponibilizar serviços de pagamentos acessíveis à população não bancarizada a nível nacional, o que traduzirá um passo muito relevante no processo de bancarização e de inclusão financeira em Angola.

A nível macroeconómico, os últimos anos têm sido marcados por enormes desafios entre os quais se destaca a volatilidade do preço do petróleo. Esses desafios foram agravados, no primeiro semestre de 2020, pela emergência da pandemia do vírus Covid-19 cujos impactos a nível global, e em particular para a economia e para o sector bancário nacional, ainda não são totalmente claros. Nesse contexto, o período de contracção da economia nacional, com taxas de crescimento reais negativas acumuladas de cerca de 3,9% entre 2016 e 2018, estendeu-se em 2019 com as estimativas mais recentes do Fundo Monetário Internacional (FMI) a indicarem um crescimento real negativo de 1,5% e a anteverem, como resultado dos actuais desafios, uma descida do PIB real de cerca de 4% em 2020.

No quadro dos actuais desafios económicos continuou a verificar-se uma redução das reservas internacionais líquidas (RIL) em 2019 e no início de 2020, uma tendência evidenciada desde 2014. Sem prejuízo, o ritmo de diminuição das RIL abrandou desde o início de 2018, atingindo cerca de 11 mil milhões de USD em Maio de 2020. Por outro lado, no que se refere às taxas de juro, e após o aumento apresentado em 2019, a taxa LUIBOR tem vindo a diminuir de forma consistente em 2020, ascendendo a cerca de 14,9% no final de Maio de 2020 (Luibor a 3 meses), o que compara com 19,7% no final de 2019.

Em 2019 o Executivo deu continuidade à implementação do Programa de Estabilização Macroeconómica (PEM) definido no início de 2018, o qual conta com o acompanhamento do FMI ao abrigo do Programa de Financiamento Ampliado procurando a estabilização das principais variáveis macroeconómicas (nomeadamente ao nível da taxa de inflação e do mercado cambial) e do sistema financeiro. Pelo seu impacto estrutural, salientamos duas medidas concretas implementadas em 2019: a implementação do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) no sistema financeiro e a liberalização do mercado cambial.

Ao nível do sector bancário, o ano de 2019 fica ainda indelevelmente associado à realização do AQA promovido pelo BNA, que abrangeu 13 dos Bancos a operar no mercado nacional, os quais representavam cerca de 93% do total de activos do Sector Bancário nacional, com referência a 31 de Dezembro de 2018. De acordo com as informações divulgadas pelo BNA os resultados do AQA revelaram que o sector bancário é globalmente robusto, estando as necessidades de recapitalização maioritariamente concentradas em apenas duas instituições.

No âmbito da actividade bancária, assistimos em 2019 a uma trajectória mista no comportamento dos principais indicadores do sector face a 2018. Por um lado, observou-se um aumento do total dos activos (cerca de 11%) tendo-se verificado uma diminuição do crédito líquido concedido a clientes (cerca de 10%), do produto bancário (cerca de 11%) e dos resultados líquidos (cerca de 76%). Importa referir que estes dados não incluem o Banco Económico, uma vez que as demonstrações financeiras do exercício de 2019 não se encontravam disponíveis à data de elaboração do estudo.

Neste enquadramento desafiante, as orientações estratégicas das principais instituições bancárias, quer ao nível da dinamização do nível de digitalização da actividade, quer da definição de medidas de promoção da inclusão financeira da população, e por inerência, dos níveis de bancarização, continuarão a ser vectores essenciais para um sector bancário mais desenvolvido e mais capaz de responder de forma positiva às ambições dos seus clientes e desempenhando um papel fundamental no processo de recuperação da economia Angolana.

Com este estudo a Deloitte reforça o forte compromisso com o país e com o seu sistema financeiro, alicerçado numa presença local com mais de 20 anos. Pretendemos reforçar o nosso contributo nesta fase desafiante, sendo um parceiro de referência e apresentando respostas efectivas que permitam solucionar os desafios de curto prazo na prossecução de um desenvolvimento sustentado de Angola, das suas organizações e da sua população a médio prazo.

Votos de uma excelente leitura da 14ª edição do Banca em Análise.



# Nesta edição

## Banca em Análise 2020



6

Entrevista BNA

36

Enquadramento  
macroeconómico

8

Entrevista CNEF

44

Enquadramento económico  
angolano

10

Entrevista EMIS

53

Estudo da Banca  
em Análise 2020

12

Entrevistas  
Instituições Financeiras

92

Demonstrações  
financeiras

# Banco Nacional de Angola (BNA)

«O envolvimento do FMI num país oferece sempre maior confiança aos investidores»



**José de Lima Massano**  
Governador

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

O nosso maior desafio foi a situação da pandemia da Covid-19 que nos levou a adoptar rapidamente medidas de implementação imediata para apoiar a economia e o cliente bancário em particular.

Quanto aos outros desafios, podemos destacar a gestão das políticas cambial e monetária, considerando a volatilidade e descida do preço do barril de petróleo no período em análise, bem como a necessidade de fomentar a concessão de crédito ao sector produtivo a um custo acessível, no âmbito da imperatividade de diversificação da economia.

**De que forma percepção a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

A entrada e actuação do FMI tem sido construtiva, considerando, em particular, a assistência técnica e financeira prestadas na implementação das reformas delineadas nos Programas definidos pelo Executivo.

O envolvimento do FMI num país oferece sempre maior confiança aos investidores, pela natureza da instituição e reconhecida competência no acompanhamento da implementação das reformas que visam a reposição da estabilidade macroeconómica.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

Desafiante. Com recursos financeiros mais limitados e um programa de reformas exigente, há que acelerar o percurso de melhoria do ambiente de negócios e estímulos complementares ao crescimento económico, particularmente em sectores de potencial comprovado, quer no domínio da substituição de importações, quer na criação sustentável de postos de trabalho. Os programas gizados de apoio ao crédito ao sector real da economia são parte de como o sector financeiro terá que ajustar-se para participar de modo mais activo na mitigação dos impactos negativos gerados pela Covid-19 na economia angolana.

**De que forma se está a posicionar o BNA para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

O BNA tem em curso várias iniciativas, das quais podemos salientar: a implementação de um novo Data Center e uma avaliação da tecnologia Blockchain e do contributo que poderá dar para o aumento da transparência, eficiência e eficácia do mercado financeiro angolano.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o BNA para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

O BNA continua a desenvolver e implementar medidas para tornar o sistema financeiro mais acessível a toda a população, estando a trabalhar também com o apoio do Banco Mundial nesse domínio. O esforço do Executivo na formalização do mercado informal também concorre para a maior bancarização da população.

Podemos também destacar o lançamento do Laboratório de Inovação do Sistema de Pagamentos (LISPA) com vista à promoção da inovação de serviços financeiros para impulsionar a inclusão financeira e a preparação para a implementação de um Sistema de Transferências Móveis e Instantâneas (STMI), que estará acessível a toda a população (*Mobile Money*).

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o BNA para o futuro próximo?**

As metas e objetivos passam, num futuro próximo, pelo acompanhamento dos efeitos da pandemia para assegurar a solidez do sistema financeiro e a sua capacidade para responder adequadamente às necessidades de financiamento da economia e esforço continuado na redução de transacções financeiras no mercado informal e fora do sistema financeiro.

Também de extrema importância é a gestão das políticas monetária e cambial para assegurar a solvência externa do país e o adequado funcionamento do mercado cambial neste contexto de grande incerteza, bem como a preparação da candidatura para obtenção de equivalência de regulamentação e de supervisão junto da Comissão Europeia.

«Com recursos financeiros mais limitados e um programa de reformas exigente, há que acelerar o percurso de melhoria do ambiente de negócios»

# Conselho Nacional de Estabilidade Financeira (CNEF)

«A entrada do FMI representa o novo compromisso nacional»



**Luzolo de Carvalho, CFA**  
Secretário Executivo

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a entidade que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

As circunstâncias dos seus membros reflectem-se no CNEF, e, nessa perspectiva, o passado recente não foi fácil. Assim, concentramo-nos na afinação de processos e melhoria da qualidade da despesa e na criação de sinergias com outras instituições públicas, como o Ministério da Educação (MED) e o INADEC, relativas à literacia financeira e defesa do consumidor financeiro.

**De que forma percepçiona a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

A entrada do FMI em Angola era desejável e representa o novo compromisso nacional. Parece-nos que a sua actuação é mais realista, já que equaciona os impactos sociais dos ajustes estruturais que propõe, o que poderá contribuir para o sucesso do programa. O seu apoio ao BNA no restabelecimento das relações com os bancos correspondentes e envolvimento directo no processo de reestruturação de bancos públicos são elementos que o cliente bancário valoriza e que investidores atentos ao mercado angolano certamente levarão em conta em processos de financiamento ou de privatização de bancos da praça.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

A Covid-19 e o preço (e nível de produção) do barril abaixo do previsto no OGE pesaram directamente sobre as despesas e receitas públicas. O impacto que tiveram na actividade do sector privado também agravará o endividamento do Estado e a condição das famílias. Perante as perspectivas de crescimento negativo, a despesa torna-se o cerne da questão. Assim, tanto o Estado como as famílias terão de encarar a frugalidade, não como uma virtude, mas, como uma necessidade.

**De que forma se está a posicionar o CNEF para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

A estrutura actual do CNEF permite manter a sua operação sem investimentos tecnológicos significativos. Porém, estamos atentos ao contexto e às necessidades dos parceiros. Foi nessa perspectiva que desenvolvemos conteúdos de literacia financeira para as tele-aulas que o MED está a promover para os nossos pequenos.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o CNEF para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

A nossa intervenção passa primeiro pelo diagnóstico do panorama de inclusão e exclusão financeira. Dados numéricos são, para os reguladores, um suporte objectivo na definição de políticas e permitirão às instituições financeiras, particularmente àquelas com actividades de micro e nano finanças, desenvolver produtos mais adequados à luz de factores como a capacidade financeira, género, grau de escolaridade ou ainda hábitos de poupança do cliente. Foi nessa perspectiva que realizámos inquéritos nos 5 maiores mercados informais de Luanda. Por outro lado, temos sido uma plataforma de concertação entre o INADEC e o BNA no âmbito da defesa do consumidor financeiro, que, sem a devida protecção, poderá manter-se à margem da formalidade. Por fim, investimos na intermediação relacional, facilitando parcerias geradoras de inclusão entre entes privados (e.g. *start ups* e mercados).

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o CNEF para o futuro próximo?**

Com uma taxa de bancarização ainda inferior à média regional, o nosso foco será o fomento da inclusão financeira. Isso passará fundamentalmente pela recolha de dados para uso das autoridades e das instituições financeiras, promoção da literacia financeira e uma interacção mais pragmática com o sector privado.

«O foco do CNEF será o fomento da inclusão financeira»

# Empresa Interbancária de Serviços (EMIS)

«A inclusão financeira em países com bancarização reduzida precisa do contributo de serviços de pagamento baseados na moeda electrónica»



**José de Matos**  
Presidente da Comissão Executiva

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a entidade que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

Ao longo deste período, são três os factos que considero mais relevantes: a consolidação do Programa de Desmaterialização dos Pagamentos do Estado através da RUPE, que permitiu aumentar significativamente a eficiência e o controlo da arrecadação dos impostos; o lançamento comercial do canal MULTICAIXA Express, que atingiu, num ano de existência, 220 mil utilizadores e um volume de 12 milhões de transacções financeiras por mês e o início efectivo da substituição dos cartões de banda magnética por cartões EMV (com chip), uma importante medida de combate à contrafacção.

**De que forma percepção a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

O apoio metodológico do FMI às instituições nacionais resulta num impacto positivo na forma como os mercados internacionais percebem o risco-país. No sistema financeiro, a actuação do FMI cinge-se sobretudo na regulação e formulação de políticas cambiais, especialmente no sentido de uma maior liberalização do mercado, que se iniciou com a alteração da taxa de câmbio fixo para a taxa de câmbio flutuante. A confiança do investidor/cliente da banca depende da estabilidade macroeconómica que, em função disso, se vier a alcançar.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

Vejo com grande preocupação, na medida que a pandemia afectou bastante a nossa frágil economia. Cumulativamente, a redução do preço do petróleo teve impacto directo sobre a carteira de investimentos do Estado e, por inerência, a redução da empregabilidade. Para o sistema financeiro, essa desaceleração é traduzida na redução do volume monetário e, por efeito de contágio, na fragilização do tecido empresarial e no empobrecimento das famílias.

**De que forma se está a posicionar a EMIS para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

A EMIS tem um projecto em curso assente em dois pilares: o reforço da capacidade, que visa acautelar o expectável crescimento transaccional para os próximos 5 anos e o reforço da resiliência, para garantir que esse crescimento seja feito com segurança e qualidade. Neste projecto será feito um importante investimento na construção do segundo “centro informático seguro” e na substituição e modernização da infra-estrutura de IT.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar a EMIS para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

A inclusão financeira em países com bancarização reduzida, nomeadamente nos países subsarianos, precisa do contributo de serviços de pagamentos baseados na moeda electrónica (*mobile money*), que não são uma vocação dos bancos tradicionais, mas sim de prestadores de serviços de pagamentos baseados nos operadores de comunicações móveis. Como operador interbancário, a EMIS está pronta a contribuir como facilitador da interoperabilidade entre sistemas e instrumentos de pagamentos.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para a EMIS para o futuro próximo?**

A mais relevante é a implementação do projecto de reforço da capacidade e resiliência já descrito. Em termos de novos produtos e novos serviços, está em vias de conclusão o *Gateway de Pagamentos Online* que visa o alargamento dos métodos de pagamentos disponíveis para o comércio electrónico de âmbito nacional; será disponibilizado o serviço *Card Protector* que permitirá aos utentes dos cartões MCX gerirem os seus limites diários de utilização, uma medida importante para a prevenção da fraude; no âmbito do *MCX Express*, está prevista a introdução de métodos alternativos de adesão (ou seja, sem necessidade de ir ao ATM) associado ao cartão virtual com validade estendida.

«O apoio metodológico do FMI às instituições nacionais resulta num impacto positivo na forma como os mercados internacionais percebem o risco-país»

# Banco Angolano de Investimentos (BAI)

«O contexto é perfeito para implementar uma economia orientada para a substituição da importação de bens essenciais e alimentos.»



**Luís Lélis**  
Presidente da Comissão Executiva

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

O ano passado foi marcado pela introdução de um conjunto de normas pelo BNA, as quais tiveram um grande impacto na nossa estrutura de receita e modo operacional. O foco do BAI continuou a centrar-se na melhoria da relação com o cliente, procurando activamente oferecer produtos e serviços que melhor respondem às suas necessidades.

Já em 2020, a pandemia do Covid-19 tem estado a mudar significativamente a nossa actuação, tanto ao nível de investimentos como das relações com os demais parceiros sociais. A título de exemplo, o BAI doou cerca de 10 mil milhões de Kz ao Governo e tem concedido moratórias de crédito a empresas e famílias no combate à pandemia da Covid-19.

**De que forma percepção a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

As reformas que constam no programa do FMI estão em sintonia com o programa de estabilização macroeconómica do Governo que inclui uma componente financeira cujo desembolso está condicionado a uma avaliação do FMI que até agora tem sido positiva.

Isto projecta a imagem de um Governo comprometido na implementação das reformas subjacentes ao programa referido, o que é positivo para a confiança do investidor externo no País.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

O País pode entrar numa recessão profunda e as finanças públicas serão fortemente afectadas. Para o sector bancário, todo este enquadramento resume-se num aumento significativo do risco de incumprimento com consequências negativas para os indicadores de performance e de solidez. Agora, é importante ter uma fonte de esperança. Do lado do Banco, estamos a trabalhar em produtos e serviços adaptados ao actual contexto, de forma a participar activamente no processo de retoma da economia. Estamos convictos que estamos perante o contexto perfeito para a criação de condições efectivas para, de uma vez por todas, implementar uma economia orientada para a substituição da importação de bens essenciais e de alimentos.

«Vamos continuar a fazer todos os esforços para ajudar o país a superar este momento.»

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

O BAI tem vindo há alguns anos a investir na inovação, tendo uma boa parte do seu orçamento de TICs sido direcionada a esta componente.

É importante salientar o facto de grande parte dos nossos clientes terem meios alternativos de acesso às suas contas, seja via cartões de débito ou pelo BAIDirecto®, o que atenua alguma pressão nos balcões. Ao mesmo tempo, dois dos processos mais críticos do banco são quase totalmente digitais, como a adesão aos serviços e contas e solicitações de transferências interbancárias.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

Estamos a preparar o relançamento do É-Kwanza® que terá um papel primordial no aumento da inclusão financeira ao permitir que a população não bancarizada, ou com recursos financeiros mais escassos, possa efectuar pagamentos e remessas sem que tenham de ter conta bancária.

Ao mesmo tempo, o Banco está comprometido na expansão da sua rede de agentes bancários, tendo actualmente 119 postos distribuídos por 16 provinciais.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

Vamos continuar a fazer todos os esforços para ajudar o País a superar este momento e procuraremos ter um papel preponderante no tão desejado processo de diversificação da economia.

Para o futuro, contaremos com um capital humano adequado, com uma estratégia de transformação digital bem definida e com a adopção das plataformas inovadoras, de forma a conseguirmos melhorar a qualidade de serviço e reforçar o envolvimento com os clientes.

# Banco BAI Micro Finanças (BMF)

«As terapias do FMI têm sido muito exigentes, o que, para uma economia emergente e frágil como a nossa, tem tido, inevitavelmente, um impacto negativo no País»



**Jorge Almeida**  
Presidente da Comissão Executiva

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

O ano de 2019 foi marcado pela continuidade dos programas de reformas a nível nacional que visam conferir maior eficiência, eficácia e transparência no funcionamento do Estado. Estas medidas incluíram a entrada do FMI que ajudou na devolução da credibilidade internacional do País, beneficiando também a banca nacional junto dos seus correspondentes. O ambiente de negócio tem sido, no entanto, desafiante como resultado da desvalorização do Kwanza, a introdução do IVA e a respectiva perda do poder de compra das famílias.

**De que forma perceciona a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

As terapias do FMI têm sido muito exigentes, o que, para uma economia emergente e frágil como a nossa, tem tido, inevitavelmente, um impacto negativo no País. É um programa que comporta riscos significativos, agravado pela flutuação dos preços do petróleo no mercado internacional, o que levou a um declínio na produção petrolífera e acesso mais difícil aos mercados.

As medidas complementares da política monetária, flexibilização da taxa de câmbio, as reformas estruturais devido ao IVA, ajustamento das tarifas da electricidade, entre outras, estão a colocar desafios bastantes estruturantes à sociedade angolana e ao sector bancário, sendo que o BMF não foi excepção, agravado por ser um banco virado para Microfinanças e ter que cumprir com legislação de banca universal.

Não obstante este facto, a minha percepção, é que ao implementar certas medidas, dever-se-á ter em conta a realidade angolana, o seu contexto e especificidades, para que haja ajustamento económico das mesmas. Caso isso não se verifique, as medidas implementadas poderão levar a uma suposta “asfixia” da sociedade.

«Queremos continuar a desempenhar o nosso papel contribuindo para a conversão do mercado informal e incremento da bancarização»

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

A situação epidemiológica vivenciada obrigou a um isolamento social para conter a sua expansão, não se conseguindo ainda estimar a duração, nem os seus efeitos económicos.

O preço do petróleo caiu para o menor patamar em 17 anos.

Neste contexto é expectável um abrandamento vertiginoso da economia angolana reforçando assim a tendência de recessão económica.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

A banca angolana irá registar um incremento operacional com o aumento da bancarização e penetração em zonas mais recônditas, pelo que haverá a necessidade de investimentos adicionais em *software* para se adequar aos elevados níveis de exigência e expansão do mercado.

A pandemia Covid-19, por força do isolamento social e necessidade de confinamento veio demonstrar a importância da banca digital, área em que o BMF continuará reforçar o seu investimento, mas também a necessidade de adequação de teletrabalho e videoconferência, colocando os meios tecnológicos no cume da importância da nova era profissional.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

O BMF, pelas suas características, continua à procura de novos clientes com destaque para os não bancarizados, através da oferta de produtos e serviços que se ajustam à sua realidade e necessidades elementares.

Iniciaremos a expansão da nossa rede de balcões procurando estar mais próximo dos clientes nas zonas mais recônditas do País, estabelecendo também protocolos para prestação de serviços com correspondentes bancários.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

Após a recuperação e reestruturação ocorridas de 2016 a 2018, o banco começou a sua estratégia de consolidação do seu posicionamento no mercado como único banco de Microfinanças no sistema. Queremos continuar a desempenhar o nosso papel contribuindo para a conversão do mercado informal, incremento da bancarização e aumentar a nossa responsabilidade social sem perda de valor. A modernização contínua do banco será a nossa grande bandeira.

# Banco BIC

«Actuação do FMI deveria ter em conta não só o factor económico, mas também o factor social»



**Hugo Teles**

Presidente do Conselho Executivo

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

Claramente a Covid-19 tem sido o factor de maior impacto nas instituições financeiras, obrigando-nos a adaptar procedimentos e a forma normal de funcionamento a nível interno. Por outro lado, teve um impacto grande no negócio dos clientes, acentuando ainda mais a contracção que já se sentia na economia. Somamos ainda a queda do preço do petróleo, a baixa produção e a redução do rendimento da produção petrolífera, que implica directamente um menor retorno para o Estado. Tudo isto obrigou a mudar a forma de pensar a Economia do país e, no caso dos bancos, obrigou a repensar estratégias no que toca à concessão de crédito. No Banco BIC acentuámos significativamente, no período em apreço, o crédito com vista à produção local, nomeadamente na Indústria (Transformação, Alimentar e Mineira), Pecuária, Agricultura e Pescas.

**De que forma percepção a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

Entende-se a necessidade de entrada do FMI, contudo penso que a sua actuação deveria ter em conta não só o factor económico, mas também o factor social, pelas implicações que pode ter, e isso é algo que me parece não estar a ser levado em conta. Ainda assim, a presença do FMI poderá criar alicerces mais sólidos na economia que permitam um aumento da confiança por parte dos investidores.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

Entende-se que a contracção da economia vai durar mais algum tempo. A Covid-19 teve em todas as economias mundiais um efeito nefasto, tanto pela estagnação que implica, como pelo desemprego causado. Em Angola não será diferente. Já o preço do petróleo será, para Angola, mais preocupante que para a maioria dos países, pela dependência que temos do produto. Penso que é mais um “abrir de olhos” para o investimento na produção nacional de forma a depender menos do petróleo e das importações.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

O Banco BIC tem feito um esforço grande de modernização tanto a nível de *hardware* como a nível de *software* e sistemas para acompanhar o que de melhor se faz a nível mundial, seguindo as boas práticas bancárias. Hoje em dia, o maior investimento tecnológico feito pelos bancos tem sido ao nível do *Compliance* por forma a monitorizar convenientemente operações e clientes. É uma forma de protecção e transparência benéfica a todos.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

O Banco BIC é, sem sombra de dúvida, um dos responsáveis pela bancarização crescente em Angola. É um orgulho para nós, desde os tempos das contas Bankita até à Conta Fácil, e assim continuaremos com certeza. É a nossa maneira de estar. Nesta fase, o foco está na criação de uma cultura de poupança, com o lançamento em breve de novos produtos e campanhas.

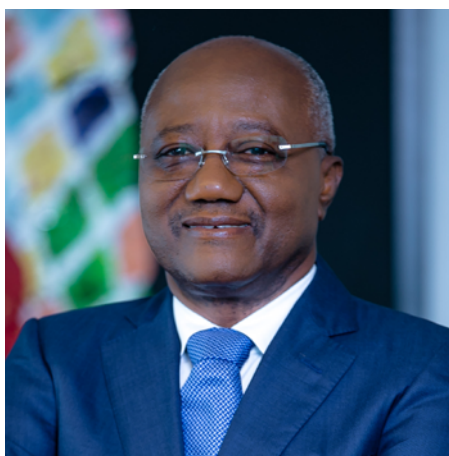
**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

O Banco BIC vai continuar a promover e incentivar a produção nacional. Nos últimos anos, temos sido os primeiros no *ranking* de concessão de crédito, seja às empresas, aos particulares ou ao Estado. O Banco BIC vai manter-se como um dos impulsionadores mais importantes da Economia. O nosso lema é desde sempre “Crescemos Juntos”, e assim será no futuro.

«A Covid-19 e a redução do rendimento da produção petrolífera obrigou a mudar a forma de pensar a Economia do país»

# Banco Económico (BE)

«O perfil do cliente de serviços bancários alterou-se consideravelmente»



**Pedro Luís da Fonseca**

Presidente do Conselho de Administração

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

O ambiente económico em 2019 caracterizou-se pela tendência de crescimento negativa e inflação de dois dígitos. Entretanto, a Avaliação da Qualidade de Activos realizada pelo BNA, referente ao mesmo ano, detectou imparidades significativas no sector, em particular nos Bancos com maior exposição creditícia no mercado imobiliário, incluindo no Banco Económico. Assim sendo, o aumento de capital se revelou como um imperativo para a observância dos rácios regulamentares. Em 2020, a situação tendeu a deteriorar-se com o surgimento da Covid-19, levando o Banco a adoptar algumas medidas de contingência, designadamente, maior selectividade na concessão de crédito, tendo em consideração a contracção da actividade económica e o facto de se terem registado despedimentos de trabalhadores, potencialmente elegíveis ao crédito particular.

**De que forma percebe a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

Em finais de 2014, Angola experimentou a reversão da tendência de estabilização das suas variáveis macroeconómicas, fruto da crise económica e financeira. Consequentemente, o Executivo Angolano recorreu ao FMI para perseguir a promoção da diversificação da economia, só alcançável desde que sustentado por um sistema financeiro, cuja robustez depende, em primeira instância, da estabilização macroeconómica. Acredito que com o estabelecimento da estabilidade económica, o nível de confiança será incrementado.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

O panorama financeiro angolano antes dos efeitos da Covid-19, foi afectado pelas consequências da queda dos preços internacionais do petróleo, uma tendência aprofundada pela pandemia e pelo *lockdown* que considerável parte dos países acabou por optar. Estima-se que as receitas correntes angolanas para o presente ano reduzam-se em cerca de 40%. Em sentido contrário, as despesas resultantes da preparação do País para fazer face aos problemas sanitários aumentaram tremendamente. Nesse sentido, o processo de consolidação fiscal experimentará alguma dificuldade em prosseguir tal como iniciado.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

O perfil do cliente de serviços bancários alterou-se consideravelmente, formatando-se com maiores exigências que, por um lado, demanda novas alternativas de atendimento personalizado, mais ágil e com maior segurança e, por outro, levou os balcões a constituírem-se num investimento negligenciável, face ao surgimento de clientes digitais. Justamente por este conjunto de razões, o futuro da Instituição reside nos investimentos tecnológicos e na digitalização. Neste sentido, ainda este ano, o BE terminará o seu grande projecto de investimento concernente ao *upgrade* do seu sistema *core*, o Flexcube, que seguramente criará condições vantajosas à implementação parcial do seu Plano Estratégico.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

O que o Banco vem fazendo concorre precisamente para o aumento do nível de bancarização, pois o aumento do número de clientes em função do seu perfil atual é o desiderato perseguido, sendo a via digital considerada uma prioridade. O BE está a trabalhar, por isso, com os seus parceiros tecnológicos para o alcance deste objectivo o mais urgente quanto possível.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

No que concerne aos objectivos e metas, destaco a dinamização comercial e oferta digital; o programa transversal de racionalização de custos; a revisão, simplificação e automatização de processos e a optimização da estrutura organizativa.

«O futuro do BE reside nos investimentos tecnológicos e na digitalização»

# Banco de Fomento Angola (BFA)

«O mercado dos serviços financeiros irá continuar a enfrentar desafios ao nível da sustentabilidade económica»



**António Domingues Catana**  
Presidente da Comissão Executiva\*

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

Numa economia em recessão pelo 4º ano consecutivo, o mercado de serviços financeiros irá continuar a enfrentar significativos desafios quer ao nível da sustentabilidade económica e financeira quer ao nível da gestão dos diferentes riscos decorrentes da sua actividade.

Num contexto de resposta a estes desafios, o BFA tem uma posição impar sustentada na robustez do seu balanço e na evolução realizada sobre a implementação de políticas e práticas de gestão de risco.

Com vista a melhorar a nossa eficiência temos em curso a implementação de um plano de transformação digital que nos permitirá, de forma sustentável, manter a identidade de grande banco de retalho, promovendo a inclusão e literacia financeira da população.

**De que forma percebe a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

A entrada do FMI no país foi bastante importante pelo impacto na credibilização das políticas específicas e pelo efeito directo, através da introdução de alguma pressão externa, no suporte e aceleração de várias reformas económicas e financeiras.

Finalmente, a intervenção traz também um pacote financeiro significativo, que em si já é um suporte à situação do país. De facto, uma avaliação até ao momento da pandemia não poderia deixar de ser positiva, em termos das reformas feitas no país nos últimos 2 anos.

«O BFA é um dos principais intervenientes no processo de bancarização e inclusão financeira da população»

\*Em função à data da produção do estudo.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

2020 será um ano muito complicado, com contenção orçamental muito acima do previsto, pouca disponibilidade para importações e uma inflação muito elevada, factores que deverão contribuir para uma quebra económica acentuada, independentemente dos efeitos directos da pandemia em Angola.

O panorama era já complexo antes da pandemia: se por um lado estavam a ser feitas reformas importantes, por outro a falta de investimento em anos passados levou a quebras muito significativas na economia petrolífera em 2018 e 2019, arrastando toda a economia consigo.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

O Banco tem em marcha um ambicioso plano tecnológico, que suporta o seu processo de transformação digital e que, na nossa visão, esta transformação é muito mais que tecnológica.

Este plano tem diversas etapas, que vão desde a evolução do core bancário, ao desenvolvimento de jornadas digitais orientadas a experiências de utilização simples, seguras e eficientes, passando pela implementação de uma arquitectura orientada a serviços, que confira ao Banco mais agilidade na resposta às necessidades do mercado e dos clientes.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

O BFA é um dos principais intervenientes no processo de bancarização e inclusão financeira da população angolana.

Suportado pela dispersão e cobertura da nossa rede de balcões e pela relevância que sempre atribuímos a esse processo para o desenvolvimento do país, o BFA é o banco com maior número de contas Bankita, com 51% do total de contas no sistema bancário, no final de 2019.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

As dimensões de inovação e tecnologia assumem um papel de especial relevância para o BFA, na medida em que alavancam o seu processo de transformação e melhoram a eficiência dos processos de negócio. Esta dimensão assume particular relevância num contexto muito desafiante, em que os processos de racionalização de custos de funcionamento deverão continuar a ser uma prioridade do banco, em paralelo com o apoio e dinamização dos sectores produtivos da economia.

# Banco Millennium Atlântico (ATL)

«Este contexto pode servir como um ponto de viragem para o início de um novo período de crescimento sustentado da economia angolana»



**Daniel Santos**  
Presidente da Comissão Executiva

## **De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

O principal desafio, em 2019, foi consolidar o nosso posicionamento enquanto “Diferentes pelo Cliente”, apostando em 3 pilares: Universalidade, superando a marca dos 1,8 milhões de Clientes; Inovação digital, ao implementarmos soluções digitais que permitem a realização de operações de banca remota e Parcerias de investimento, criando linhas de financiamento com o Commerzbank e a *International Finance Corporation* (IFC). No primeiro semestre de 2020, o principal desafio passou pela adequação da nossa actividade à nova normalidade trazida pela pandemia Covid-19, através da promoção mais intensa da utilização de soluções remotas, da criação de condições de bio-segurança nas nossas instalações e do reforço da nossa aposta na diversificação da economia e no apoio às famílias e negócios.

## **De que forma percebe a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

A implementação efectiva do Programa de Financiamento do FMI poderá tornar a economia angolana mais atractiva para o investimento privado, externo e interno. No ATLANTICO, temos sentido o impacto positivo das medidas já implementadas, no reforço da nossa rede de parceiros internacionais, que, para além das parcerias firmadas em 2019, foi recentemente alargada com a aprovação de linhas de financiamento junto do Banco Africano de Desenvolvimento e do Afreximbank.

## **De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

A propagação da Covid-19 e a forte redução do preço do petróleo estão a originar relevantes desafios económico-financeiros num contexto de recessão, nomeadamente uma pressão adicional sobre a taxa de câmbio e sobre os preços e poder de compra, que se espera que possam ser mitigados pelas medidas extraordinárias aprovadas pelo Governo. Contudo, acreditamos que este contexto pode servir como um ponto de viragem para o início de um novo período de crescimento sustentado da economia angolana, tornando-se mais competitiva e, logo, uma alternativa apetecível para o investimento estrangeiro. Os bancos podem desempenhar um papel importante nesta inversão do ciclo económico, sendo importante para o efeito, que seja conferida maior liquidez ao sistema financeiro e maior celeridade aos processos judiciais em sede de contencioso.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

O Plano estratégico ATLANTICO 2.1 assenta na premissa de que o Banco deve proporcionar aos seus Clientes a possibilidade de efectuarem as suas operações onde, quando e como desejarem. Desta forma, o Banco mantém a sua aposta no forte investimento que tem vindo a efectuar na digitalização dos seus processos *core*, procurando melhorar a experiência dos seus Clientes, através da disponibilização de jornadas mais simples, ágeis e digitais. Para tal, tem disponibilizado um leque cada vez maior de operações remotas através dos canais digitais (ATLANTICO Directo e \*400#) e do serviço remoto de gestão personalizada (Prestige Digital).

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

O ATLANTICO está a reforçar o seu posicionamento universal com o desenvolvimento de uma proposta de valor que simplifica o acesso do segmento de famílias e negócios de baixa renda ao sistema financeiro, sob o lema “Simplificar para bancarizar”.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

Em 2020, a nossa visão passa por rentabilizar o investimento levado a cabo na melhoria dos modelos de negócio, da tecnologia ao serviço da experiência dos Clientes e da rede de parcerias que constitui o Ecosistema ATLANTICO, materializando-se desta forma o desafio central do ATLANTICO 2.1 de sermos um Banco universal de base digital.

# Banco de Poupança e Crédito (BPC)

«A confiança é o pilar basilar da relação bancária. Só com confiança se estabelecem relações de negócio profícuas e duradouras»



**António André Lopes**

Presidente da Conselho de Administração

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

O exercício de 2019 foi marcado pela realização do exercício de Avaliação da Qualidade dos Activos (AQA), cujo resultado determinou a necessidade de recapitalização do Banco.

Neste contexto, o Conselho de Administração focou-se em ultrapassar as dificuldades operacionais, tendo por isso definido como prioridade a modernização dos sistemas de informação, a melhoria dos processos de negócio chave, o reforço dos controlos internos e de recuperação do crédito vencido.

No primeiro semestre de 2020, a actividade do Banco foi marcada pela implementação das medidas de capitalização, saneamento e reestruturação previstas no Plano de Recapitalização e Reestruturação (PRR) e, na sequência da Covid-19, pela criação de um Comité de Gestão de Crise que vem monitorando a actividade e o negócio, ajustando as medidas implementadas em função da alteração da situação epidemiológica.

**De que forma percebe a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

A confiança é o pilar basilar da relação bancária. Só com confiança se estabelecem relações de negócios profícuas e duradouras.

O programa de reformas em curso no país apoiado pelo FMI é bastante apreciado, na medida em que permite melhorar a governação e a transparência, melhorar o *rating* do país, as condições de financiamento junto dos mercados financeiros internacionais e ainda atrair mais investimento.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

A pandemia agudizou a crise económica e financeira a nível mundial, e a descida do preço do petróleo veio aumentar as necessidades nacionais de financiamento do orçamento sobre a balança de pagamentos.

Com a combinação destes dois factores, é expectável um abrandamento na evolução de alguns indicadores, que começavam a mostrar sinais de retoma, nomeadamente a balança comercial, e a degradação de outros indicadores já preocupantes, como a taxa de desemprego.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

É de conhecimento público que o Banco está a passar por um processo de recapitalização e reestruturação, que prevê a redefinição do seu modelo operacional através da optimização e automatização dos processos chaves e do reforço do sistema de controlo interno. Neste sentido, o Banco deu início à implementação do Programa de Modernização dos Sistemas de Informação (PMSI), através do qual perspectivamos um BPC mais digital e processos automatizados, com capacidade de gerar benefícios e soluções inovadoras, quer no atendimento, como nos produtos e serviços para os clientes.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

No âmbito do PRR, o Banco está a adoptar um conjunto de medidas de gestão, que inclui a redução da dimensão da sua rede de agências e do número de colaboradores. Estas medidas revelam-se imprescindíveis para assegurar a sustentabilidade do Banco, todavia serão acompanhadas de outras que visam melhorar a produtividade e garantir níveis adequados de prestação de serviços aos clientes.

Deste modo, o Banco está a apostar no reforço das competências técnicas e comportamentais dos colaboradores e na digitalização e criação de novos canais, nomeadamente na implementação de uma rede de agentes bancários em todo o território.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

As metas e objectivos do BPC estão reflectidos no PRR, a ser implementado no período de 2020 - 2023, através do qual o Banco pretende optimizar a estrutura bastante pesada de custos, que viabilize a instituição e garanta níveis de liquidez adequados ao volume de transações processadas.

Simultaneamente, pretende reforçar os sistemas de controlo interno e melhorar a gestão de riscos, que permitam a manutenção e continuidade de negócio, e no curto e médio prazo, o resgate da confiança e da credibilidade.

# Banco de Negócios Internacional (BNI)

«A transformação digital é uma realidade, sobretudo impulsionada pelos consumidores, que procuram cada vez mais uma relação rápida, fácil e segura com o seu banco»



**Mário Palhares**

Presidente da Conselho de Administração



**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

Os maiores desafios que o Banco BNI enfrentou em 2019 estão em linha com os do sector financeiro angolano na generalidade, os quais resultaram, sobretudo, da contínua desaceleração da economia, do aumento consistente da concorrência e da regulação no sector, que obrigou todos os bancos a ajustarem as suas estruturas e os seus capitais às boas práticas internacionais. Ainda assim, ou talvez também por isso, no último exercício procurámos consolidar a nossa posição no mercado e alcançámos resultados que nos permitem olhar para o futuro com alguma tranquilidade.

**De que forma percebe a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

O acordo do Governo com o FMI afigura-se-nos positivo para a imagem de Angola no exterior e para a sustentabilidade e transparência do sector financeiro, permitindo a certificação e validação da dívida externa angolana, bem como a possibilidade de vir a criar condições para a realização de investimento estrangeiro directo de qualidade e a obtenção de financiamentos externos, duas variáveis determinantes para o nosso desenvolvimento económico.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

Com alguma preocupação aliás comum a todos os *players* nacionais. Urge responder eficazmente ao problema de saúde pública que temos em mãos e apoiar quem lida no dia-a-dia com a pandemia, seja através de contribuições financeiras, ou de materiais de bio-segurança, ou de instalações, não deixando de ter em conta o impacto na economia, através da necessidade de atribuição de moratórias aos seus clientes, como já fez o Banco BNI.

A redução do preço do petróleo é um factor que afecta sobremaneira a nossa economia dada a nossa actual dependência desta *comodity* e obriga a uma redução de custos e contenção no crescimento.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

A transformação digital é uma realidade, sobretudo impulsionada pelos consumidores, que procuram cada vez mais uma relação rápida, fácil e segura com o seu banco. Apesar de continuar a privilegiar o contacto directo com os clientes, o BNI tem feito tudo para acompanhar a digitalização e a inovação em curso, tendo inclusive sido pioneiro em algumas situações, designadamente com a disponibilização do primeiro Cartão Multicaixa com chip aos seus Clientes, salvaguardando a segurança nas transacções, e com o lançamento do serviço BNIX em 2018, que permite realizar várias operações sem recurso a um *smartphone* ou à internet, assumindo-se como um dos primeiros produtos do género a funcionar em Angola.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

O Banco BNI tem abraçado com gosto os programas e as iniciativas de bancarização e inclusão financeira e este é o caminho que vamos continuar a percorrer. Recordo que com a criação da conta Bankita, em 2017, aumentámos de 33 mil para mais de 45 mil as contas abertas em 2019. E com a divulgação do BNIX conseguimos trazer para o sistema financeiro clientes que não dispõem nem de internet nem de *smartphones*.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

O Banco BNI está apostado no contínuo aprimoramento das suas operações, produtos e serviços, nomeadamente no que diz respeito às boas práticas do *corporate governance* e de controlo interno, pretendendo também vir a desempenhar um papel importante na diversificação e no desenvolvimento da nossa economia. Finalmente gostaria de referir que dada a necessidade sentida de termos no país bancos cada vez mais fortes e sólidos para o financiamento à economia angolana, incluindo a presença de bancos de capital estrangeiro, não deixaremos de analisar os potenciais processos de fusões e aquisições no sector bancário.

# Banco Prestígio (BPG)

«A actuação do FMI aponta o caminho para a conquista de um sistema financeiro resiliente, inclusivo e diversificado»



**Maria João Almeida**  
Presidente da Comissão Executiva

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

Foi um ano de notáveis mudanças face às medidas associadas às recomendações do FMI que têm trazido desafios cada vez maiores à banca nacional, quer ao nível institucional, como impulsoradora do desenvolvimento económico e social do país no seu papel de alocador eficiente das poupanças (intermediação financeira), quer ao nível de reinvenção do negócio bancário, pelos aspectos estruturantes e de transformação que resultam da disrupção digital.

Além disso, a pandemia Covid-19 está a por à prova a economia e o sistema financeiro nacional, porém temos implementado todos os meios alternativos de aproximação aos nossos Clientes e ao Mercado.

«A transformação digital não é somente uma questão de posicionamento, é algo que faz parte do quotidiano de todos nós»

**De que forma percebe a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

Consideramos de elevada importância a reflexão sobre o impacto da actuação do FMI em Angola. Em termos estratégicos, a sua actuação aponta o caminho para a conquista de um sistema financeiro resiliente, inclusivo e diversificado, cujo objectivo principal é contribuir para o desenvolvimento do sistema financeiro angolano e dar a conhecer aos *players* do sector privado um roteiro claro, que assegure um sistema financeiro estável e sólido, com uma maior inclusão financeira, desenvolvimento do mercado de capitais e dos sectores dos seguros e fundos de pensões.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

A problemática da Covid-19 e a redução do preço do petróleo apontam para um forte défice orçamental do Produto Interno Bruto (PIB) durante o ano corrente e o próximo, o que poderá obrigar o Governo a recorrer ao Fundo Soberano para, ainda que temporariamente, parar a descida. A emissão de títulos de dívida soberana em moeda estrangeira será sempre uma opção a considerar, bem como a reestruturação de dívida soberana junto de parceiros estrangeiros, partindo do princípio de que os rácios de cobertura do serviço de dívida não subam tanto quanto aconteceu no último ano.

A implementação de um quadro legal e operacional que promova a redução da participação do Estado na economia e o aumento da qualidade e variedade de serviços disponíveis para a população é uma solução real. Um exemplo é o Programa ambicioso de Privatizações que está em curso. Adicionalmente, a prossecução dos instrumentos PAC e/ou Aviso nº10/2020 devem permanecer como instrumentos de estímulo à economia e ao tecido empresarial. Melhorar o panorama legal, o *framework* de negócios, as infraestruturas básicas (energia, saneamento e saúde) e o sistema de educação irão certamente potencializar o apetite de investimento no país e sua subsequente criação de riqueza que, darão luzes ao tão cobiçado desígnio estratégico de diversificação da economia.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

A de posicionamento, *per si*, é algo que faz parte do quotidiano de todos nós temática da transformação digital tem feito parte da estratégia do Banco Prestígio. Não é somente uma questão, e por isso é imperioso que sejam disponibilizadas as melhores soluções a nível tecnológico para responder às necessidades dos parceiros na sua relação com os bancos. Portanto, mais do que digitalizar o modelo "habitual", olhamos mais além e temos vindo a definir estratégias para agregar valor aos negócios, dando resposta às necessidades actuais do mercado.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

Nos últimos anos, a banca nacional tem concentrado os seus esforços na disponibilização de novos produtos e serviços e no acesso a canais de distribuição alternativos. Enquanto instituição financeira temos vindo a direccionar a nossa estratégia numa base de segmentação de mercado, mais personalizada no modelo *one-to-one* que procura satisfazer mais eficazmente as necessidades e expectativas individuais de cada parceiro.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

O Banco Prestígio pretende manter o posicionamento no segmento de *Investment Banking* e *Private Banking* com um modelo de serviço *Premium* assente no fortalecimento da relação, confidencialidade e confiança dos seus parceiros. Deste modo, desejámos consolidar o nosso principal intento estratégico, isto é, sermos O Banco de Investimento em Angola. Para o efeito, esperamos consolidar e aumentar o volume de negócios por via das transacções originárias dos serviços de *coporate finance* e do mercado de capitais, quer na modalidade de dívida, *equity* e/ou fundos de investimento. É também nossa intenção continuar a apostar no desenvolvimento e promoção de uma oferta direccionada para os segmentos *Private & Corporate*, reforçando a rede de gestores *Private* e apostando cada vez mais na discricção no atendimento; qualidade de serviço e rapidez de execução.

# Banco Sol (BSOL)

«No médio e longo prazo, Angola poderá beneficiar com a mudança estrutural da economia»



**Teodoro Franco**

Presidente do Conselho de Administração

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

Em termos de desafios, destacamos a implementação de um novo modelo de governação corporativa, a redução dos custos operacionais e a optimização física da rede de balcões, o reforço da recuperação do crédito, a captação de novos clientes e fidelização dos já existentes, o aumento da usabilidade dos canais digitais, a valorização dos colaboradores e por fim, a melhoria dos serviços e produtos para a satisfação dos *stakeholders*. Neste sentido, as medidas adoptadas são: o processo de inovação e transformação digital, a revisão dos modelos de avaliação de desempenho e gestão de carreiras, a dotação dos balcões de ferramentas de gestão que promovam a proactividade e revisão dinâmica comercial, e por fim, a melhoria dos sistemas de controlo Interno.

**De que forma percepciona a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

A actuação do FMI em Angola, tem sido positiva pois o nível de exigência e de rigor traz consigo novos e elevados padrões de *performance* e transparência para as instituições financeiras e com isso um sistema bancário mais robusto e confiável. Por via disso, registaremos um melhor ambiente de negócios para todos, em particular para os investidores/cliente da banca.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

Angola sofre o impacto da crise financeira decorrente da quebra da produção e do preço do petróleo, bem como da crise sanitária decorrente da pandemia do covid-19. As consequências no curto prazo são devastadoras (aumento desemprego, da inflação, falência de empresas, quebra das importações, etc). Porém, no médio e longo prazo, poderemos ter benefícios ao nível da mudança estrutural da nossa economia, onde o aumento da produção interna e a redução das importações serão um facto. A nossa esperança reside no desenvolvimento do sector da agricultura, pecuária e pesca, da indústria transformadora e extractiva, com as instituições bancárias a desempenharem o importante papel de intermediárias financeiras.

«O nível de exigência e de rigor traz consigo novos e elevados padrões de *performance* e transparência»

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

Para o Banco Sol, o actual contexto, veio acelerar a implementação dos investimentos tecnológicos e da digitalização, previstos no nosso Plano Estratégico. No entanto, focamos a estratégia na optimização dos serviços electrónicos e aplicações existentes, bem como na evolução do portfólio aplicacional aliado às Fintech, sem descorar atenção à Cibersegurança.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

O Banco Sol, desde a sua génese, concedeu sempre foco a programas que visavam a bancarização e a inclusão financeira. Pretendemos criar produtos e serviços diferenciadores para auxiliar a bancarização e inclusão financeira das famílias angolanas, bem como, continuar a assegurar a dinamização deste processo através da concessão de Microcréditos, área em que somos hoje líder do mercado angolano.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

O Banco Sol gizou um Plano Estratégico para os próximos quatro anos, que abarca, entre outros, os seguintes objetivos: assegurar uma actividade operacional com foco na eficiência e rentabilidade; garantir a sustentabilidade do modelo de negócio do banco; apostar num crescimento sustentado do negócio, mantendo ou aumentando a actual quota de mercado; apostar na satisfação dos Clientes e demais *stakeholders*, atendendo às suas necessidades; apostar na valorização contínua dos Colaboradores, modernização tecnológica e transformação digital e, por fim, continuar a contribuir para a sociedade, desporto e cultura através da “Fundação Sol”.

# Banco YETU (YETU)

«O 2º semestre de 2020 e o ano de 2021 serão tempos desafiantes para a economia e sociedade angolana»



**Paulo Fontes**

Presidente da Comissão Executiva

## **De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

Identificamos como principais desafios nas actividades do Banco a abertura de mais 3 agências e um agente bancário, o início da negociação de títulos e obrigações junto à BODIVA e a implementação de uma série de medidas com vista a melhorar a flexibilização do mercado cambial, definidas pelo Banco Nacional de Angola. Apesar do desafio da Covid-19, sempre desenvolvemos a nossa actividade com base em uma relação de “proximidade, mas distantes” via canais digitais e estamos neste momento em fase de finalização de alguns produtos a serem lançados numa altura em que o comércio e as indústrias voltam a ganhar vida.

## **De que forma percebe a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

Acredito que a entrada do FMI poderá influenciar de forma positiva nas relações entre investidores/clientes e a Banca. Quantas mais medidas tomarmos para que a confiança, a ética e a transparência sejam uma realidade, sustentadas na competência e desburocratização, mais clientes, investidores nacionais e internacionais e empresas procurarão as instituições bancárias, logo mais credibilidade será conferida aos bancos e mais confiança haverá nos mercados.

## **De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

Ainda mergulhado numa crise financeira, viver uma pandemia é de certo mais do que desafiante. A isto junta-se a queda acentuada do preço do barril do petróleo que vem destabilizar por completo a nossa economia, obrigando à revisão do Orçamento Geral do Estado. Economicamente é como se vivêssemos uma crise dentro de outra crise. Acredito que o 2º semestre de 2020 e o ano de 2021 serão tempos desafiantes para a economia e para a sociedade angolana.

«O fenómeno da tecnologia já é algo evidente e está em risco a instituição que se atreva a ignorá-lo»

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

O fenómeno da tecnologia já é algo evidente e está em risco a instituição que se atreva a ignorá-lo. É fundamental acompanharmos este fenómeno e ir ao encontro das necessidades dos nossos clientes e do mercado. Uma das características da tecnologia é a redução de custos, a proximidade com os clientes através dos canais virtuais e o que se investe no virtual é reduzido em comparação com os custos do tradicional. Este ano teremos finalizado o nosso projecto de evolução digital, que vai ter como pontapé de saída a evolução do nosso site institucional, o *internet banking* e a aplicação mobile.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

A bancarização e inclusão financeira são grandes desafios. O Banco Yetu desde 2017 que iniciou o projecto de parcerias com agentes bancários, que identificamos como uma forma de apoio à bancarização e inclusão financeira. Temos respondido também às iniciativas do Banco Nacional de Angola, por exemplo com a divulgação em todas as nossas plataformas digitais, agências e agentes bancários informação sobre as contas bancárias simplificadas. Acredito na transferência de conhecimento, no desenvolvimento das equipas e na partilha de conhecimento entre todos. São valores pelos quais sempre me regi e acredito que só assim podemos crescer.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

Desde o primeiro momento que o Banco abraçou o desafio em lançar-se no mercado angolano almejando o crescimento e ser um banco diferente. Mantemo-nos com a mesma perspectiva, em dar alargados avanços no nosso capital humano, criando emprego e recrutando e formando novos jovens Bancários. Além disso pretendemos abrir mais agências, de uma forma sustentada e aumentar as parcerias a nível dos agentes bancários e claramente apostar na implementação de novos produtos e serviços, de banca convencional e electrónica.

# Standard Bank Angola (SBA)

«O futuro do negócio bancário em Angola passa por uma presença mais transversal através de novos canais de distribuição»



**Luís Teles**

Presidente da Comissão Executiva

**De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2020, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição financeira que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?**

A Covid-19 trouxe uma enorme crise global, questionando o nosso modo de vida, com consequências imprevisíveis. Esta situação teve um impacto dramático na vida das pessoas e das empresas. Neste contexto, o Banco utilizou as ferramentas de gestão de risco e planos de continuidade previstos para estas situações para proteger a instituição, nomeadamente o capital e liquidez, bem como os seus depositantes e colaboradores.

**De que forma percepção a entrada e actuação do FMI no País e como avalia o seu impacto no nível de confiança do investidor/cliente da banca?**

A entrada e actuação do FMI é muito positiva pois traz credibilidade internacional a Angola. É um marco necessário para granjear a confiança das instituições internacionais e multilaterais, bem como dos investidores interessados em Angola. A presença do FMI obriga a reformas estruturais importantes e poderá ser uma alavanca da iniciativa transformadora do Executivo.

**De que forma vê o panorama financeiro do País perante o problema do Covid-19 e a redução do preço do petróleo?**

São dois choques de grande impacto para a economia e com efeitos a curto prazo: aumento da dívida pública, da inflação e manutenção de elevadas taxas de juro. Estima-se um aumento do desemprego, dos níveis de incumprimento no crédito bancário, e o adiamento de projectos. Esta pandemia trará desafios para o aumento da receita fiscal e contenção de custos nos sectores público e privado. Serão necessárias reformas que acelerem a diversificação económica e a criação de emprego. A reacção do Executivo tem sido rápida e certa na mitigação dos efeitos da pandemia, e o Orçamento suplementar ditará dificuldades nos próximos meses, exigindo a contribuição de todos para uma rápida recuperação económica.

**De que forma se está a posicionar o Banco para fazer face ao desafio da necessidade de investimentos tecnológicos e da digitalização perante o contexto desafiante que vivemos atualmente?**

O Banco investiu na articulação de uma nova visão do futuro, com base na qual desenhamos um novo rumo de crescimento para as áreas de negócio, apoiado numa estratégia de digitalização e inovação, que está numa fase acelerada de implementação e que deverá transformar significativamente o perfil da instituição. Estamos a investir em competências e novas formas de trabalho, inovação e tecnologia com parceiros internacionais. O objectivo é sermos um Banco inovador, de referência, que disponibiliza uma experiência excelente aos Clientes.

**Tendo em consideração a relevância do aumento do nível de bancarização e inclusão financeira, de que forma se está a posicionar o Banco para assegurar a dinamização e o suporte a este processo?**

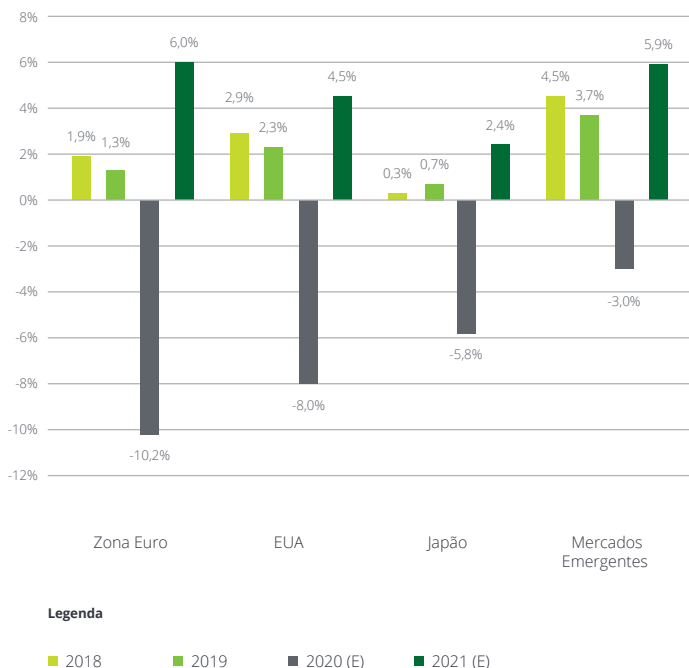
A inclusão financeira é fundamental para o desenvolvimento económico de Angola. O Banco está focado em apoiar a inclusão financeira tanto com intervenções sobre literacia financeira e soluções que permitam o aumento da bancarização e da formalização dos agentes económicos, como com uma participação activa na criação de um ecossistema de inovação e *start ups*.

**Quais as principais metas e objectivos traçados para o Banco para o futuro próximo?**

O futuro do negócio bancário em Angola passa por uma presença com maior capilaridade e mais transversal através de novos canais de distribuição. Existirão ecossistemas de colaboração, plataformas digitais transacionais, baseadas na *Cloud*, redes de agentes e balcões de voz, carteiras virtuais e moeda digital, parcerias com *fintechs* e *techfins*, que permitirão uma maior inclusão financeira, com um melhor nível de serviço, sempre disponíveis e com uma segurança mais robusta. É para esse futuro que o Banco está afincadamente a trabalhar. Queremos continuar a ser o *benchmark* em Angola.

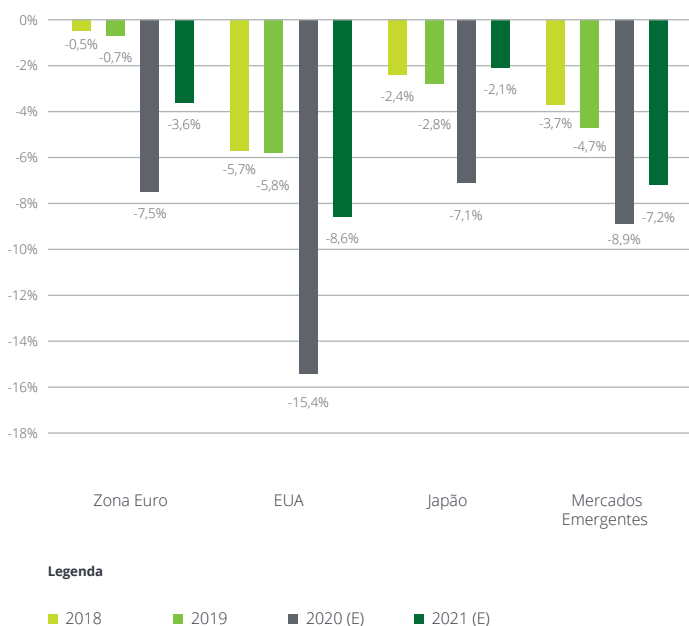
# Enquadramento macroeconómico

## Evolução do PIB real (2018 - 2021)



Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Junho 2020

## Défices Públicos (2018 - 2021)



Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Abril 2020

## Introdução

No início de 2020 tem vindo a ser observado um ambiente económico desfavorável devido ao impacto negativo da pandemia Covid-19, contrariando a tendência de crescimento registada em 2019. Relativamente às economias mais desenvolvidas, registou-se um crescimento económico de 1,7% em 2019, que se perspectiva que diminua consideravelmente em 2020, recuperando o ritmo de crescimento no ano seguinte.

Relativamente aos mercados emergentes, em 2019 registou-se um crescimento económico de 3,7%, crescimento sustentado pelo aumento das exportações de países como a China e a Índia, perspectivando-se, segundo o FMI, uma reversão desta tendência em 2020 para -3,0% em virtude da pandemia global Covid-19.

A zona Euro apresentou um crescimento económico moderado de 1,3% em 2019. O crescimento observado, acima do produto potencial, deve-se essencialmente ao aumento da procura externa. Não obstante, na sequência dos impactos negativos previstos no contexto económico em 2020, o FMI prevê que o período de retoma ocorra em 2021, ano em que o PIB real aumentará 6%. Por outro lado, perspectiva-se que o défice público aumente para 7,5% em 2020, diminuindo para 3,6% em 2021.

Nos Estados Unidos da América, o crescimento do produto interno bruto deverá sofrer uma variação negativa de 8,0% em 2020, fundamentalmente pelos impactos do Covid-19 na economia americana, causando instabilidade em termos de política doméstica e relações internacionais.

Alguns factores ameaçaram, recentemente, a estabilidade económica mundial e continuam a impor desafios à economia. Destacam-se o recuo nas negociações entre os EUA e a China, o aumento da tensão geopolítica entre os EUA e o Irão, os efeitos do Brexit sobre a evolução da economia Europeia e, acima de tudo, o impacto do Covid-19 no crescimento da economia global, especialmente nos sectores do turismo e aviação, bem como nos níveis de confiança e optimismo dos investidores.

### Evolução do PIB real nos BRIC (2018 - 2021)



Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Junho 2020

Segundo dados do FMI, o défice público dos Estados Unidos da América deverá manter a tendência de crescimento, alcançando os 15,4% em 2020 e impondo restrições à capacidade de crescimento económico a longo prazo, dado que a manutenção de uma posição deficitária coloca ainda mais pressão ao nível do stock de dívida pública do País.

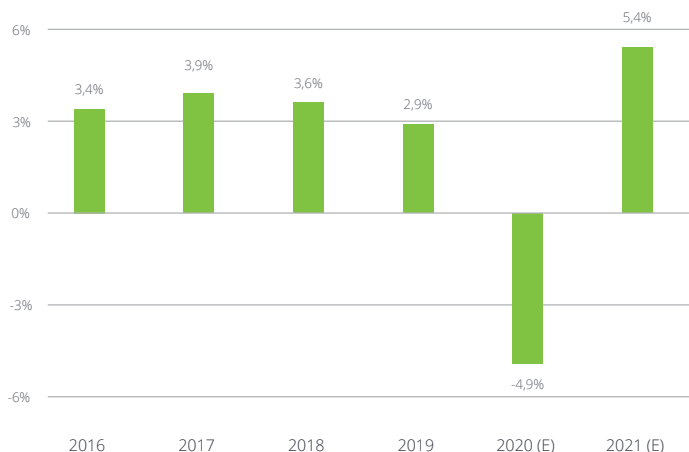
O produto interno bruto do Japão registou um crescimento de 0,7% em 2019, sendo que as previsões do FMI apontam para uma diminuição acentuada em 2020.

O Japão mantém como principal desafio ao crescimento económico sustentado a constante diminuição da sua força de trabalho, fruto do envelhecimento da sua população.

No que concerne às economias emergentes, e particularmente à evolução verificada nos países que integram os BRIC, em 2019, Índia e a China viram o seu produto interno bruto crescer a taxas próximas dos 4% e 6%, principalmente devido a um aumento da procura externa alavancada na retoma da economia mundial. No caso do Brasil e da Rússia, registou-se uma redução do ritmo de crescimento face a 2018.

Segundo o FMI, nos próximos anos, os países que constituem os BRIC deverão continuar a apresentar ritmos de crescimento díspares, sendo que, apesar do impacto do surto Covid-19, China deverá manter, em 2020 e 2021 um crescimento do PIB, enquanto que o Brasil, Rússia e Índia deverão apresentar contracções das suas economias, nomeadamente em 2020.

## Evolução do PIB real mundial (2016 - 2021), total de 194 países



Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Junho 2020

## Principais indicadores macroeconómicos

### Produto Interno Bruto

A retoma da economia mundial verificada desde 2016 prolongou-se até inícios de 2020, tendo sido observado um crescimento de 2,9% do produto interno bruto mundial em 2019, sustentado pelo crescimento considerável das principais economias desenvolvidas e da generalidade das economias emergentes.

No início de 2020 as previsões do FMI apontavam para uma aceleração do crescimento do PIB Mundial, suportado pela evolução do sector industrial e do comércio global, pela evolução positiva das negociações comerciais entre os EUA e China e pela perspectiva de sucesso na conclusão da negociação do Brexit.

No entanto, a revisão das previsões do FMI, tendo em consideração o actual contexto derivado da pandemia Covid-19, perspectivam um ano de 2020 marcado por uma desaceleração agravada do crescimento da economia mundial. Não obstante, segundo as últimas previsões do FMI, é expectável uma acentuada recuperação global já a partir de 2021.

## Taxas de juro (2014 - 2020 YTD)



Fonte: BCE, *Federal Reserve Economic Data*, EMMI – *European Money Markets Institute*

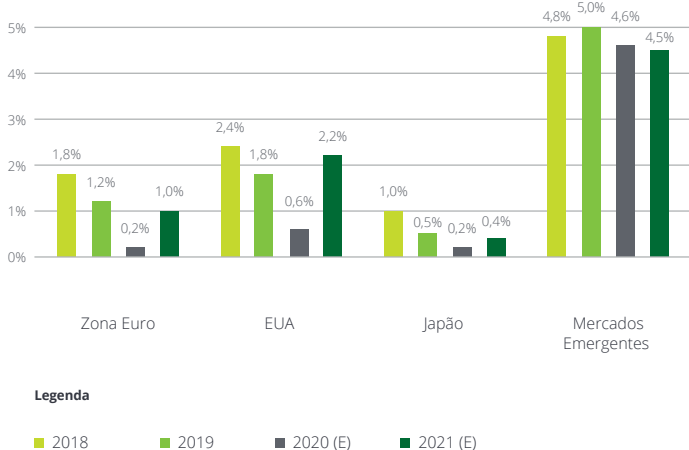
## Taxas de juro

Contrariamente aos últimos anos, os principais bancos centrais mundiais têm apresentado políticas monetárias semelhantes para atenuar as dificuldades sentidas, pelo que é expectável que as taxas de juro permaneçam baixas por um período prolongado de tempo.

Relativamente à União Europeia, a Euribor a 3 meses encontra-se em terreno negativo desde Maio de 2015 e não se prevêem alterações significativas até Dezembro de 2025, consequência da redução da inflação e do reforço dos estímulos monetários do Banco Central Europeu.

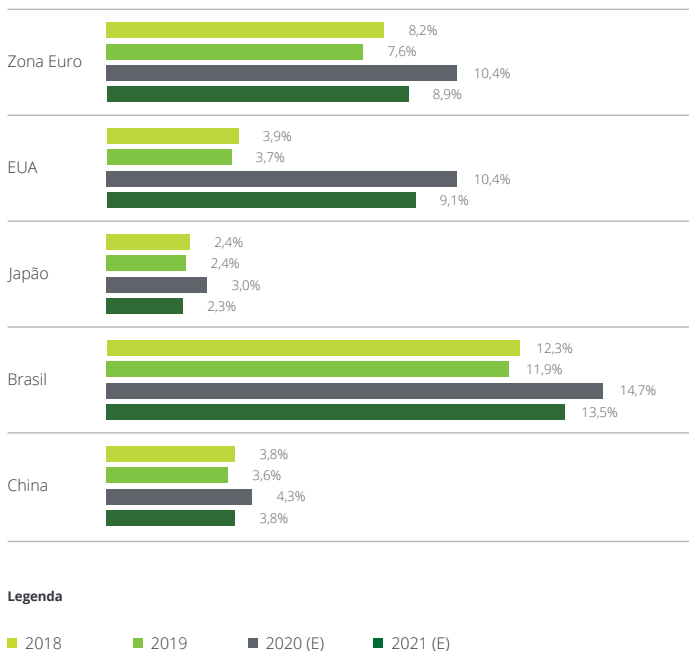
Nos Estados Unidos da América, após sucessivos aumentos da taxa de juro, instalou-se a preocupação de que a determinação da taxa se baseie num número cada vez menor de transacções interbancárias e, consequentemente, seja uma referência cada vez menos fiável para os mercados financeiros mundiais, o que originou uma quebra desde o início de 2019. Neste sentido os mercados têm vindo a trabalhar no desenvolvimento de parâmetros de referência alternativos.

### Taxa de inflação (2018 - 2021)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2020

### Taxa de desemprego (2018 - 2021)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2020

### Taxa de inflação

Em 2019 foi registado um aumento da taxa de inflação na generalidade das economias mundiais, no entanto, em virtude do surto do Covid-19, estima-se que em alguns países os valores de procura mais baixos possam levar a expectativas de quebras de inflação (desinflação) e a preocupações de endividamento e de deflação.

Na Zona Euro, a inflação atingiu os 1,2% em 2019, sendo este valor inferior ao objectivo de 2% do Banco Central Europeu. Expurgando o efeito do preço do petróleo, a taxa de inflação apresentaria valores ainda mais baixos.

No Estados Unidos da América, contrariamente ao aumento acima de 2% observado em 2018, alicerçado essencialmente no aumento sustentado da procura dos consumidores, em 2019, a inflação encontra-se de novo ligeiramente abaixo de 2%.

Nos mercados emergentes, a inflação recuperou ligeiramente a partir de 2018, no seguimento da estabilidade cambial e das recuperações face ao dólar.

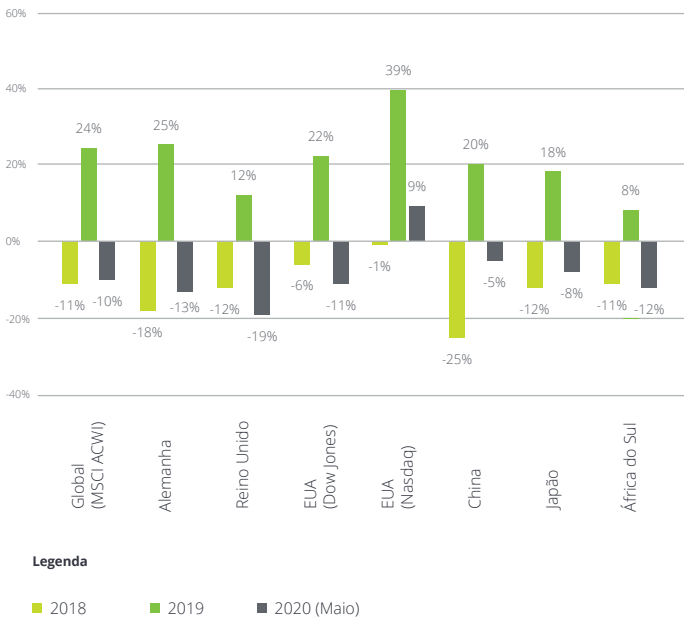
Em 2020, é expectável que a economia mundial mantenha a tendência de desinflação já sentida em 2019 e que se acentue devido ao impacto da quebra nos preços do petróleo.

### Taxa de desemprego

Até ao início de 2020, e de forma generalizada, a taxa de desemprego manteve a tendência de diminuição nas principais economias mundiais, em virtude da trajectória de crescimento observada e das reformas laborais implementadas ao longo dos últimos anos. Nos EUA, Zona Euro, Reino Unido e Japão observaram-se no decorrer de 2019 taxas de desemprego próximas de mínimos históricos.

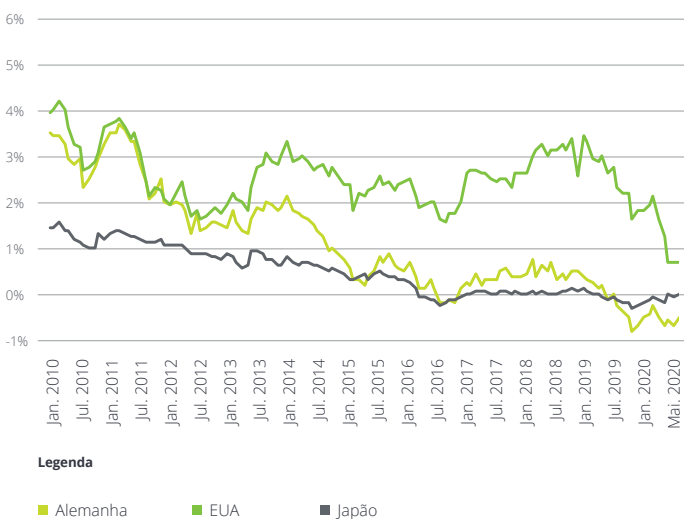
Dado o contexto actual, é expectável que, em 2020, as taxas de desemprego a nível mundial sofram aumentos consideráveis. A partir de 2021, e segundo as previsões do FMI, prevê-se que estes valores regressem progressivamente aos registados em 2019.

## Evolução dos mercados accionistas (2018 - 2020 YTD)



Fonte: Investing, Bloomberg, MSCI

## Obrigações do Tesouro, 10 anos (2010 - 2020 YTD)



Fonte: Investing, Bloomberg, MSCI

## Mercados financeiros

A nível global, os mercados financeiros aumentaram significativamente as taxas de valorização em 2019, contrariando o decréscimo acentuado registado em 2018. Destaca-se a aceleração do mercado bolsista nos Estados Unidos da América, com uma taxa de crescimento de 39%.

A evolução global é captada pelo *MSCI All Country World Index*, um índice compósito constituído por empresas de 23 países desenvolvidos e 23 países em desenvolvimento.

Os principais índices bolsistas mundiais, que iniciaram 2020 de forma positiva, mantendo a tendência observada do ano anterior, sofreram uma elevada desvalorização devido à pandemia COVID-19, causando instabilidade na política e economia internacional. Destes, somente no índice *Nasdaq* se observa uma recuperação do impacto causado pelo período pandémico no 1º trimestre de 2020.

Relativamente às *yields* associadas às obrigações do tesouro a 10 anos das principais zonas económicas de referência, a redução que se verifica desde meados de 2018 continua a prolongar-se, sendo mais expressiva nos EUA.

Nos EUA, as *yields* das obrigações a 10 anos terminaram o ano de 2019 nos 1,9%, estando neste momento já abaixo de 1% como resultado das medidas tomadas pelo FED com o objectivo de mitigar os efeitos da pandemia e dinamizar a actividade económica.

À semelhança de anos anteriores, em 2019 as restantes economias mundiais não acompanharam o ritmo de crescimento dos EUA, tendo como consequência a valorização do dólar americano face à maioria das moedas.

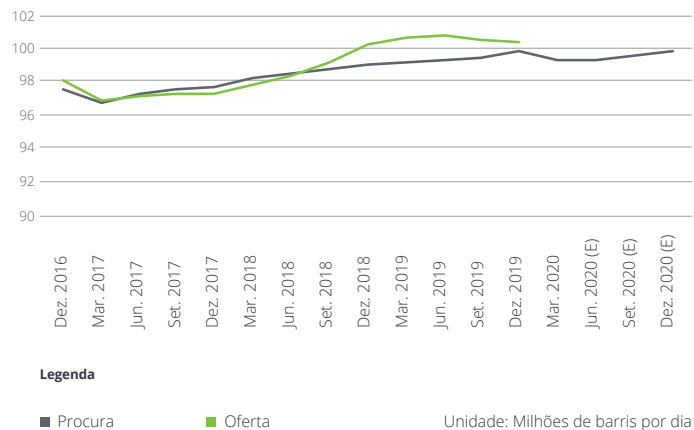
No final de 2019, as taxas de juro tanto na Alemanha como no Japão registavam valores negativos.

**Preço do Petróleo (2014 - 2020 YTD)**



Fonte: US Energy Information Administration

**Procura e Oferta Mundiais de Petróleo, média móvel de 1 ano (2016 - 2020 YTD)**



Fonte: International Energy Agency

**Petróleo**

A queda do preço do petróleo no final de 2018, que então se situava nos \$50 por barril, foi uma consequência directa de um excedente significativo da oferta face à procura.

Esta situação levou à realização de uma reunião entre os membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), onde foi acordado um compromisso de diminuição de produção de petróleo.

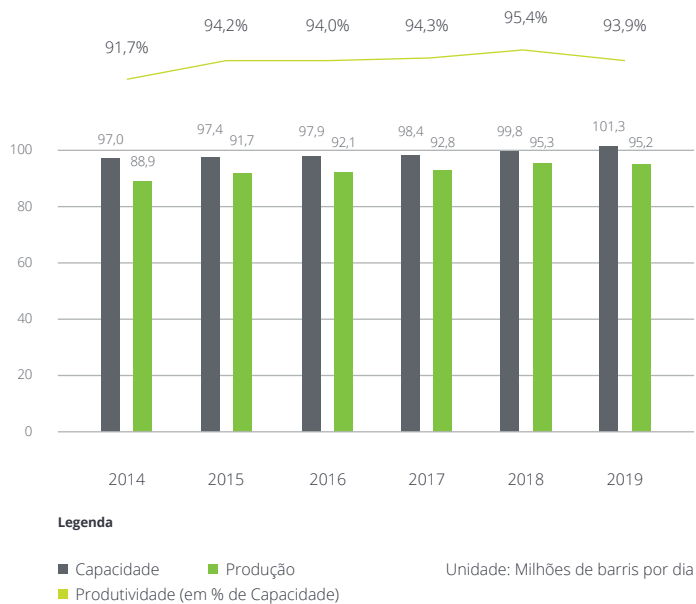
No final do ano de 2019, após mais uma reunião dos membros da OPEP, ficou novamente decidida uma diminuição da produção de petróleo em 500 mil barris por dia no primeiro trimestre de 2020, sendo que após esta reunião o preço do petróleo estabilizou em \$64.

Os diversos ataques ao maior produtor mundial de petróleo, as sanções aplicadas a diversos países exportadores de petróleo e os cortes na produção de petróleo fizeram com que em 2019 o preço do petróleo subisse mais de 20%.

Em 2020, devido ao surto de Covid-19, a queda abrupta no consumo e a falta de capacidade de armazenamento, provocaram, no início de Março, uma quebra acentuada do preço do barril de petróleo, tendo atingido mínimos históricos desde 2001.

A perspectiva é de um retorno progressivo no segundo semestre de 2020 devido às medidas adoptadas de combate à pandemia Covid-19.

### Capacidade e Produtividade das Refinarias Mundiais (2013 - 2018)

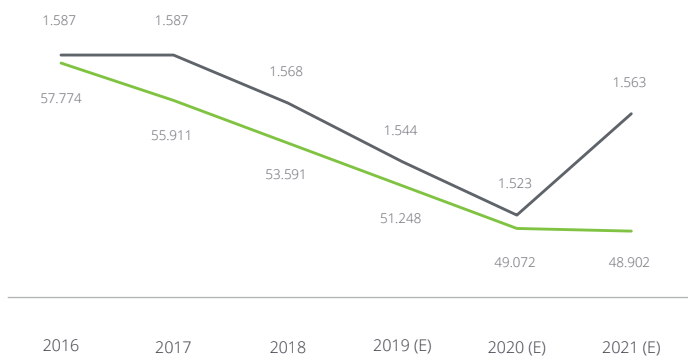


Tal como nos últimos anos, em 2019 registou-se um aumento da capacidade de produção, no entanto é possível observar um decréscimo pouco acentuado relativamente à produção das refinarias a nível mundial. Destaca-se, uma ligeira redução da produtividade, evidenciada pelo aumento da capacidade face à evolução da produção.

Fonte: BP – *Statistical Review of World Energy*, Junho 2020

# Enquadramento económico angolano

## Evolução do PIB real (2016 - 2020)



### Legenda

■ PIB (mil milhões AKZ) ■ PIB per capita (em AKZ)

Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Abril 2020

## Introdução

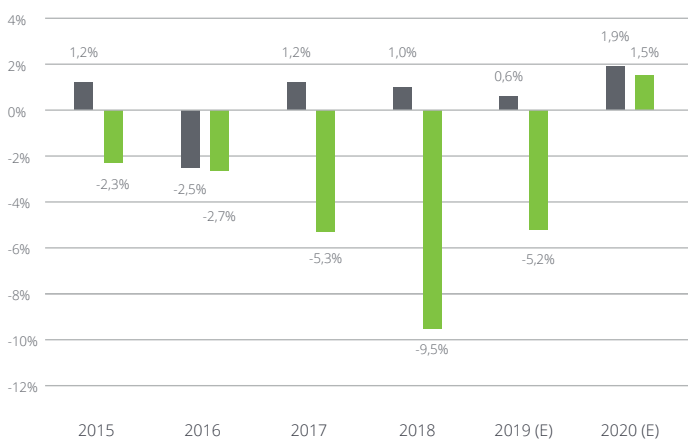
Angola atravessa um período de recessão económica – o desempenho do sector petrolífero aliado a uma estrutura económica pouco robusta e diversificada, e ainda ao efeito da pandemia Covid-19, afectam negativamente o rendimento disponível das famílias, a taxa de desemprego e os níveis de poupança pública, inibindo o consumo, o crescimento da produção e do investimento.

Em Angola tem vindo a ser observada uma contracção da economia, com taxas de crescimento reais negativas, de cerca de 2,6% em 2016, 0,15% em 2017 e 1,2% em 2018. Em 2019, estendeu-se o período de recessão apesar dos esforços e das iniciativas do Executivo realizadas no sector não-petrolífero.

Segundo dados do Ministério das Finanças, as previsões do Executivo apontam para uma recessão em 2020 de aproximadamente 1,21%, resultante da expectativa de redução da produção petrolífera em 0,17%, combinada com uma redução do PIB não petrolífero em 0,98%.

As previsões macroeconómicas mais recentes do FMI antevêm igualmente uma recessão em 2020, correspondendo a uma taxa de crescimento real negativo acima das previsões do Executivo (-4,0%). Contudo, para 2021 prevê-se a retoma do crescimento do PIB, perspectivando-se um crescimento na ordem dos 3,2%.

## Evolução do PIB real petrolífero e não petrolífero (2015 - 2020)



### Legenda

■ Sector não petrolífero ■ Sector petrolífero

Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2020

## Principais indicadores macroeconómicos

### Produto Interno Bruto

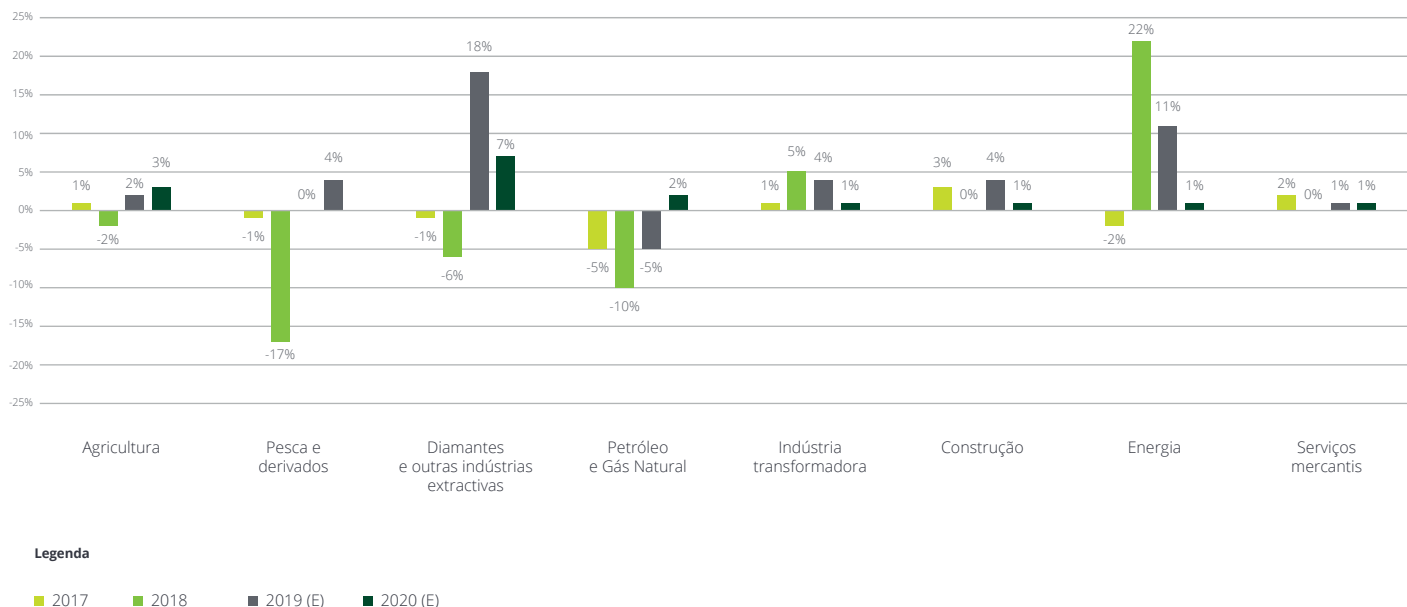
Em virtude da circunstância actual de baixos preços do petróleo no mercado internacional, registou-se uma desaceleração da economia angolana em 2019.

Um dos objectivos do Executivo consiste em consolidar o processo de reestruturação institucional do sector petrolífero e da separação das funções de operadora e concessionária da Sonangol.

Por sua vez, o sector não petrolífero apresenta um desempenho positivo. Os sectores de actividade económica que compõem o PIB não petrolífero deverão crescer a um ritmo superior face à taxa de crescimento média do sector, com excepção dos sectores Energia e Serviços Mercantis.

O sector da extracção de diamantes e outras indústrias extractivas, deverá apresentar a melhor *performance* em 2020, com uma taxa de crescimento de 7%.

### Evolução do PIB por sectores de actividade (2017 - 2020)



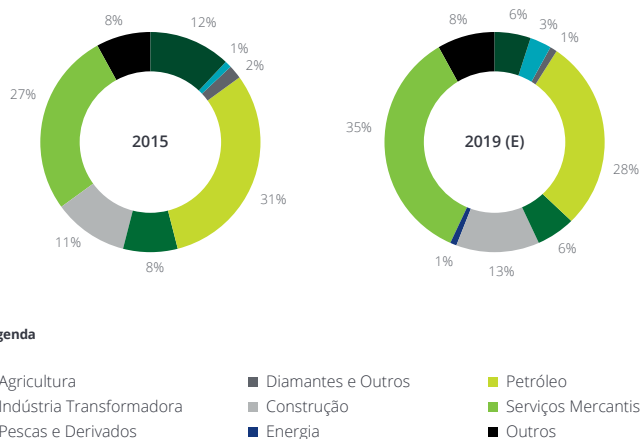
Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2020

Apesar do sector petrolífero ter vindo a reduzir o seu peso na estrutura da economia nacional nos últimos anos, em 2019, observou-se uma aproximação do peso deste sector aos níveis registados em 2015 (28%).

Adicionalmente, o sector de serviços mercantis tem vindo a assumir um papel de preponderante importância na economia (variação positiva de 8% face a 2015).

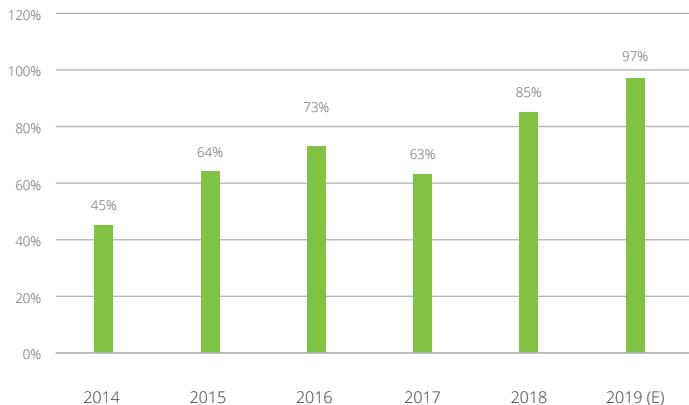
Desta forma, continua a revelar-se importante prosseguir com o processo de diversificação económica, beneficiando dos recursos e oportunidades de que Angola dispõe e que proporcionem uma redução da exposição da economia ao sector petrolífero.

### Estrutura da economia (2015 - 2019)



Fonte: BNA - Relatório e Contas 2019

### Dívida Pública (2014 -2019)

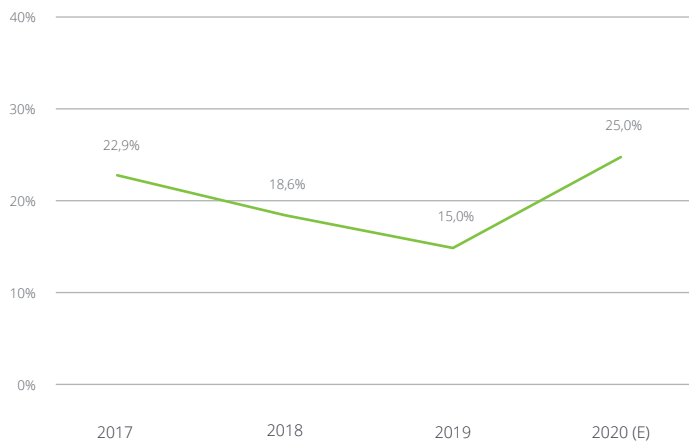


Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2020

### Dívida Pública

Relativamente à dívida pública angolana, em 2018 fixou-se em 85% do PIB gerado, o que representa uma subida acentuada relativamente a 2017 (+22 pp). Em 2019 perspectiva-se um novo aumento da dívida pública atingindo um patamar na ordem dos 97%.

### Taxa de inflação homóloga de Angola (2017 - 2020)



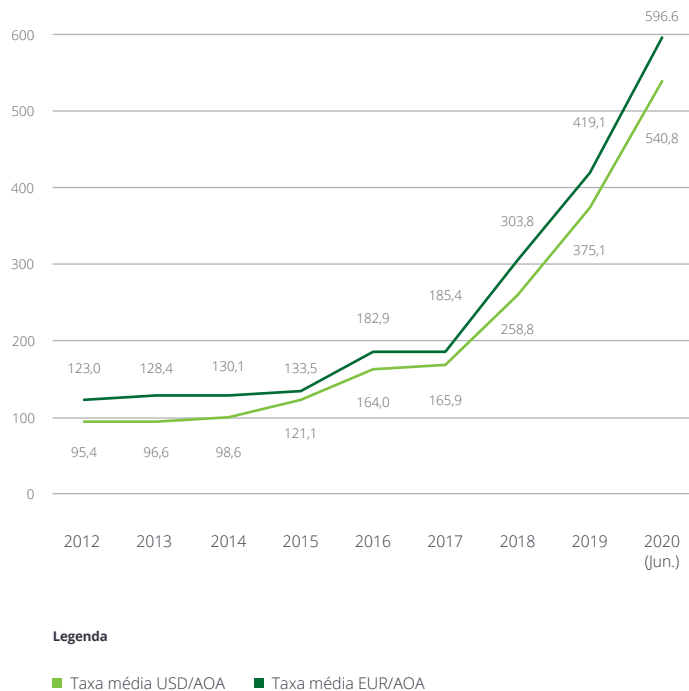
Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2020

### Taxa de inflação

Após o pico registado em 2016 e 2017, a taxa de inflação diminuiu até 2019, resultado da adopção de medidas de estabilização macroeconómica pelo Executivo e pelo apoio financeiro e técnico do Fundo Monetário Internacional, no âmbito do Programa de Financiamento Ampliado.

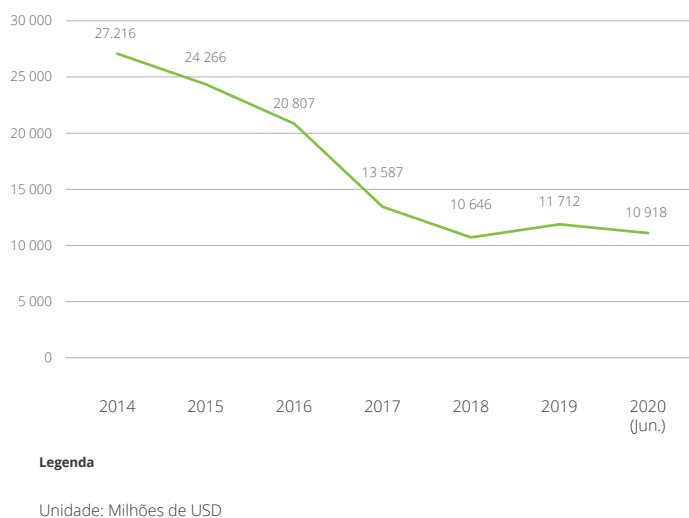
Segundo previsões do Executivo, deverá ser revertida a tendência de diminuição da taxa de inflação da economia angolana, prevendo-se um valor de inflação de 25% em 2020.

### Taxa de câmbio (2012 - 2020 YTD)



Fonte: BNA

### Reservas internacionais líquidas (2015 - 2020 YTD)



Fonte: BNA

### Taxa de câmbio

Tal como registado em anos anteriores, também em 2019 se observou uma desvalorização cambial, sendo esta desvalorização mantida até Junho de 2020.

Em 2019 a política monetária manteve-se acomodatória, com o objectivo de apoiar as reformas estruturais do mercado cambial e gerir os riscos da inflação.

O objectivo será continuar com a normalização da taxa de câmbio e minimizar a diferença para as taxas praticadas no mercado paralelo. O regime de câmbio flutuante tem aproximado o câmbio formal do "informal".

O BNA pretende continuar com um regime de taxa de câmbio flexível até ao fim do programa de financiamento do FMI, assegurando um controlo mais eficiente da evolução da taxa de inflação.

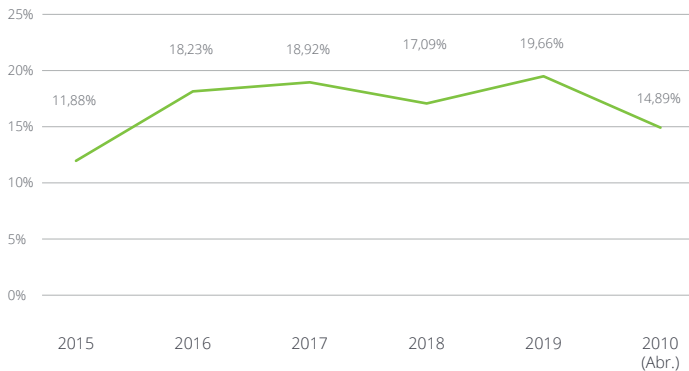
Como consequência, verificou-se um aumento na venda de divisas em moeda estrangeira, trazendo maior eficiência na distribuição da mesma, maior regularidade e previsibilidade ao mercado.

### Reservas internacionais líquidas

Durante o ano de 2019 e início de 2020, continuou a verificar-se a redução das reservas internacionais líquidas, algo que se verifica desde o início do período em análise.

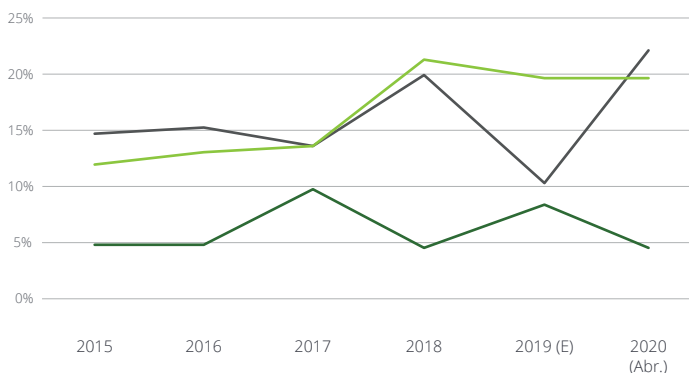
No entanto, o ritmo de diminuição das reservas internacionais líquidas abrandou desde inícios de 2018, atingindo cerca de 11 mil milhões de USD em Junho deste ano.

### Taxa LUIBOR a 3 meses (2015 - 2020 YTD)



Fonte: BNA

### Taxa de Juro (2015 - 2020 YTD)



**Legenda**

- Empréstimo a sociedades não financiadas
- Empréstimo a particulares
- Depósito a prazo

Fonte: BNA

### Taxas de juro

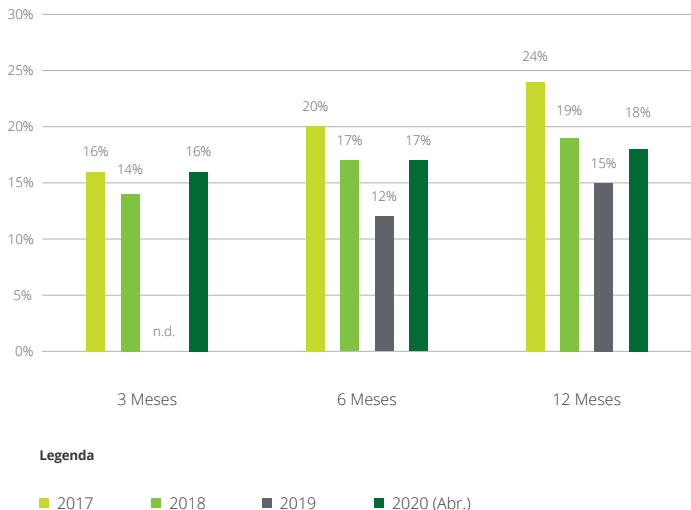
A taxa LUIBOR a 3 meses registou aumentos desde o início do período em análise até 2018, período em que decresceu. Apesar do aumento registado em 2019, a taxa LUIBOR a 3 meses voltou a decrescer tendo atingido 14,89% no final de Abril de 2020.

A taxa de juro de empréstimos a sociedades não Financeiras sofreu uma subida acentuada desde finais de 2017, no seguimento do aumento da taxa pelo BNA, tendo descido abruptamente até 2019. Estima-se que a taxa de juro de empréstimos a sociedades não financeiras aumente para níveis superiores aos registados em 2018.

A taxa de juro associada aos empréstimos a particulares manteve-se estável em 2019. Por outro lado, a taxa de juro dos depósitos a prazo registou um aumento em 2019, após um decréscimo significativo no ano anterior.

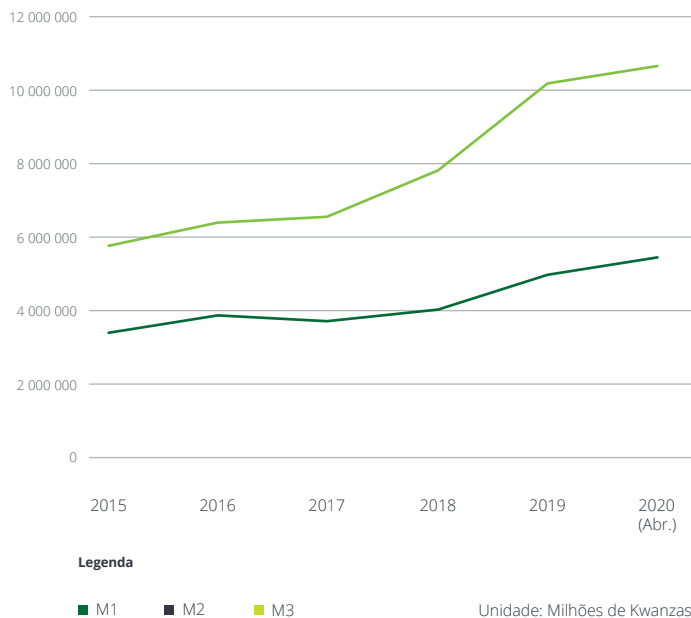
Em 2020, os níveis de inflação na economia mantêm-se elevados e, de forma a continuar o exercício da estabilização de preços na economia, em Março de 2020, o BNA decidiu manter a taxa básica de juro em 15,5%, considerada negativa por estar abaixo da taxa de inflação, situada em 18,42% em Fevereiro deste ano.

### Evolução das Yields (2017 - 2020 YTD)



Fonte: BNA

### Massa Monetária (2015 - 2020 YTD)



Fonte: BNA

Nota: M2 e M3 apresentam valores muito próximos e não distinguíveis graficamente.

### Evolução das Yields

O stock de obrigações domésticas do Governo cresceu 36% a/a, reflectindo o impacto da desvalorização do Kwanza nas obrigações indexadas ao Dólar e a intenção de aumentar a dívida de longo prazo, como forma de aliviar a pressão do custo da dívida governamental no curto-prazo.

A *yield* dos bilhetes de tesouro a 3 meses atingiu os 16% em Abril de 2020. A taxa das 6-m *T-bill* aumentou para 17%, depois de ter totalizado uma média de 12% em 2019. A *yield* das obrigações do tesouro a 12 meses também aumentou, tendo atingido 18% em Abril de 2020.

### Massa Monetária<sup>1</sup>

A massa monetária aumentou 28,2% em 2019 face ao valor registado no ano anterior. Este aumento foi homogéneo entre os 3 agregados monetários.

Em 2020, espera-se um aumento (ainda que inferior) de 6,1% da massa monetária, superior no sector M1 (9,2%).

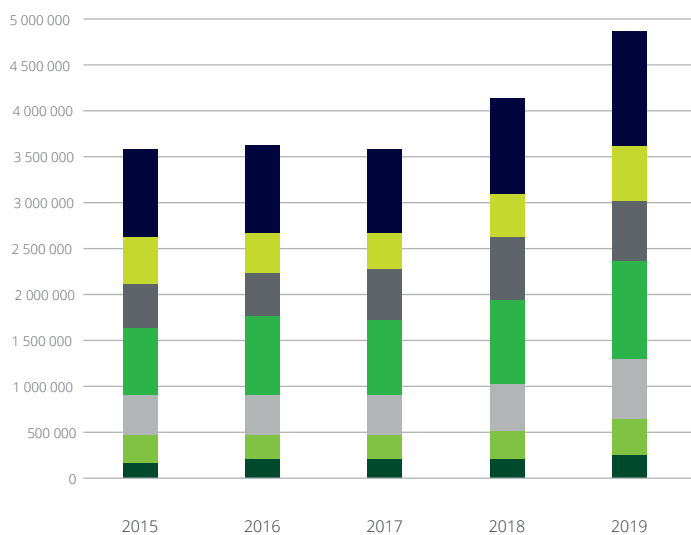
<sup>1</sup> A Massa Monetária é composta por M1, M2 e M3.

**M1 (Moeda):** compreende as notas e moedas em poder do público, mais os depósitos à ordem de empresas, de particulares e do governo local, em moeda nacional e moeda estrangeira.

**M2 (Moeda + quase Moeda):** M1 + os depósitos a prazo das empresas e de particulares, em moeda nacional e estrangeira, mais outras obrigações em moeda estrangeira de empresas e particulares.

**M3 (Meios de Pagamento):** M2 + Outros Instrumentos Financeiros, representados pelos títulos do banco central em poder de entidades privadas, mais os Empréstimos e Acordos de Recompra, quer em moeda nacional quer em moeda estrangeira, dos particulares e das empresas não financeiras privadas.

### Crédito bruto à economia por sector de actividade (2015 - 2019 YTD)



#### Legenda

- Agricultura e Pecuária
- Indústria transformadora
- Construção
- Comércio
- Actividade imobiliária
- Serviços
- Outras

Unidade: Milhões de Kwanzas

### Crédito bruto à economia por sector de actividade

A partir de 2017, registou-se um aumento do crédito bruto à economia de 15% em 2018 e 17,9% em 2019.

Em 2019, os maiores aumentos registaram-se nos sectores da construção (27,5%), agricultura e pecuária (23,9%) e serviços (23%).

Fonte: BNA

### Considerações finais e perspectivas futuras

Em 2019 o crescimento económico no continente africano foi impactado pela desaceleração no crescimento dos países desenvolvidos. Adicionalmente, a seca rigorosa sentida em vários países africanos, limitou a geração de electricidade e a produção agrícola. Adicionalmente a instabilidade da relação comercial EUA-China teve um impacto negativo nos preços do cobre, afectando a actividade económica do continente africano, em especial dos principais países exportadores.

A par dos acontecimentos macroeconómicos vividos em 2019, a crise pandémica COVID-19 que surgiu em no início de 2020 poderá rapidamente transformar-se numa emergência social e económica. Para além dos riscos para a saúde, a actual crise terá impactos em 3 diferentes vertentes: diminuição do comércio e do investimento da China a curto prazo, quebra da procura dos países da OCDE e União Europeia, devido aos longos períodos de confinamento, e diminuição das trocas comerciais entre países africanos, motivada por uma quebra generalizada da procura.

No que concerne à economia angolana, e em termos estruturais, continua a verificar-se uma considerável dependência do sector petrolífero e do preço desta matéria-prima nos mercados internacionais, muito embora tenha diversificado a sua estrutura económica nos últimos 4 anos, tendo para tal sido contribuído o Programa de Estabilização Macroeconómica lançado em 2018.

Após um período de acentuados desafios económicos causados pela baixa do preço do petróleo desde 2014, previa-se um crescimento do PIB de 1,8% em 2020, mesmo considerando uma redução do preço do petróleo.

Contudo, com a actual crise pandémica COVID-19, e consequente crise económica e financeira, tanto o FMI como o Executivo estimam que a economia nacional apresente um crescimento real negativo em 2020 de 1,2%, e 4,0% respectivamente.

Com o objectivo de ultrapassar a actual crise económica, o Executivo definiu políticas orçamentais restritivas, com incidência no investimento, capital e na reforma do Estado, através da optimização de estruturas e funções ao nível da Administração local. Paralelamente, é expectável que o Executivo continue a implementar outras reformas estruturais, medidas de estabilização macroeconómica e financeira, e de melhoria do ambiente de negócios, que permitam igualmente ao País ultrapassar a actual crise.

# Estudo da Banca em Análise 2020

**Figura 1 – Bancos em actividade em 2019**

<b>Sigla</b>	<b>Designação</b>	<b>Ano de Início de actividade</b>
<b>BPC</b>	Banco de Poupança e Crédito, S.A.	1977
<b>BCI</b>	Banco de Comércio e Indústria, S.A.	1991
<b>BCGA</b>	Banco Caixa Geral Angola, S.A.	1993
<b>BFA</b>	Banco de Fomento Angola, S.A.	1993
<b>BAI</b>	Banco Angolano de Investimentos, S.A.	1997
<b>BCA</b>	Banco Comercial Angolano, S.A.	1999
<b>BSOL</b>	Banco Sol, S.A.	2001
<b>BE</b>	Banco Económico, S.A. *	2002
<b>KEVE</b>	Banco Keve, S.A.	2003
<b>BMF</b>	Banco BAI Micro Finanças, S.A.	2004
<b>BIC</b>	Banco BIC, S.A.	2005
<b>BDA</b>	Banco de Desenvolvimento de Angola	2007
<b>BNI</b>	Banco de Negócios Internacional, S.A.	2007
<b>VTB</b>	Banco VTB África, S.A.	2007
<b>BKI</b>	Banco Kwanza Investimento, S.A.	2008
<b>FNB</b>	Finibanco Angola, S.A.	2008
<b>BCH</b>	Banco Comercial do Huambo, S.A.	2010
<b>BVB</b>	Banco Valor, S.A.	2010
<b>SBA</b>	Standard Bank de Angola, S.A.	2010
<b>SCBA</b>	Standard Chartered Bank de Angola, S.A.	2014
<b>YETU</b>	Banco YETU, S.A.	2015
<b>BIR</b>	Banco de Investimento Rural, S.A.	2015
<b>BPG</b>	Banco Prestígio, S.A.	2015
<b>BCS</b>	Banco de Crédito do Sul, S.A.	2015
<b>ATL</b>	Banco Millennium Atlântico, S.A. **	2016
<b>BOCLB</b>	Banco da China Limitada - Sucursal em Luanda	2017

Fonte: BNA-Lista das Instituições Financeiras Bancárias autorizadas

\* O Banco Económico, S.A. surge da redenominação do Banco Espírito Santo Angola S.A. ocorrida em 2014, após as medidas de saneamento aplicadas pelo BNA.

\*\* Em 2016, o Banco Millennium Angola, S.A. e o Banco Privado Atlântico, S.A. fundiram-se, dando origem ao Banco Millennium Atlântico, S.A..

**Figura 2 – Bancos com licença revogada em 2019**

<b>Sigla</b>	<b>Designação</b>
<b>BMAIS</b>	Banco Mais, S.A.
<b>BPT</b>	Banco Postal, S.A.
<b>BANC</b>	Banco Angolano de Negócios e Comércio, S.A.

### Bases de Preparação do Estudo

A análise do sector bancário nacional resulta, à semelhança do que tem sido a metodologia adoptada em edições anteriores, da compilação da informação pública disponibilizada pelos Bancos que actuam no mercado angolano e pelo Banco Nacional de Angola (BNA). Para efeitos de comparação, foram também recolhidos alguns dados referentes a outros mercados, nomeadamente o português, norte-americano, sul-africano e nigeriano.

Os valores agregados, salvo quando expressamente mencionado, resultam da informação do sistema financeiro disponibilizada pelo Banco Nacional de Angola.

O presente Estudo inclui a informação financeira em base individual dos Bancos a operar em Angola durante o ano de 2019, com a excepção do Banco Económico, S.A. para o qual ainda não se encontram disponíveis as Demonstrações Financeiras para o ano de 2019. Contudo, foi considerado o contributo do BE na apresentação da informação consolidada do sector, mediante a informação agregada do sector bancário disponibilizada pelo BNA.

Na Figura 1, são apresentados os Bancos que se encontravam em actividade no final do ano de 2019, sendo que na Figura 2, são apresentados os Bancos que, no primeiro trimestre de 2019, viram a sua licença revogada devido ao incumprimento dos requisitos mínimos regulamentares ao nível do capital social mínimo e dos fundos próprios regulamentares e, por esse motivo, foram excluídos do Estudo.

Ao longo do Estudo, são apresentados vários *rankings* relacionados com a informação financeira dos Bancos, com vista a fornecer uma visão comparativa do seu desempenho face aos restantes elementos do sector bancário nacional. Em virtude do processo de adopção plena das Normas Internacionais de Contabilidade e de Relato Financeiro (IAS/IFRS) ter sido concluído em 2017, a informação financeira de 2018 e 2019, já foi preparada tendo em consideração este referencial contabilístico, o que permite uma maior comparabilidade.

Adicionalmente, os valores apresentados referentes ao exercício de 2018 foram retirados dos Relatórios e Contas com referência a 31 de Dezembro de 2018, não tendo sido considerados os saldos reexpressos de 2018 presentes nos Relatórios e Contas com referência a 31 de Dezembro de 2019.

## Introdução

O ano de 2019 foi marcado por três eventos muito relevantes para o sector bancário, nomeadamente (i) a realização do exercício de Avaliação da Qualidade dos Activos (AQA), (ii) a implementação do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) no sistema financeiro e (iii) a liberalização do mercado cambial.

O AQA foi realizado a treze dos Bancos a operar no mercado nacional, os quais representavam cerca de 93% do total de activos do sector bancário, com referência a 31 de Dezembro de 2018. De acordo com as informações facultadas pelo BNA os resultados do AQA revelaram que o sector bancário é globalmente robusto, todavia houve a necessidade de reforço das perdas por imparidades constituídas para o crédito concedido por alguns dos Bancos, bem como alguns ajustamentos relevantes nas carteiras de títulos e valores mobiliários, nomeadamente no apuramento do Justo Valor no momento do reconhecimento inicial dos títulos que apresentassem condições de taxa de juro objectivamente abaixo das condições normais de mercado na data da sua mensuração inicial, os quais são exemplos os títulos de recapitalização recebidos por alguns Bancos públicos ou com capital público.

No que respeita à implementação do IVA, foi constituído um Grupo de Trabalho com o BNA, a Administração Geral Tributária (AGT) e a Associação Angolana de Bancos (ABANC) para abordar um conjunto de temas relacionados com este processo e análise dos impactos e desafios na sua implementação no sistema financeiro, sendo que os impactos mais visíveis foram ao nível (i) do quadro regulamentar, (ii) da adequação dos sistemas de informação dos Bancos, (iii) contabilístico, onde foram introduzidas novas rubricas contabilísticas no Plano de Contas das Instituições Financeiras Bancárias (PCIFB) e (iv) da definição de mecanismos de controlo. Não obstante os desafios que a entrada em vigor do IVA impôs ao sistema financeiro, o processo de implementação correu sem grandes sobressaltos.

Ainda no decorrer de 2019 foi dada continuidade à implementação do Programa de Estabilização Macroeconómica (PEM) definido no início de 2018, o qual conta com o acompanhamento do Fundo Monetário Internacional (FMI), ao abrigo do Programa de Financiamento Ampliado, tendo em vista o apoio às reformas económicas já iniciadas com a implementação do PEM.

No âmbito do PEM, foram implementadas um conjunto de políticas que visam (i) a redução da taxa de inflação, (ii) a normalização do mercado cambial, (iii) a estabilidade do sector financeiro, (iv) a revisão da Lei sobre a prevenção de Branqueamento de Capitais e Financiamento do Terrorismo e (v) o aumento da inclusão financeira.

Adicionalmente, o ano de 2018 foi também marcado pela entrada em vigor da Norma Internacional de Relato Financeiro 9 – Instrumentos Financeiros (IFRS 9) no sector bancário. A adopção desta Norma representa um marco importante no processo de adopção plena das IAS/IFRS conduzido pelo BNA que permitiu um alinhamento do sistema financeiro nacional com as melhores práticas internacionais a nível de referencial contabilístico e permite uma maior comparabilidade entre as demonstrações financeiras dos Bancos que actuam no mercado angolano e as demonstrações financeiras dos Bancos que actuam em outros mercados financeiros internacionalmente reconhecidos. Neste contexto, durante o ano de 2019 o BNA emitiu um conjunto de normativos para regulamentar a implementação da IFRS 9 pelo sector bancário.

## Meios Electrónicos de Pagamento

Em 2019, a utilização dos Meios Electrónicos de Pagamento no mercado nacional continuou a demonstrar a tendência de crescimento verificada nos últimos anos.

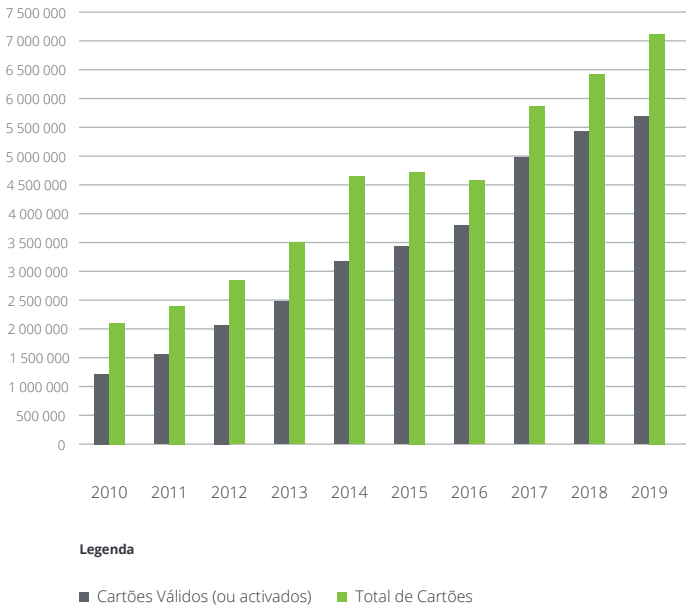
O número de Cartões Multicaixa Válidos (ou Activados)<sup>1</sup> apresentaram um aumento de 5,4 milhões em 2018 para 5,7 milhões em 2019, enquanto que o total de Cartões Multicaixa<sup>2</sup> registaram um aumento de 6,4 milhões em 2018 para 7,1 milhões em 2019, de acordo com os dados divulgados pela Empresa Interbancária de Serviços, S.A. (EMIS), demonstrando um aumento do *gap* entre os cartões Multicaixa válidos e o total de cartões Multicaixa.

Relativamente à Rede de Terminais, o número de Caixas Automáticas (ATM) e Terminais de Pagamento Automático (TPA) registaram um aumento de 0,7% e de 19%, respectivamente. O número de ATM aumentou de forma residual de 3 098 em 2018 para 3 120 e o número de TPA fixou-se em 115 206 terminais em 2019 face a 96 754 em 2018. No que concerne ao número de transacções, em 2019 verificou-se um crescimento global de aproximadamente 28% face a 2018, para o qual contribuiu o crescimento de 20% nas transacções realizadas em ATM e de 25% em TPA.

<sup>1</sup> Cartões Multicaixa Válidos (ou Activados): cartões emitidos que foram activados pelo Banco Emissor (incluem os cartões activos e os cartões inactivos).

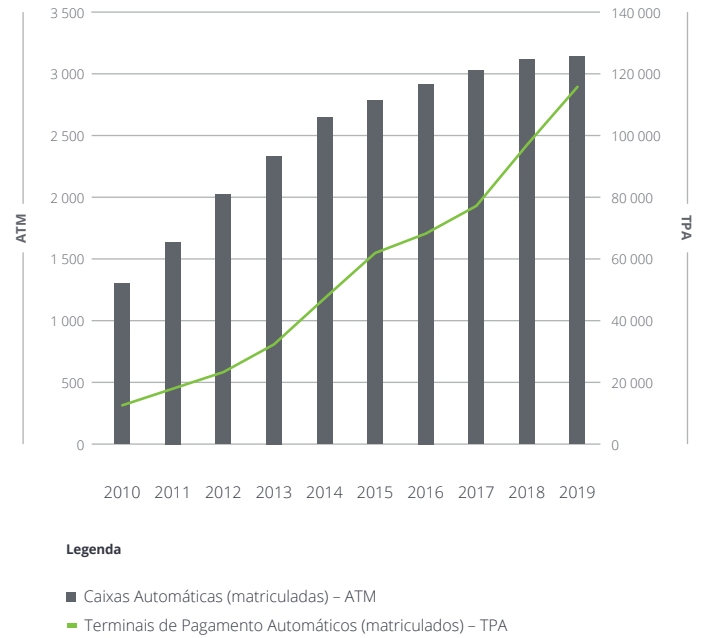
<sup>2</sup> Total de Cartões Multicaixa: cartões activos, cartões inactivos e cartões por activar.

**Figura 3 – Cartões Multicaixa**



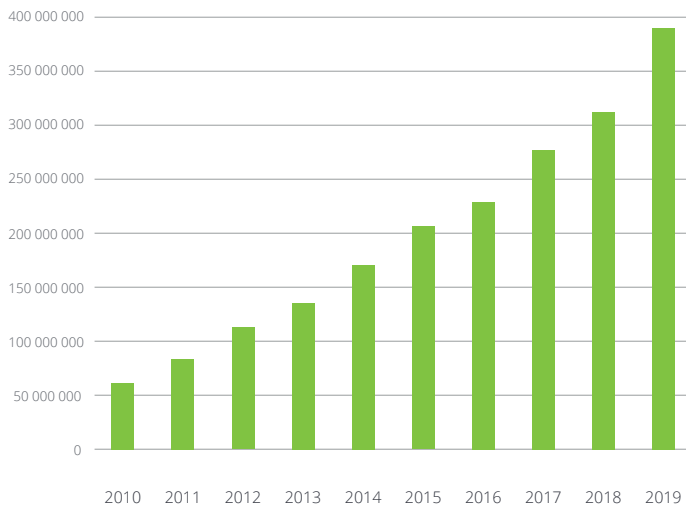
Fonte: EMIS

**Figura 4 – Rede de Terminais**



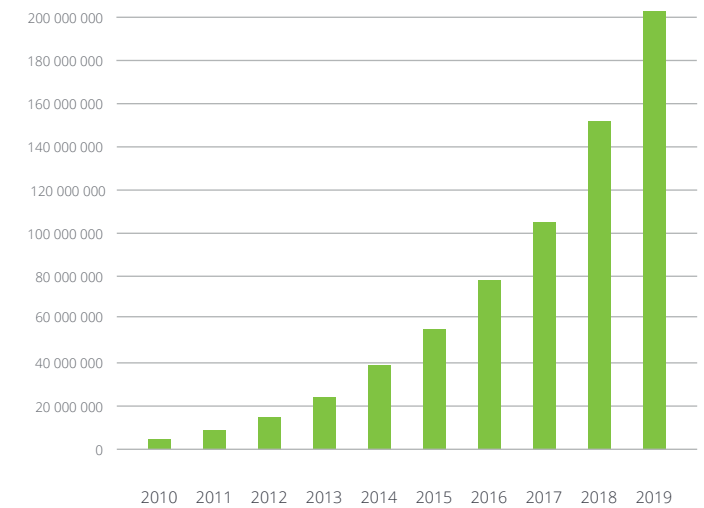
Fonte: EMIS

**Figura 5 – Transacções realizadas em ATM**



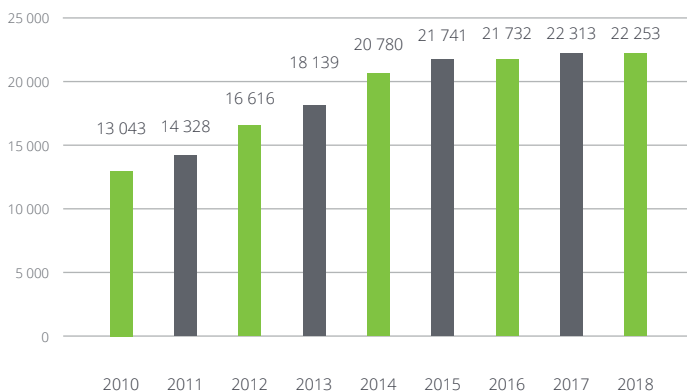
Fonte: EMIS

**Figura 6 – Transacções realizadas em TPA**



Fonte: EMIS

**Figura 7 – Evolução do número de colaboradores**



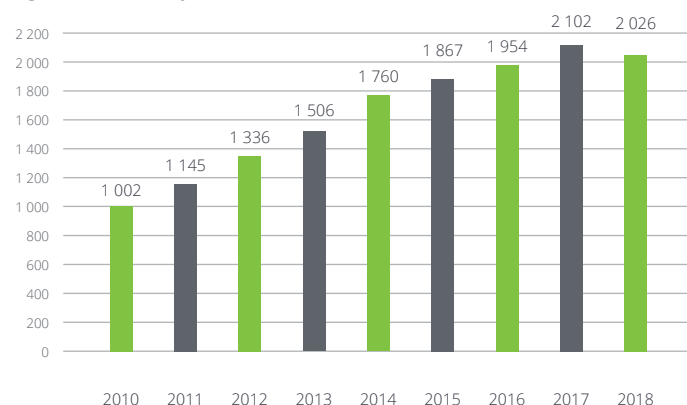
Fonte: ABANC

### Balcões e Colaboradores

A informação relativa a Balcões e Colaboradores para o ano de 2019 ainda não se encontra disponível por parte da ABANC o que, aliado à indisponibilidade de informação pública disponível para um conjunto de Bancos relativamente a esta matéria, apenas torna possível a análise relativamente ao ano de 2018.

Para o ano de 2018, o número de colaboradores registou uma diminuição de 0,2% (de 22 313 colaboradores em 2017 para 22 253 colaboradores em 2018). O número de balcões registou igualmente uma diminuição de aproximadamente 4% (de 2 102 balcões em 2017 para 2.206 em 2018). Conforme demonstrado na Figura 9, as províncias de Luanda (54%), Benguela (7%), Huambo (6%) e Huila (5%) continuam a concentrar a maioria dos balcões existentes a nível nacional, com 73% dos balcões, num cenário bastante semelhante ao verificado no ano de 2017.

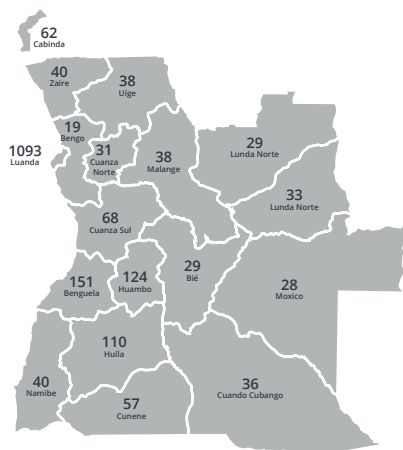
**Figura 8 – Evolução do número de balcões**



Fonte: ABANC

Relativamente ao ano de 2019, tendo em consideração a informação disponível, verifica-se a continuação da diminuição do número de colaboradores que tem vindo a ser levada a cabo por parte do BPC, com um decréscimo de 282 colaboradores e, por outro lado, o aumento do número de colaboradores do BFA, em 50.

**Figura 9 – Dispersão geográfica dos balcões em 2018**



Fonte: ABANC

**Figura 10 – Bancos que participaram no AQA**

<b>Sigla</b>	<b>Designação</b>
<b>ATL</b>	Banco Millennium Atlântico, S.A.
<b>BAI</b>	Banco Angolano de Investimentos, S.A.
<b>BCGA</b>	Banco Caixa Geral Angola, S.A.
<b>BCI</b>	Banco de Comércio e Indústria, S.A.
<b>BDA</b>	Banco de Desenvolvimento de Angola
<b>BE</b>	Banco Económico, S.A.
<b>BFA</b>	Banco de Fomento Angola, S.A.
<b>BIC</b>	Banco BIC, S.A.
<b>BNI</b>	Banco de Negócios Internacional, S.A.
<b>BPC</b>	Banco de Poupança e Crédito, S.A.
<b>BSOL</b>	Banco Sol, S.A.
<b>FNB</b>	Finibanco Angola, S.A.
<b>KEVE</b>	Banco Keve, S.A.

### **Nota prévia à informação financeira sobre o sector bancário a apresentar**

#### **Avaliação da Qualidade dos Activos (AQA)**

O ano de 2019 ficou marcado de forma indelével pela realização do exercício de Avaliação da Qualidade dos Activos (AQA ou Exercício) a treze dos Bancos a operar no mercado nacional, os quais representavam 92,8% do total de activos do sector bancário, com referência a 31 de Dezembro de 2018, em conformidade com o plano estratégico do BNA, e no sentido de assegurar a regulação e supervisão efectiva do sector bancário nacional.

O trabalho foi conduzido pelo BNA com o apoio da Deloitte como revisor de qualidade do Exercício, tendo o processo de selecção obedecido, de forma escrupulosa, aos critérios de contratação pública através do lançamento, por parte do BNA, de um Concurso Limitado por Convite, o qual contou com a participação de outras empresas de renome internacional da área da Consultoria. Por sua vez, os Bancos contrataram empresas de auditoria externa independentes dos seus Auditores Estatutários de modo a assegurar a independência do Exercício.

O âmbito do AQA foi delimitado pelos requisitos definidos nos Termos de Referência, os quais seguiram o quadro regulamentar definido na Lei n.º 12/2015 – Lei de Bases das Instituições Financeiras, as IAS/IFRS, com destaque para a IFRS 9 – Instrumentos Financeiros, normativos prudenciais emanados pelo BNA, em vigor à data de referência do Exercício, e as políticas e procedimentos em vigor nos Bancos à data de referência, ou seja, 31 de Dezembro de 2018.

O Exercício teve como objectivo geral realizar uma avaliação abrangente, robusta e independente dos riscos inerentes às actividades dos bancos, incluindo análises de:

- Riscos da carteira de crédito e da fiabilidade e rigor da informação disponibilizada;
- Registos contabilísticos e da qualidade dos activos, bem como a constituição de perdas por imparidade em conformidade com a IFRS 9;
- Avaliação das garantias e de hipotecas executadas;
- Classificação e cálculo dos activos ponderados pelo risco de crédito e das metodologias utilizadas no âmbito dos cálculos referentes ao apuramento da solvabilidade;
- Parâmetros e metodologias utilizados pelos Bancos na realização dos testes de esforço; e
- Modelos de governação de riscos financeiros e Sistema de Controlo Interno.

Os critérios mínimos de selecção das carteiras de activos alvo de análise no exercício foram definidos nos Termos de Referência, sendo apresentados em detalhe na Figura 11.

**Figura 11 – Critérios de selecção do AQA, por tipologia de activo**

<b>Tipologia de activo</b>	<b>Termos de Referência</b>
<b>Disponibilidades e aplicações</b>	Activos cujo valor bruto contabilístico da exposição a uma determinada contraparte seja superior a 2,5% dos Fundos Próprios Regulamentares (FPRs) do Banco.
<b>Títulos e investimentos</b>	Activos cujo valor bruto contabilístico por emitente exceda 2,5% dos FPRs do Banco.
<b>Crédito concedido</b>	<p>Cobertura mínima de 60% da exposição global (exposição patrimonial e exposição extrapatrimonial) líquida de imparidade e/ou provisões;</p> <p>Clientes cuja quantia escriturada total dos empréstimos e/ou exposições extrapatrimoniais líquida de imparidade e/ou provisões seja superior a 2,5% dos FPRs;</p> <p>Seleção mínima das 20 maiores exposições globais (exposição patrimonial e exposição extrapatrimonial), líquida de imparidade e/ou provisões (por tomador individual de crédito).</p>
<b>Activos não correntes detidos para venda e bens não de uso próprio</b>	<p>Activos cujo valor bruto contabilístico exceda 2,5% dos FPRs do Banco;</p> <p>Seleção mínima dos 5 maiores activos desta natureza.</p>
<b>Outros activos tangíveis</b>	<p>Activos cujo valor bruto contabilístico da exposição a uma determinada contraparte seja superior a 2,5% dos FPRs do Banco.</p> <p>Seleção mínima dos 5 maiores activos desta natureza.</p>
<b>Activos por impostos diferidos</b>	Activos cujo valor bruto contabilístico exceda 2,5% dos FPRs do Banco em 31 de Dezembro de 2018.
<b>Outros activos com risco de crédito</b>	Activos cujo valor bruto contabilístico da exposição a uma determinada contraparte seja superior a 2,5% dos FPRs do Banco.

Sem prejuízo dos critérios de selecção estabelecidos, os Termos de Referência previam que o BNA tinha a possibilidade de estabelecer critérios de selecção adicionais com base nas especificidades das carteiras de cada um dos Bancos objecto de análise do Exercício, bem como para garantir a representatividade das amostras seleccionadas.

De acordo com informações tornadas públicas pelo BNA, o objectivo da abrangência do Exercício foi assegurado por uma cobertura total média da amostra da carteira de crédito dos Bancos a rondar os 67%. A nível da caracterização da amostra, cerca de 81% correspondeu a empresas privadas, 17% ao sector público e 2% a particulares.

Adicionalmente, os Auditores tinham a responsabilidade de efectuar a validação do Sistema de Controlo Interno e da Governação Corporativa de cada Banco, com base na análise de requisitos e princípios definidos para efeitos do Exercício. Desta análise, foi reportado pelo BNA que foi possível verificar que na sua maioria os Bancos devem melhorar as suas políticas e procedimentos do risco de crédito, com ênfase na avaliação das garantias e nos activos problemáticos, com base nas melhores práticas e normativos emitidos pelo BNA.

### **Principais Conclusões**

Segundo o comunicado do BNA datado de 30 de Dezembro de 2020, o AQA permitiu aferir que o sector bancário é globalmente robusto. Não obstante, o BNA refere que os impactos do Exercício originavam uma necessidade de recapitalização para um número reduzido de Bancos que fizeram parte do AQA e estão concentradas no BPC e BE, que representavam cerca de 96% do total das necessidades de recapitalização face aos requisitos mínimos regulamentares em vigor, com referência a 31 de Dezembro de 2018.

Neste contexto, e considerando que o AQA foi elaborado com referência a 31 de Dezembro de 2018, o BNA instruiu os Bancos a registarem os ajustamentos identificados nas Demonstrações Financeiras do exercício findo a 31 de Dezembro de 2019, tendo em consideração a evolução dos seus activos durante o ano em curso, tendo publicado a Directiva nº 13/DSB/DRO/2019, de 27 de Dezembro, sobre as recomendações de implementação das metodologias do AQA para o exercício de 2019, a qual é aplicável às demonstrações financeiras de 2019 de todos os Bancos sob supervisão do BNA.

O BNA informou também no comunicado que os Bancos tinham até 30 de Junho de 2020 para avaliar as necessidades de capital adicional e assegurar o cumprimento dos limites prudenciais estabelecidos na regulamentação em vigor.

## **IAS 29 – Relato financeiro em economias hiperinflacionárias**

Convém ainda referir que, relativamente ao exercício findo em 2018, os Bancos optaram pela não aplicação das disposições constantes na IAS 29 – Relato financeiro em economias hiperinflacionárias (IAS 29), em virtude do BNA e a ABANC, terem emitido uma interpretação de que não se encontravam totalmente cumpridos os requisitos definidos para que a economia nacional fosse considerada hiperinflacionária.

Importa referir que, de acordo com a IAS 29, a hiperinflação é indicada por características do ambiente económico de um país que incluem, mas não se limitam a, as seguintes situações:

- a população em geral prefere conservar a sua riqueza em activos não monetários ou numa moeda estrangeira relativamente estável. As quantias de moeda local detidas são imediatamente investidas para manter o poder de compra;
- a população em geral vê as quantias monetárias não em termos de moeda local, mas em termos de uma moeda estrangeira estável. Os preços podem ser cotados nessa moeda;
- as vendas e compras a crédito têm lugar a preços que compensem a perda esperada de poder de compra durante o período de crédito, mesmo que o período seja curto;
- as taxas de juro, os salários e os preços estão ligados a um índice de preços; e
- a taxa de inflação acumulada durante três anos aproxima-se de 100% ou excede este valor.

Não obstante a posição da ABANC e do BNA, de acordo com os dados do INE, a taxa de inflação acumulada nos últimos três anos ultrapassava os 100%, condição quantitativa objectiva para se considerar que a moeda funcional das demonstrações financeiras dos Bancos, em 31 de Dezembro de 2018, correspondia à moeda de uma economia hiperinflacionária.

Embora, com referência ao exercício de 2019, já não se verificasse que o indicador de inflação acumulada para os últimos 3 anos era superior a 100%, nem outros efeitos significativos adversos e, portanto, a classificação de Angola como uma economia hiperinflacionária já não se verificasse, caso fosse adoptado o pressuposto agora referido, as Demonstrações Financeiras referentes aos exercícios findos em 2018 e 2017 deveriam ter sido alvo dos ajustamentos necessários, com impactos potencialmente materiais nas Demonstrações Financeiras consideradas para a realização do presente Estudo, bem como das conclusões apresentadas.

Importa referir que esta matéria foi objecto de qualificação no Relatório de Auditoria de uma parte relevante dos Auditores Estatutários nas demonstrações financeiras de 2018 e 2019.

Os Auditores consideraram como referência as análises efectuadas pelo *International Practices Task Force do Center for Audit Quality (CAQ)* sobre a monitorização da inflação em vários países, bem como as orientações definidas a nível central pelas empresas de Auditoras com matriz internacional.

A título de exemplo, na análise do CAQ datada de Dezembro de 2018, Angola encontrava-se no grupo de países cuja projecção de taxa de inflação acumulada a 3 anos se situava acima dos 100%.

Mais concretamente, a análise em questão projectava que no final de 2018 a taxa de inflação acumulada a 3 anos seria de 109%.

### **Pandemia Covid-19**

Em Março de 2020 foi declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como pandemia a disseminação do vírus Covid-19. Neste contexto, na data de apresentação das demonstrações financeiras com referência ao exercício findo em 31 de Dezembro de 2019, a pandemia continuava a expandir-se em Angola e na generalidade dos países do Mundo. Esta situação e a sua evolução terá impactos negativos, eventualmente significativos, na envolvente económica global, tendo relevância para os Bancos dado que os impactos na economia nacional poderão ter reflexos na actividade bancária. A extensão e o grau de severidade destes impactos não são ainda determináveis nesta data.

Por outro lado, durante o ano de 2020, a economia nacional foi fortemente impactada pela queda abrupta do preço do barril de petróleo nos mercados internacionais (a maior queda num dia desde a primeira Guerra do Golfo em 1991), levando ao agravamento dos défices externo e orçamental. Adicionalmente, como consequência da queda abrupta do preço do barril de petróleo nos mercados internacionais a agência de notação financeira *Standard & Poor's* desceu o *rating* de Angola, de B- para CCC+.

Assim, importa salientar que as situações acima descritas, com impactos potencialmente materiais nas Demonstrações Financeiras não foram consideradas para a realização do presente Estudo, bem como das conclusões apresentadas.

**Figura 12 – Bancos que adoptaram a IFRS 9 em 2018**

<b>Sigla</b>	<b>Designação</b>
ATL	Banco Millennium Atlântico, S.A.
BAI	Banco Angolano de Investimentos, S.A.
BCA	Banco Comercial Angolano, S.A.
BCGA	Banco Caixa Geral Angola, S.A.
BCH	Banco Comercial do Huambo, S.A.
BCS	Banco de Crédito do Sul, S.A.
BDA	Banco de Desenvolvimento de Angola
BE	Banco Económico, S.A.
BFA	Banco de Fomento Angola, S.A.
BIC	Banco BIC, S.A.
BIR	Banco de Investimento Rural, S.A.
BKI	Banco Kwanza Investimento, S.A.
BMF	Banco BAI Micro Finanças, S.A.
BNI	Banco de Negócios Internacional, S.A.
BOCLB	Banco da China Limitada - Sucursal em Luanda
BPC	Banco de Poupança e Crédito, S.A.
BPG	Banco Prestígio, S.A.
BSOL	Banco Sol, S.A.
BVB	Banco Valor, S.A.
FNB	Finibanco Angola, S.A.
KEVE	Banco KEVE, S.A.
SBA	Standard Bank de Angola, S.A.
SCBA	Standard Chartered Bank de Angola, S.A.
VTB	Banco VTB África, S.A.
YETU	Banco YETU, S.A.

**Figura 13 – Bancos que adoptaram a IFRS 9 em 2019**

<b>Sigla</b>	<b>Designação</b>
BCI	Banco de Comércio e Indústria, S.A.

**Processo de adopção da IFRS 9**

Conforme referido anteriormente, a adopção da IFRS 9 teve lugar no exercício económico iniciado 1 de Janeiro de 2018, tendo esta Norma sido adoptada pela quase totalidade dos Bancos, conforme apresentado na Figura 12, o que demonstra o compromisso do sector bancário no estrito cumprimento das melhores práticas internacionais e dos normativos publicados pelo BNA. A título excepcional, apenas o BCI procedeu à adopção desta Norma no exercício de 2019, conforme a Figura 13.

A IFRS 9 veio substituir a Norma Internacional de Contabilidade 39 (IAS 39), e de forma resumida, a IFRS 9 (i) estabelece novos requisitos de classificação e mensuração de instrumentos financeiros e para certos tipos de contratos de compra ou venda de itens não financeiros, (ii) define uma nova metodologia de reconhecimento das perdas por imparidade de activos financeiros com base em perdas esperadas e (iii) apresenta novas possibilidades de aplicação das regras contabilísticas de cobertura através de um maior número de relações de cobertura entre os itens objecto de cobertura e os instrumentos cobertos.

Neste contexto, a adopção desta Norma foi bastante exigente e teve impactos relevantes ao nível das aplicações informáticas decorrentes da alteração da metodologia de quantificação das perdas por imparidade de activos financeiros, que passou de uma abordagem de perda incorrida prevista na IAS 39 para uma abordagem de perda esperada. Esta nova abordagem exige que o apuramento das mesmas deve ser estimado com base em toda a informação de suporte disponível, nomeadamente informação prospectiva ou *forward looking*, e que teve um impacto generalizado, ao nível reforço das perdas por imparidade de crédito.

Neste âmbito, iremos apresentar de seguida um resumo dos ajustamentos de transição apurados pelos Bancos que adoptaram a IFRS 9 nos exercícios de 2018 e 2019, tendo como base os Relatórios e Contas respeitantes ao respectivo exercício de adopção.

No que respeita aos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS em 2018, o quadro de ajustamentos tem por base os Relatórios e Contas de 23 dos 25 Bancos que adoptaram a IFRS 9 nesse exercício. O BVB e o BPC, não apresentaram esta informação no seu Relatório e Contas, sendo que o BMAIS e o BPT foram desconsiderados da análise, em virtude da sua licença bancária ter sido revogada em 2019 e, conseqüentemente, não fazem parte integrante deste Estudo.

**Figura 14 – Impactos nos capitais próprios da adoção da IFRS 9**

Descrição	Total	
	Exercício de adoção da IFRS 9 – 2018*	Exercício de adoção da IFRS 9 – 2019**
<b>Capital Próprio de acordo com a IAS 39 a 1 de Janeiro de 2018*/2019**</b>	<b>1 202 093</b>	<b>27 258</b>
Reserva de justo valor	- 2 680	0
Outras reservas e resultados transitados	- 45 791	- 4 812
<b>Total dos ajustamentos reportados</b>	<b>- 48 471</b>	<b>- 4 812</b>
<b>Capital Próprio de acordo com a IFRS 9 a 1 de Janeiro de 2018*/2019**</b>	<b>1 153 622</b>	<b>22 446</b>
Total dos ajustamentos como uma % dos Capitais Próprios de acordo com a IAS 39	-4,0%	-17,7%

\* Bancos que adoptaram a IFRS 9 no exercício de 2018.

\*\* Bancos que adoptaram a IFRS 9 no exercício de 2019.

Fonte: Relatório e Contas dos Bancos de 2018 que adoptaram a IFRS 9 nesse exercício; Relatório e Contas dos Bancos de 2019 que adoptaram a IFRS 9 nesse exercício (valores em milhões de Kwanzas).

**Figura 15 – Impactos da adoção da IFRS 9 por rúbrica de balanço**

Descrição	Total	
	Exercício de adoção da IFRS 9 – 2018*	Exercício de adoção da IFRS 9 – 2019**
Disponibilidades em outras instituições de crédito	- 417	- 6
Aplicações em bancos centrais e outras instituições de crédito	- 3 292	- 236
Activos financeiros ao justo valor através de resultados	1 085	0
Activos financeiros ao justo valor através de outro rendimento integral	1 626	0
Investimentos ao custo amortizado	36	- 367
Crédito a clientes	- 58 152	- 4 202
Investimentos em filiais, associadas e empreendimentos conjuntos	1 477	0
Activos por impostos diferidos	13 094	0
Outros activos	- 2 037	0
Passivos por impostos diferidos	- 1 892	0
<b>Total dos impactos reportados</b>	<b>- 48 471</b>	<b>- 4 812</b>

\* Bancos que adoptaram a IFRS 9 no exercício de 2018.

\*\* Bancos que adoptaram a IFRS 9 no exercício de 2019.

Fonte: Relatório e Contas dos Bancos de 2018 que adoptaram a IFRS 9 nesse exercício; Relatório e Contas dos Bancos de 2019 que adoptaram a IFRS 9 nesse exercício (valores em milhões de Kwanzas).

Neste âmbito, com referência a 1 de Janeiro de 2018, foi apurado um impacto de aproximadamente 48 471 milhões de Kwanzas no valor total dos Capitais Próprios, conforme a Figura 14, uma redução de cerca de 4% do valor total.

Relativamente aos impactos da adopção da norma no exercício de 2019, neste caso concreto no BCI, o mesmo foi de 4 812 milhões de Kwanzas, resultando numa diminuição dos Capitais Próprios do Banco de aproximadamente 18%.

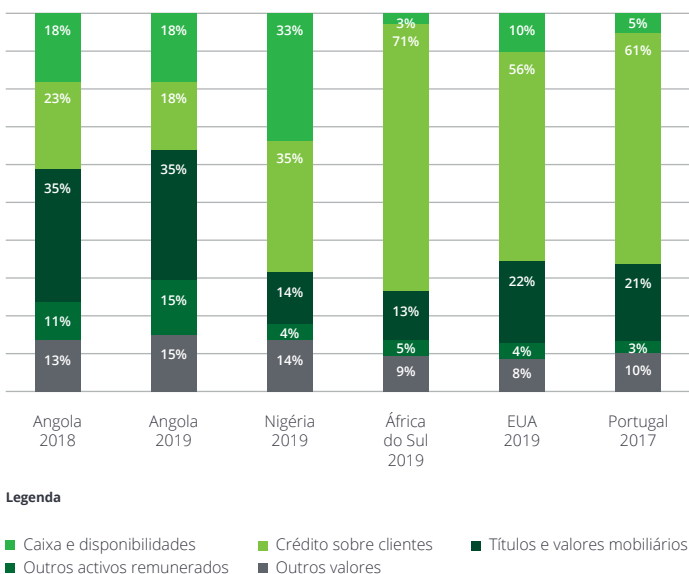
Mais uma vez, importa salientar que os impactos relativos agora estimados têm em consideração a informação divulgada relativamente aos exercícios anteriores à adopção da IFRS 9, desconsiderando eventuais reexpressões efectuadas posteriormente com efeitos retrospectivos, situações em que os valores agora apresentados poderiam ser diferentes. No caso específico do BCI, tendo em consideração os saldos reexpressos apresentados no Relatório e Contas referente ao exercício de 2019, o impacto corresponderia a uma diminuição de cerca de 40% do valor total dos Capitais Próprios com referência a 1 de Janeiro de 2019.

No que se refere aos impactos apurados por rúbrica de balanço, a rúbrica de Crédito a clientes concentrou a grande maioria dos impactos resultantes da adopção da IFRS 9, fruto do reforço das perdas por imparidade de crédito, em 2018 e 2019, de cerca de 58 152 milhões de Kwanzas e 4 202 milhões de Kwanzas, respectivamente, e que seria já expectável em função do novo paradigma de apuramento de perdas de imparidade, já que passou de uma abordagem de perda incorrida prevista na IAS 39 para uma abordagem de perda esperada.

Em sentido inverso, a possibilidade de registo de activos por impostos diferidos, decorrente da adopção desta norma, gerou um efeito positivo de 13 094 milhões de Kwanzas, no exercício de 2018.

Por último, e tal como permitido pelas disposições transitórias da IFRS 9, os Bancos optaram por não reexpressar os valores comparativos nas suas demonstrações financeiras decorrente da aplicação da IFRS 9.

**Figura 16 – Estrutura de Activos<sup>1</sup>**



Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

<sup>1</sup> Informação relativa a Portugal diz respeito ao ano de 2017, por inexistência de informação mais recente que permita sistematizar a estrutura de activos de acordo com a metodologia adoptada.

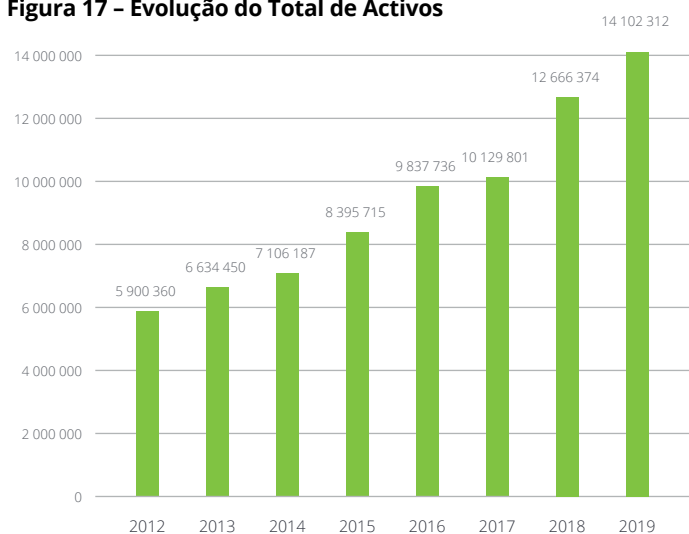
### Estrutura de Activos

O peso do crédito sobre clientes na estrutura global de activos, em 2019, registou uma diminuição de 5 pontos base face ao seu peso em 2018, passando de 23% para 18%. Para esta evolução, não serão alheias as conclusões resultantes do exercício de Avaliação da Qualidade dos Activos promovido pelo Banco Nacional de Angola em 2019 e que originou a necessidade de reforço das perdas por imparidade de crédito nas Demonstrações Financeiras com referência a 31 de Dezembro de 2019, bem como o maior rigor na concessão de crédito aos particulares e empresas.

Este aspecto veio reforçar a tendência verificada em anos anteriores, continuando a verificar-se que o peso do crédito na estrutura global de activos fica aquém dos valores registados em mercados mais maduros, nomeadamente a África do Sul, os Estados Unidos da América ou Portugal.

Em contrapartida, o peso dos títulos e valores mobiliários continua a ser superior ao verificado nos mercados mais maduros, fruto da exposição significativa dos Bancos nacionais à dívida pública angolana.

**Figura 17 – Evolução do Total de Activos**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

### Activos Totais

#### Visão Agregada

O valor total dos activos dos Bancos em análise ascendeu a 14 102 312 milhões de Kwanzas no final do exercício de 2019, correspondendo a um crescimento de aproximadamente 11%, face ao exercício de 2018. Este montante não inclui os contributos do BE, uma vez que ainda não publicou as suas contas.

O valor total dos activos dos Bancos tem vindo a apresentar uma tendência de crescimento muito acentuado desde 2012, tendo-se verificado um aumento de 139% até 2019, ao qual não tem sido alheio a desvalorização cambial do Kwanza face ao dólar norte-americano e ao euro, entre 2017 e 2019.

Figura 18 – Ranking Total de Activos

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BAI	2 641 703	1	BAI	2 044 595
2	BFA	2 195 058	2	BPC	1 909 676
3	BPC	2 024 089	3	BFA	1 703 728
4	BIC	1 740 931	4	ATL	1 358 772
5	ATL	1 601 479	5	BE	1 357 610
6	SBA	606 237	6	BIC	1 307 706
7	BSOL	602 708	7	BSOL	532 261
8	BCGA	547 100	8	BDA	467 728
9	BDA	529 629	9	SBA	443 247
10	BNI	377 772	10	BCGA	362 281
11	VTB	184 705	11	BNI	301 158
12	KEVE	176 206	12	BCI	175 060
13	BCI	173 266	13	KEVE	159 442
14	FNB	129 874	14	FNB	99 421
15	BCS	106 798	15	VTB	91 709
16	BCA	93 470	16	BCA	59 862
17	BIR	80 533	17	BCS	59 203
18	BVB	64 275	18	BVB	45 502
19	SCBA	51 085	19	SCBA	45 050
20	BCH	45 665	20	BCH	37 797
21	YETU	42 490	21	BPG	28 711
22	BPG	41 170	22	YETU	22 998
23	BMF	21 289	23	BIR	15 036
24	BOCLB	14 348	24	BMF	14 844
25	BKI	10 432	25	BKI	14 805
26	BE*	n.d.	26	BOCLB	8 175

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Activos Totais

### Posição relativa dos Bancos

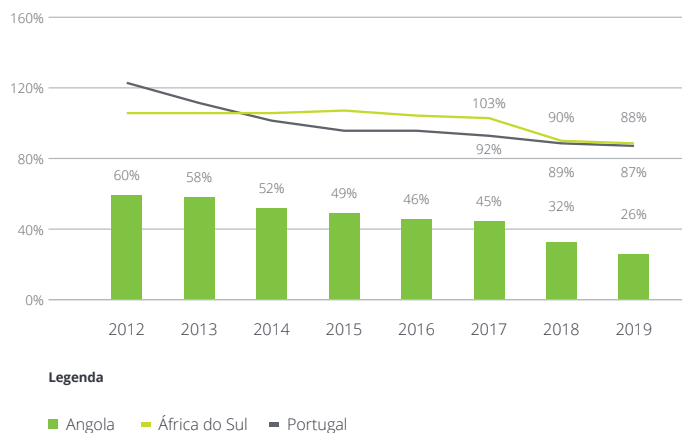
Depois de, no ano de 2017 e 2016, o *ranking* do total de activos ter sido liderado pelo BPC, o BAI assumiu essa liderança em 2018, tendo consolidado a mesma durante o exercício de 2019, com um total de 2 641 703 milhões de Kwanzas, seguido pelo BFA, BPC, BIC e ATL.

No exercício de 2019, a posição relativa entre os cinco maiores Bancos sofreu algumas alterações, uma vez que o BFA passou a ser o 2.º Banco com maior activo total, relegando o BPC para a 3.ª posição. Destaca-se ainda a entrada do BIC nos cinco maiores Bancos, tendo superado o ATL.

Adicionalmente, no final de 2019, os cinco maiores Bancos representam 72,4% do total dos activos dos Bancos em estudo e o seu activo registou um aumento de cerca de 22,6%. Em 2018, este indicador ascendeu 66,1%, pelo que se verificou um aumento da concentração do total de activos no exercício de 2019.

Importa referir que a exclusão do BE do *ranking* de 2019, por indisponibilidade de informação, pode resultar na alteração das conclusões agora indicadas, nomeadamente no que diz respeito ao nível de concentração do total de activos, face à sua dimensão e eventual evolução registada em 2019.

**Figura 19 – Crédito Líquido sobre Depósitos**



Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 20 – Ranking Rácio de transformação (Crédito líquido/ depósitos totais)**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIC	47%	1	BIR	81%
2	BSOL	46%	2	BPC	57%
3	KEVE	43%	3	BIC	43%
4	ATL	36%	4	BSOL	41%
5	BNI	28%	5	ATL	40%
6	FNB	26%	6	BCI	39%
7	BCI	25%	7	KEVE	38%
8	BCGA	25%	8	BNI	34%
9	SBA	21%	9	BCA	33%
10	BFA	20%	10	FNB	33%
11	BAI	20%	11	BCGA	29%
12	BIR	19%	12	BCS	26%
13	BCS	18%	13	BFA	24%
14	BCA	18%	14	BAI	21%
15	BVB	14%	15	BVB	19%
16	BMF	7%	16	YETU	18%
17	YETU	6%	17	SBA	16%
18	BPG	5%	18	BPG	12%
19	VTB	4%	19	BE	12%
20	SCBA	4%	20	BCH	9%
21	BOCLB	3%	21	BMF	9%
22	BPC	3%	22	BKI	1%
23	BKI	1%	23	VTB	0%
24	BCH	0,4%	24	SCBA ***	0%
25	BDA *	n.a.	25	BOCLB ***	0%
26	BE **	n.d.	26	BDA *	n.a.

\* Banco sem qualquer depósito captado, devido à natureza da sua actividade.

\*\* Banco sem informação financeira disponível.

\*\*\* Banco sem qualquer operação de crédito.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Crédito Líquido sobre Depósitos

### Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em análise, em 2019 verificou-se uma redução do rácio de transformação dos Bancos, em sete pontos percentuais, tendo este rácio assumido o valor de 26% em 2019, face aos 32% verificados em 2018.

Para este aspecto contribuiu o exercício de AQA, ocorrido em 2019, e que resultou em necessidades de reforço das provisões para perdas por imparidade de crédito, nomeadamente no BPC, no qual a carteira de crédito teve uma redução de 94%.

Adicionalmente, verificou-se o aumento da diferença, para aproximadamente 61 pontos percentuais, entre o sector bancário nacional e os mercados mais maduros, tais como a África do Sul e Portugal, no que diz respeito ao rácio de Crédito Líquido sobre Depósitos.

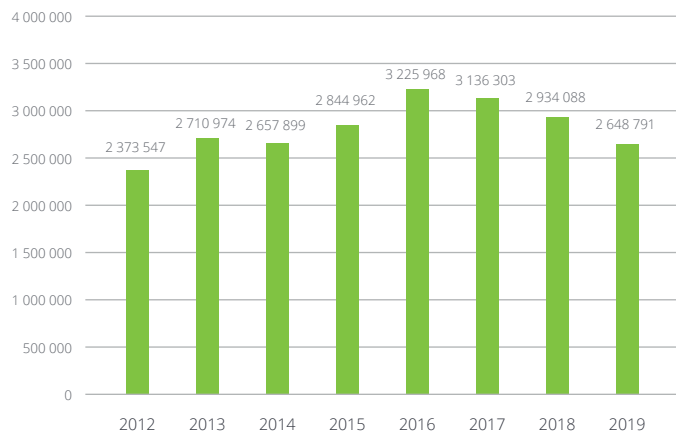
### Posição Relativa dos Bancos

Em 2019, os cinco Bancos que apresentaram o maior rácio de transformação foram o BIC, o BSOL, o KEVE, o ATL e BNI, para os quais foi apurado, um rácio de transformação de 47%, 46%, 43%, 36%, 28%, respectivamente.

Relativamente a este rácio, importa destacar a diminuição abrupta do BPC, resultante do reforço muito significativo das provisões para perdas por imparidade de crédito originadas pelo AQA, tendo registado uma taxa de cobertura de imparidade da carteira de crédito de 97%.

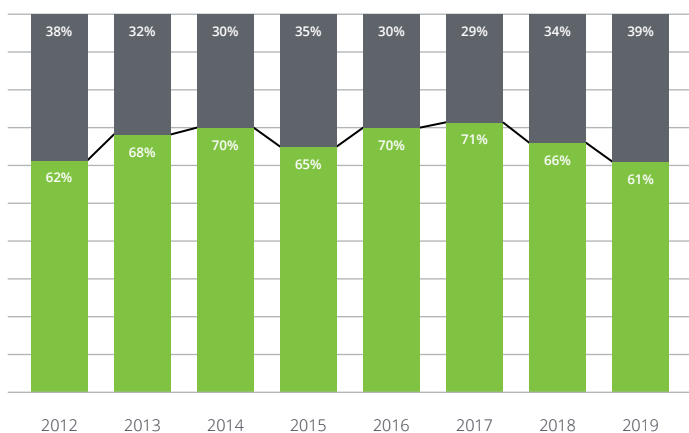
Por outro lado, o BIR deixou de ser o Banco com maior rácio de transformação do mercado, em 2018, passando a ocupar a décima primeira posição, fruto da redução de 81% em 2018, para 19%, em 2019.

**Figura 21 – Evolução do Crédito Líquido a Clientes**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

**Figura 22 – Estrutura de Créditos por Moeda**



Legenda

Moeda Nacional (verde) Moeda Estrangeira (cinza)

Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Dezembro de 2019

### Crédito a clientes

#### Visão Agregada

Considerando os Bancos analisados, o total de crédito líquido ascendeu a 2 648 791 milhões de Kwanzas, o que corresponde a uma redução de cerca de 10% face a 2018, embora influenciada pela indisponibilidade de informação do BE.

A evolução do crédito líquido concedido pelos Bancos tem vindo a apresentar um comportamento decrescente desde 2016, com uma redução acumulada de aproximadamente 18%, explicada essencialmente pela redução verificada no ano de 2019, resultante do reforço de provisões para perdas por imparidade de crédito originadas pelo AQA, bem como de políticas mais rigorosas de concessão de crédito.

Caso não fosse considerado o BPC na análise, o crédito líquido teria apresentado um crescimento reduzido, em 2019, de aproximadamente 6%, sendo que este valor não considera a informação relativa ao BE, pelo motivo já referido.

A evolução do crédito por moeda nacional e estrangeira tem vindo a consolidar a tendência iniciada em 2017 de um aumento do peso do crédito em moeda estrangeira face ao crédito total.

No exercício de 2019, o crédito em moeda estrangeira representou aproximadamente 39% do crédito total concedido, o que representa um aumento de cinco pontos base, face aos 34% verificados no exercício de 2018.

Para este aspecto, contribui de forma muito significativa a desvalorização cambial acentuada do Kwanza face ao Dólar norte-americano e ao Euro entre 2017 e 2019.

De notar que os créditos contratados após Junho de 2011, que sejam indexados ou denominados em moeda estrangeira, podem ser reembolsados pelos clientes em Kwanzas, de acordo com o disposto no Aviso n.º 3/2012, de 28 de Março, do Banco Nacional de Angola.

**Figura 23 – Ranking Crédito Líquido a Clientes**

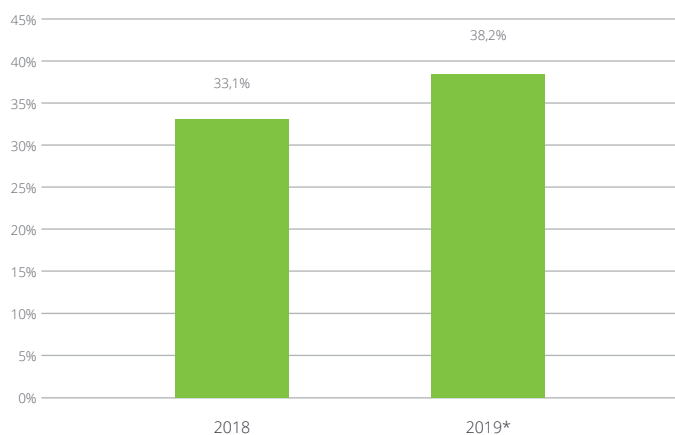
2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIC	563 100	1	BPC	684 388
2	BAI	448 712	2	ATL	420 265
3	ATL	442 701	3	BIC	396 255
4	BFA	327 937	4	BAI	373 253
5	BSOL	219 326	5	BFA	295 842
6	BDA	147 654	6	BSOL	167 121
7	BCGA	112 377	7	BE	124 538
8	SBA	91 505	8	BDA	96 041
9	BNI	87 423	9	BNI	86 888
10	KEVE	51 285	10	BCGA	79 856
11	BCI	45 684	11	SBA	53 697
12	BPC	41 725	12	KEVE	49 687
13	FNB	22 786	13	BCI	48 389
14	BCS	11 734	14	FNB	22 175
15	BIR	9 917	15	BCA	11 712
16	BCA	7 649	16	BCS	7 675
17	BVB	6 305	17	BVB	6 467
18	VTB	5 659	18	BIR	5 150
19	YETU	1 602	19	YETU	2 198
20	BPG	1 381	20	BCH	1 317
21	SCBA	1 214	21	BMF	594
22	BMF	850	22	BPG	524
23	BOCLB	170	23	BKI	48
24	BCH	70	24	VTB	8
25	BKI	25	25	BOCLB *	-
26	BE **	n.d.	26	SCBA *	-

\* Banco sem qualquer operação de crédito.

\*\* Bancos sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

**Figura 24 – Rácio de Crédito Vencido**



\* Bancos excluídos por falta de informação: BPC, BE, BSOL e BCS.

Fonte: Relatórios e Contas dos Bancos

## Crédito a clientes

### Posição Relativa dos Bancos

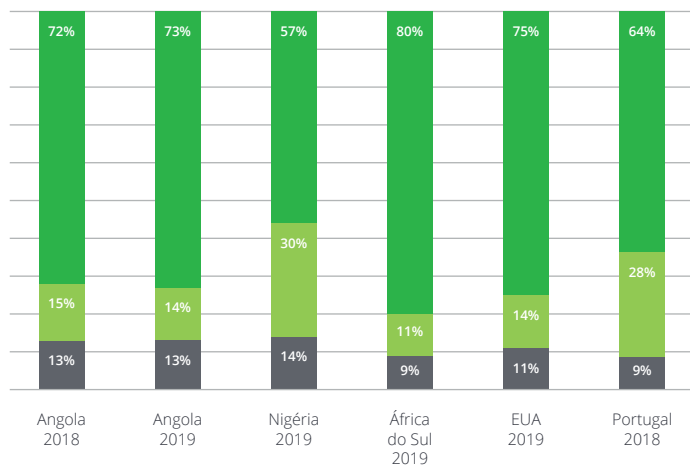
No que diz respeito ao posicionamento dos cinco Bancos com um maior volume de crédito líquido, o BIC passou a assumir-se como o Banco com o maior volume de concessão de crédito, em substituição do BPC, que passou a assumir a 11.<sup>a</sup> posição, pelos motivos referidos anteriormente. Relativamente aos restantes lugares, o BAI ascendeu à 2.<sup>a</sup> posição, ultrapassando o ATL que se encontra na 3.<sup>a</sup> posição e o BFA é agora o quarto maior Banco, seguido pelo BSOL, que em 2018 ocupava a 6.<sup>a</sup> posição.

Adicionalmente, no final do ano de 2019, os cinco maiores Bancos representam 75,6% do total do crédito líquido a clientes concedidos pelos Bancos em estudo. Em 2018, este rácio ascendeu a 74%, verificando-se um aumento na concentração do crédito concedido no exercício de 2019, embora este rácio possa estar influenciado pela inexistência de informação para o BE.

No que se refere ao rácio de crédito vencido, e de acordo com as Demonstrações Financeiras em análise, registou-se um aumento para os 38,2% em 2019, sendo que em 2018 este rácio foi de aproximadamente 33,1%.

Caso não fosse considerado o BPC neste rácio, observar-se-ia um rácio de crédito vencido de 17,6% e de 14,2% em 2018 e 2019, respectivamente.

**Figura 25 - Estrutura de *Funding***



**Legenda**

- Depósitos de clientes
- Outros passivos
- Fundos próprios

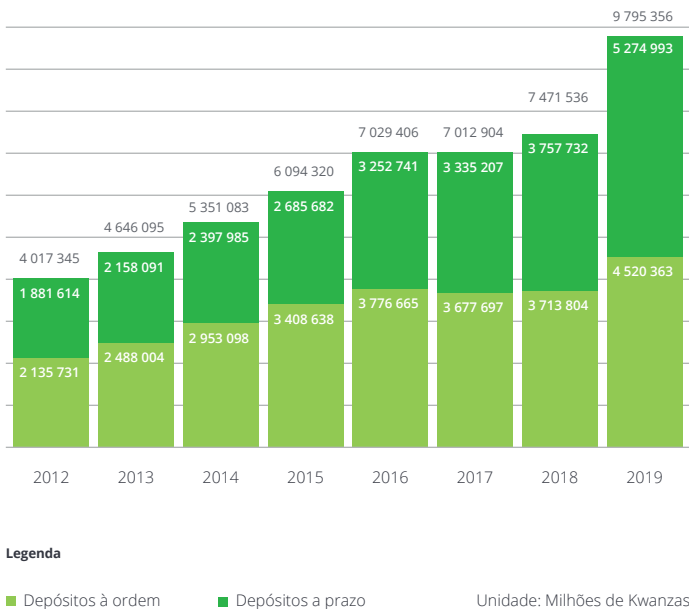
Fonte: : Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Estrutura de *Funding***

Na estrutura de *funding* do activo, as alterações foram pouco significativas, tendo-se verificado um ligeiro aumento do peso dos depósitos dos clientes, de 72% para 73%, a qual foi compensada pela ligeira diminuição do peso relativo dos outros passivos.

Adicionalmente, verifica-se que o peso dos fundos próprios na estrutura de *funding* é superior face a outros mercados mais maduros, nomeadamente África do Sul, Estados Unidos da América e Portugal.

**Figura 26 – Evolução dos Depósitos por Natureza**



Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Dezembro de 2019.

### Depósitos de Clientes

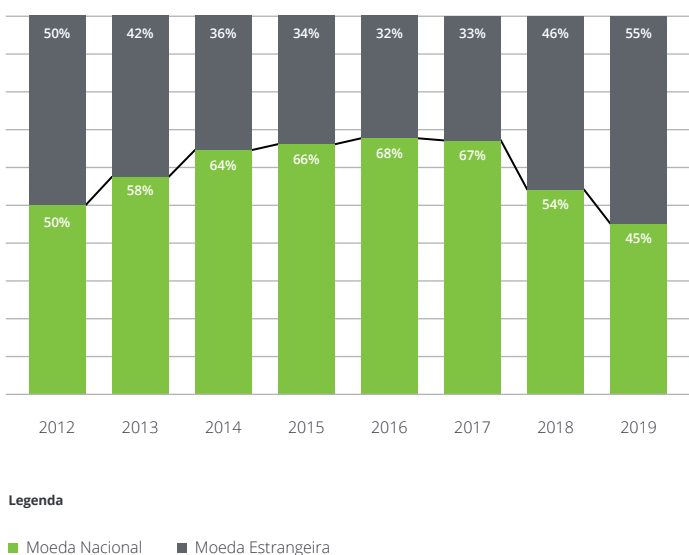
#### Visão Agregada

De acordo com a informação disponibilizada pelo BNA, o valor total dos depósitos no sector bancário nacional era de cerca de 9 795 mil milhões de Kwanzas no final de 2019, o que representa um aumento de, aproximadamente, 31% face a 2018.

O valor total dos depósitos tem vindo a apresentar um crescimento acentuado desde 2014, tendo-se verificado um aumento entre 2014 e 2019 de cerca de 144%.

No que diz respeito à composição dos depósitos por natureza, o valor dos depósitos à ordem situa-se acima dos 4 520 mil milhões de Kwanzas, representando cerca de 47% do total de depósitos, enquanto que os depósitos a prazo ultrapassam os 5 275 mil milhões de Kwanzas.

**Figura 27 – Estrutura dos Depósitos por Moeda**



Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Dezembro de 2019.

De acordo com os dados publicados pelo BNA, o peso dos depósitos em moeda nacional manteve a tendência de decréscimo em detrimento da moeda estrangeira, embora com um ritmo menos acelerado do que o verificado em 2018, passando os depósitos em moeda nacional a representar 45% dos depósitos totais em 2019, o que corresponde a uma diminuição de nove pontos percentuais face a 2018.

O aumento do peso dos depósitos em moeda estrangeira está relacionado com a desvalorização cambial acentuada do Kwanza face ao Dólar norte-americano e ao Euro, verificada em 2018 e 2019.

**Figura 28 – Ranking Depósitos de Clientes**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BAI	2 285 012	1	BAI	1 807 522
2	BFA	1 622 898	2	BFA	1 232 128
3	BPC	1 440 365	3	BPC	1 211 167
4	ATL	1 234 986	4	BE	1 059 122
5	BIC	1 202 785	5	ATL	1 042 925
6	BSOL	478 737	6	BIC	920 696
7	BCGA	457 217	7	BSOL	406 024
8	SBA	432 183	8	SBA	336 812
9	BNI	310 677	9	BCGA	279 856
10	BCI	185 153	10	BNI	254 281
11	VTB	145 239	11	KEVE	129 165
12	KEVE	120 640	12	BCI	123 187
13	FNB	86 951	13	FNB	68 080
14	BCS	64 501	14	VTB	56 839
15	BIR	53 461	15	BCA	35 762
16	BVB	45 934	16	BVB	34 485
17	BCA	43 169	17	SCBA	32 224
18	SCBA	33 491	18	BCS	29 652
19	BPG	26 773	19	BCH	14 448
20	YETU	24 774	20	YETU	11 885
21	BCH	18 268	21	BMF	6 872
22	BMF	12 493	22	BIR	6 352
23	BOCLB	5 048	23	BKI	5 935
24	BKI	2 027	24	BPG	4 291
25	BDA *	n.a.	25	BOCLB	410
26	BE **	n.d.	26	BDA *	0

\* Banco sem qualquer depósito captado, devido à natureza da sua actividade.

\*\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Depósitos de Clientes

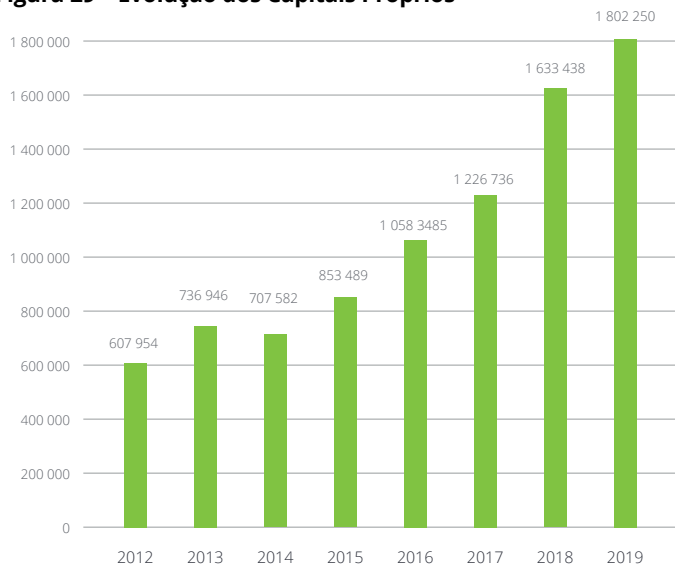
### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita aos depósitos dos clientes, não se verificaram alterações relativamente aos três maiores Bancos, com o BAI a manter a liderança, seguido do BFA e BPC.

O ATL e o BIC subiram uma posição, ocupando a quarta e quinta posição, embora não seja claro o posicionamento que resultaria caso a informação financeira do BE se encontrasse disponível.

Por último, no final de 2019, os cinco maiores Bancos em estudo representam, aproximadamente, 75% do total dos depósitos captados pelos Bancos, traduzindo um aumento de aproximadamente dez pontos percentuais face ao exercício de 2018, pese embora grande parte deste aumento seja explicada pela indisponibilidade de informação financeira referente ao BE, que podia diluir significativamente os níveis de concentração agora referidos.

**Figura 29 – Evolução dos Capitais Próprios**



Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Dezembro de 2019 (valores em milhões de Kwanzas)

**Figura 30 – Ranking Capitais Próprios**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	462 206	1	BFA	361 909
2	BIC	363 719	2	BIC	234 000
3	BAI	298 166	3	BAI	199 209
4	ATL	163 318	4	BPC	138 820
5	BDA	156 476	5	ATL	135 039
6	SBA	95 666	6	BDA	130 260
7	BCGA	76 607	7	BE	72 856
8	BSOL	42 440	8	BCGA	65 293
9	BCS	33 847	9	SBA	64 858
10	BCA	29 761	10	BSOL	39 220
11	KEVE	29 490	11	BCI	27 258
12	BCH	24 760	12	BCS	23 200
13	FNB	22 028	13	KEVE	20 347
14	BNI	21 582	14	BCA	20 178
15	VTB	18 514	15	BNI	19 778
16	BVB	14 943	16	FNB	17 928
17	BIR	14 770	17	BCH	17 647
18	YETU	14 359	18	VTB	16 324
19	BPG	12 004	19	YETU	10 645
20	SCBA	8 650	20	BVB	10 172
21	BMF	8 077	21	BPG	9 935
22	BKI	7 119	22	SCBA	8 884
23	BOCLB	6 829	23	BIR	8 524
24	BCI	- 40 962	24	BMF	7 675
25	BPC	- 82 120	25	BKI	7 634
26	BE *	n.d.	26	BOCLB	7 575

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Capitais Próprios

### Visão Agregada

O valor total dos capitais próprios dos Bancos em análise ascendeu 1 802 mil milhões de Kwanzas no final do exercício de 2019, o que correspondeu a um reforço dos capitais próprios por parte do sector bancário, de cerca de 10% face a 2018, mesmo sem considerar a informação relativa ao BE.

O valor total dos capitais próprios tem vindo a apresentar uma clara tendência de crescimento desde 2012, tendo-se verificado um aumento entre 2012 e 2019 a rondar os 196%.

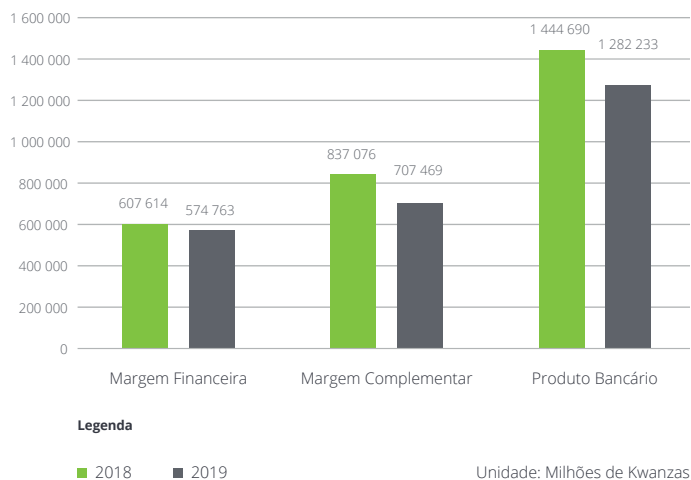
### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita aos capitais próprios, verificou-se que o BFA continua a assumir a liderança face a 2018, com um total de 462 206 milhões de Kwanzas, que corresponde a um aumento de aproximadamente 28%, fruto da incorporação em Reservas de parte significativa do Resultado Líquido do exercício de 2018 e de um montante de lucros 119 940 milhões de Kwanzas, referentes ao exercício de 2018.

Na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> posições encontra-se o BIC e BAI, que mantiveram a posição face a 2018.

A quarta e quinta posição são agora assumidas pelo ATL e BDA, que subiram ambos uma posição, fruto da queda abrupta do BPC que passou de quarto maior Banco, para último lugar do ranking, com capitais próprios negativos de 82 120 milhões de Kwanzas.

**Figura 31 – Componentes do Produto Bancário**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 32 – Ranking Produto Bancário**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIC	272 728	1	BFA	280 169
2	BAI	215 257	2	BIC	191 040
3	BFA	209 869	3	BAI	177 806
4	BDA	123 994	4	BE	143 295
5	ATL	102 600	5	ATL	104 198
6	SBA	61 106	6	BPC	97 643
7	BSOL	48 125	7	BDA	83 143
8	BCGA	39 382	8	BSOL	66 424
9	BNI	38 882	9	SBA	56 648
10	KEVE	35 132	10	BNI	43 556
11	BCS	26 888	11	BCGA	39 053
12	BCI	20 283	12	KEVE	34 296
13	BCA	17 555	13	BCS	23 856
14	VTB	15 425	14	BCI	20 268
15	FNB	13 427	15	FNB	15 096
16	BVB	10 602	16	VTB	13 722
17	BIR	10 477	17	BCA	13 674
18	BCH	10 172	18	BCH	9 653
19	YETU	9 357	19	BVB	7 717
20	BPG	8 375	20	BPG	6 000
21	SCBA	4 221	21	YETU	4 854
22	BMF	2 955	22	BKI	4 572
23	BKI	883	23	SCBA	4 320
24	BOCLB	- 110	24	BMF	2 201
25	BPC	- 15 351	25	BIR	1 438
26	BE *	n.d.	26	BOCLB	49

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Produto Bancário

### Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em estudo, a margem financeira no final do exercício de 2019 ascendeu a 574 763 milhões de Kwanzas, o que corresponde a uma diminuição de cerca de 5% face a 2018. A margem complementar no final de 2019 fixou-se em 707 469 milhões de Kwanzas, o que corresponde a uma diminuição de cerca de 15% face a 2018. A redução destas duas componentes levou a uma redução de aproximadamente 11% no produto bancário em 2019, que passou de 1 444 690 milhões de Kwanzas em 2018 para 1 282 233 milhões de Kwanzas em 2019, embora ainda não exista informação disponível relativamente ao BE, para 2019.

### Posição Relativa dos Bancos

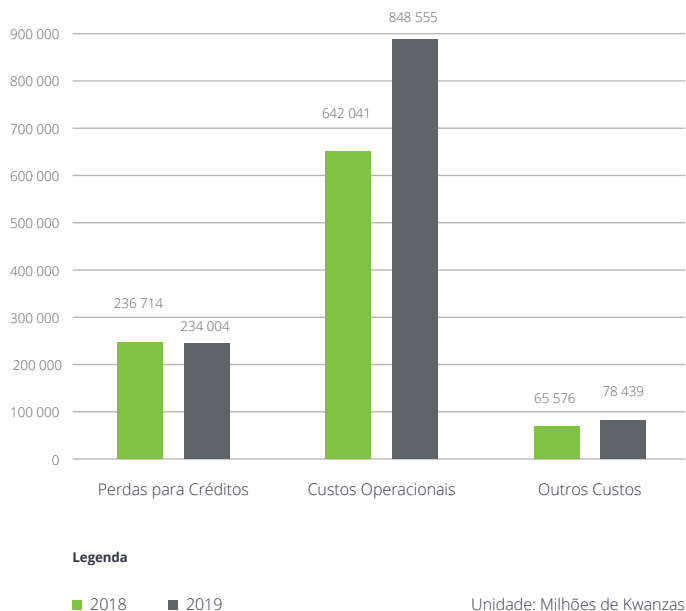
No que respeita a este indicador, verificou-se que o BIC atingiu a liderança em 2019, tendo apresentado um total de produto bancário de 272 728 milhões de Kwanzas, o que corresponde a um aumento de cerca de 43% comparativamente ao ano de 2018, e teve um contributo significativo dos resultados cambiais.

Ainda relativamente ao produto bancário, importa salientar que a posição relativa entre os cinco maiores Bancos sofreu várias alterações, uma vez que o BAI passou a ser o 2.º Banco com o produto bancário mais elevado, subindo uma posição. O BFA passou a ser o 3.º Banco, deixando a liderança ocupada em 2018, fruto da redução significativa dos resultados cambiais, ao passar que o BDA passou a ser o 4.º Banco com o maior produto bancário.

O BE ocupava, em 2018, a 4.ª posição, não tendo sido considerado no *ranking* de 2019 por indisponibilidade de informação financeira.

Por último, o BPC teve uma evolução negativa em relação ao produto bancário, tendo registado uma diminuição de 97 643 milhões de Kwanzas em 2018, para um produto bancário negativo de 15 351 milhões de Kwanzas, passando da 6.ª posição, em 2018, para o último lugar dos Bancos considerados neste estudo, para o qual contribuiu essencialmente a redução da margem financeira e dos resultados cambiais.

**Figura 33 – Custos operacionais, perdas para créditos e outros custos**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Custos operacionais, perdas para créditos e outros custos**

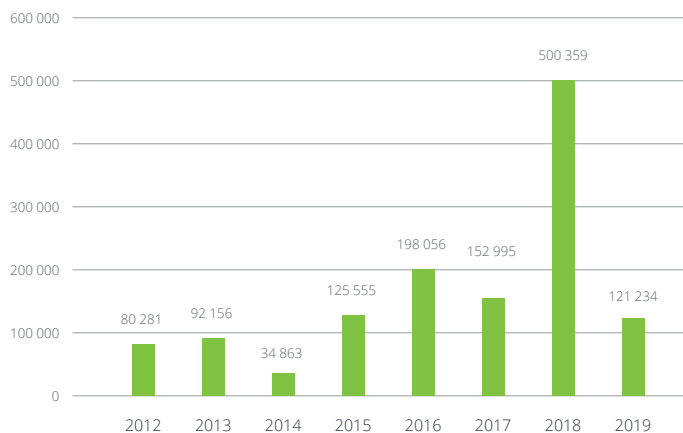
De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em estudo, as dotações líquidas de perdas para créditos registaram uma ligeira redução face a 2018, tendo em 2019 atingido o montante de 234 004 milhões de Kwanzas, comparativamente aos 236 714 milhões de Kwanzas em 2018.

Os Custos Operacionais no ano de 2019 ascenderam a 848 555 milhões de Kwanzas, o que corresponde a um aumento de aproximadamente 32% face a 2018. Este aumento é explicado essencialmente pelo BPC, cujos custos operacionais ascenderam a 226 311 milhões de Kwanzas, em 2019, face a 89 591 milhões de Kwanzas, em 2018.

Os Outros Custos registaram um aumento considerável de cerca de 20% face a 2018, relacionado com os aumentos dos impostos sobre os resultados correntes entre 2019 e 2018.

É de referir que os valores agora apresentados não incluem o contributo do BE, por indisponibilidade de informação financeira e que, com elevada probabilidade originarão a alteração da tendência indicada relativamente às dotações líquidas de perdas para créditos, sendo expectável um reforço das dotações líquidas de perdas para créditos, face a 2018.

**Figura 34 – Evolução dos Resultados Líquidos**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

**Figura 35 – Ranking Resultados Líquidos**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	119 940	1	BFA	174 259
2	BAI	118 733	2	BDA	66 686
3	BDA	86 312	3	BIC	51 004
4	BIC	70 657	4	BAI	50 066
5	SBA	32 128	5	BE	36 374
6	ATL	30 465	6	SBA	32 323
7	BCGA	21 383	7	ATL	27 225
8	BCS	14 647	8	BCGA	20 549
9	BCA	10 890	9	BCS	11 599
10	VTB	8 679	10	BCA	8 082
11	BCH	7 164	11	VTB	7 209
12	BIR	5 572	12	BNI	6 770
13	FNB	5 501	13	BCH	6 630
14	BVB	5 423	14	FNB	6 449
15	YETU	4 483	15	KEVE	4 603
16	BSOL	4 049	16	BSOL	4 493
17	BPG	3 576	17	BVB	4 015
18	KEVE	2 703	18	BPG	2 664
19	BNI	2 502	19	YETU	2 539
20	BMF	402	20	BKI	2 378
21	BKI	- 515	21	SCBA	1 372
22	SCBA	- 822	22	BCI	702
23	BOCLB	- 1 715	23	BMF	239
24	BCI	- 26 190	24	BIR	202
25	BPC	- 404 732	25	BOCLB	- 1 219
26	BE *	n.d.	26	BPC	- 26 852

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Resultados Líquidos

### Visão Agregada

O total do resultado líquido do sector bancário nacional registou uma redução para cerca de 121 234 milhões de Kwanzas, o que representa uma diminuição de cerca de 76% face a 2018. Para esta variação, regista-se o contributo resultante da diminuição acentuada no produto bancário, impulsionado pela diminuição significativa dos resultados cambiais, e pelo aumento dos custos operacionais, nomeadamente as perdas por imparidade para outros activos, que apresentou um aumento de 28 737 milhões de Kwanzas, em 2018, para 137 515 milhões de Kwanzas em 2019.

Importa referir que o aumento nas perdas por imparidade para outros activos, é explicado essencialmente pelo reforço efectuado pelo BPC, no exercício de 2019, ao passo que para a diminuição dos resultados cambiais contribuiu, de modo significativo, para além do BPC, o BFA.

Caso não fosse considerado o BPC nesta análise, observar-se-ia uma redução no total dos resultados líquidos de apenas 0,2%.

Importa salientar que a indisponibilidade de informação relativamente ao BE pode ser susceptível de alterar as conclusões agora indicadas.

### Posição Relativa dos Bancos

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos que foram objecto do presente Estudo, em 2019 verificou-se a manutenção da liderança do BFA, seguido de muito perto pelo BAI que subiu duas posições, face a 2018, ultrapassando o BDA e o BIC que ocupam a 3.ª e 4.ª posição respectivamente. O 5.º lugar do ranking é ocupado pelo SBA que subiu uma posição, face a 2018, que era ocupado, pelo BE, e para o qual não existe informação financeira disponível, relativamente ao exercício de 2019.

O prejuízo de 404 732 milhões de kwanzas apresentado pelo BPC em 2019, é o maior prejuízo da história da banca angolana.

**Figura 36 – Indicadores de Rentabilidade**

Indicadores de Rentabilidade	2019	2018	2017	2016	2015
Margem Financeira em % dos activos	4,3%	5,3%	4,9%	5,1%	4,0%
Retorno dos Activos Médios (ROAA)	0,9%	4,4%	1,6%	1,9%	2,0%
Retorno dos Capitais Próprios Médios (ROAE)	7,0%	34,5%	13,9%	18,3%	15,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 37 – Ranking Margem Financeira em % dos activos**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BVB	15,7%	1	BMF	14,0%
2	BCH	12,1%	2	BVB	13,9%
3	BIR	11,4%	3	BSOL	12,1%
4	BMF	9,9%	4	BCH	11,1%
5	YETU	9,0%	5	SBA	9,6%
6	BFA	7,9%	6	YETU	9,4%
7	SBA	7,5%	7	BIR	9,2%
8	BCI	7,4%	8	BCS	8,9%
9	SCBA	7,2%	9	BKI	8,8%
10	BIC	6,0%	10	SCBA	7,6%
11	BKI	5,7%	11	BFA	7,5%
12	BCA	5,7%	12	BCA	6,6%
13	FNB	5,5%	13	BCGA	6,5%
14	KEVE	5,5%	14	BCI	6,4%
15	BCS	5,4%	15	KEVE	5,8%
16	BCGA	5,4%	16	BIC	5,7%
17	BDA	4,7%	17	ATL	5,5%
18	ATL	4,5%	18	BAI	5,0%
19	BAI	4,4%	19	BNI	4,6%
20	BNI	3,3%	20	BPC	2,9%
21	BPG	2,6%	21	BE	2,8%
22	BSOL	1,5%	22	VTB	0,6%
23	VTB	-0,2%	23	FNB	0,6%
24	BPC	-0,7%	24	BOCLB	0,0%
25	BOCLB	-0,8%	25	BDA	-0,5%
26	BE *	n.d.	26	BPG	-2,6%

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Rentabilidade

### Visão Agregada

No ano de 2019, o peso da Margem Financeira sobre os Activos, bem como o Retorno dos Activos Médios (ROAA) dos Bancos analisados reduziram face ao ano de 2018, cerca de 1 ponto percentual e 3,5 pontos percentuais, respectivamente.

Relativamente ao Retorno dos Capitais Próprios, este indicador registou uma redução bastante significativa em 2019, tendo o mesmo diminuído cerca de 27 pontos percentuais.

Caso não fosse considerado o BPC na presente análise, o sector bancário nacional teria registado um retorno dos Activos Médios de 5,1% e 5,5%, em 2019 e 2018 respectivamente. No caso do ROAE, este indicador passaria para 30,8% e 40,6% em 2019 e 2018, respectivamente.

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2019, os cinco Bancos que apresentaram os indicadores mais elevados no que se refere ao peso da Margem Financeira sobre os activos foram o BVB, o BCH, o BIR, o BMF, tendo o BVB apresentado um valor de 15,7%, ao passo que o BCH, o BIR, o BMF e o YETU apresentaram valores de 12,1%, 11,4%, 9,9%, respectivamente.

**Figura 38 – Ranking Retorno dos Activos Médios (ROAA)**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCS	17,6%	1	BCS	24,4%
2	BDA	17,3%	2	BCH	19,7%
3	BCH	17,2%	3	BDA	15,9%
4	BCA	14,2%	4	BCA	15,8%
5	YETU	13,7%	5	BKI	14,8%
6	BIR	11,7%	6	YETU	14,6%
7	BPG	10,2%	7	BPG	11,1%
8	BVB	9,9%	8	BFA	11,1%
9	VTB	6,3%	9	VTB	9,9%
10	BFA	6,2%	10	BVB	9,5%
11	SBA	6,1%	11	SBA	8,5%
12	BAI	5,1%	12	FNB	7,3%
13	FNB	4,8%	13	BCGA	6,3%
14	BCGA	4,7%	14	BIC	4,4%
15	BIC	4,6%	15	BE	3,2%
16	BMF	2,2%	16	SCBA	3,0%
17	ATL	2,1%	17	KEVE	3,0%
18	KEVE	1,6%	18	BAI	2,9%
19	BNI	0,7%	19	BNI	2,4%
20	BSOL	0,7%	20	ATL	2,2%
21	SCBA	-1,7%	21	BMF	2,0%
22	BKI	-4,1%	22	BIR	2,0%
23	BOCLB	-8,2%	23	BSOL	0,9%
24	BCI	-15,0%	24	BCI	0,4%
25	BPC	-20,6%	25	BPC	-1,4%
26	BE *	n.d.	26	BOCLB	-14,3%

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita ao Retorno dos Activos Médios (ROAA), o BCS manteve a 1.ª posição em 2019, com uma redução do indicador de 24% em 2019, para 18%. O BDA subiu da 3.ª posição em 2018 para a 2.ª posição em 2019.

O BCH perdeu uma posição ocupando agora o 3.º lugar do *ranking*, seguido do BCA que manteve a posição, face a 2018. O *ranking* dos 5 maiores bancos a nível deste indicador fica completo com o YETU, que em 2018 ocupava o 7.º lugar.

**Figura 39 – Ranking Retorno dos Capitais Próprios Médios (ROAE)**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	60%	1	BCS	75%
2	BCS	51%	2	BDA	66%
3	VTB	50%	3	SBA	63%
4	BIR	48%	4	BFA	60%
5	BAI	48%	5	BE	60%
6	BCA	44%	6	VTB	53%
7	BVB	43%	7	BCA	50%
8	SBA	40%	8	BVB	48%
9	YETU	36%	9	BCH	46%
10	BCH	34%	10	BPG	44%
11	BPG	33%	11	FNB	41%
12	BCGA	30%	12	YETU	38%
13	BFA	29%	13	BKI	37%
14	FNB	28%	14	BNI	36%
15	BIC	24%	15	BCGA	35%
16	ATL	20%	16	BIC	29%
17	BNI	12%	17	BAI	25%
18	KEVE	11%	18	KEVE	25%
19	BSOL	10%	19	ATL	21%
20	BMF	5%	20	SCBA	19%
21	BKI	-7%	21	BSOL	12%
22	SCBA	-9%	22	BMF	5%
23	BOCLB	-24%	23	BIR	4%
24	BPC *	n.a.	24	BCI	3%
25	BCI *	n.a.	25	BOCLB	-15%
26	BE **	n.d.	26	BPC	-17%

\* Bancos com capitais próprios negativos em 2019.

\*\* Bancos sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita ao Retorno dos Activos Médios (ROAE), verificou-se uma tendência generalizada de redução deste indicador, que resultou em alterações significativas na posição relativa dos Bancos, entre 2018 e 2019.

O BDA subiu assumiu a liderança deste *ranking* em 2019, por troca com o BCS que ocupa agora a 2.<sup>a</sup>. Destaca-se a subida do VTB à 3.<sup>a</sup> posição do *ranking*, tendo subido da 6.<sup>a</sup> posição ocupada em 2018, bem como do BIR e do BAI que apresentaram melhorias significativas face a 2018, subido para a 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> posição face à 23.<sup>a</sup> e 17.<sup>a</sup> posição ocupadas em 2018.

**Figura 40 – Indicadores de Eficiência**

Indicadores de Eficiência	2019	2018	2017	2016
<i>Cost-to-Income</i>	38%	31%	53%	46%
Custos operacionais (% Activos)	4,1%	4,4%	4,1%	5,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 41 – Ranking Cost-to-income**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	7%	1	BDA	8%
2	BCH	19%	2	BCH	14%
3	BIC	20%	3	BE	17%
4	VTB	22%	4	BIC	19%
5	BCS	26%	5	BFA	21%
6	BIR	28%	6	VTB	21%
7	BAI	30%	7	FNB	28%
8	BVB	32%	8	BAI	29%
9	BCA	34%	9	BCS	29%
10	BFA	37%	10	BKI	31%
11	BCGA	39%	11	BCA	32%
12	SBA	39%	12	BCGA	33%
13	ATL	39%	13	BVB	34%
14	FNB	41%	14	BNI	35%
15	YETU	43%	15	SBA	36%
16	BNI	43%	16	KEVE	42%
17	BPG	44%	17	ATL	42%
18	KEVE	45%	18	BPG	46%
19	BSOL	70%	19	YETU	47%
20	BMF	77%	20	BSOL	50%
21	SCBA	105%	21	SCBA	64%
22	BCI	115%	22	BPC	77%
23	BKI	115%	23	BIR	82%
24	BOCLB*	n.a.	24	BMF	85%
25	BPC*	n.a.	25	BCI	92%
26	BE**	n.d.	26	BOCLB	2594%

\* Bancos com produto bancário negativo.

\*\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

## Eficiência

### Visão Agregada

De acordo com a informação reportada pelos Bancos nas respectivas Demonstrações Financeiras, em 2019 verificou-se um aumento de cerca de 7 pontos percentuais do rácio *cost-to-income* e uma redução de cerca de 0,3 pontos percentuais dos Custos Operacionais sobre os Activos. Em 2018, o rácio *cost-to-income* foi de 31%, ao passo que os Custos Operacionais sobre os Activos corresponderam a 4,4% dos Activos.

Caso não fosse considerado o BPC no rácio *cost-to-income* do sector bancário, este indicador seria de 32% e 27,5% em 2019 e 2018, respectivamente. No que respeita aos Custos Operacionais sobre os Activos, este indicador seria de 3,7 e 4% em 2019 e 2018, respectivamente, caso se excluísse o BPC da análise.

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2019, o BDA e o BCH mantiveram os primeiros lugares do *ranking* com um rácio *cost-to-income* de aproximadamente 7% e 19%, respectivamente, face aos rácios de 8% e 14% registados em 2018, respectivamente.

O BIC ocupa o 3.º lugar do *ranking*, com um rácio de 20%, seguido do VTB e BCS, com um rácio de 22% e 26%, respectivamente. Por outro lado, o BFA deixou a 5.ª posição do *ranking*, com o agravamento do seu rácio de 21%, em 2018, para 37%, em 2019.

**Figura 42 – Ranking Custos Operacionais (% Activos)**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	1,66%	1	BDA	1,6%
2	VTB	2,33%	2	BE	2,1%
3	BAI	2,87%	3	BAI	3,1%
4	ATL	2,92%	4	BIC	3,3%
5	BIC	3,29%	5	ATL	3,9%
6	BCGA	3,41%	6	BCGA	4,0%
7	BFA	3,47%	7	VTB	4,1%
8	SBA	4,46%	8	BCH	4,1%
9	BCH	4,51%	9	BFA	4,3%
10	BNI	5,64%	10	SBA	5,5%
11	BPC	5,89%	11	BNI	6,2%
12	BVB	6,12%	12	BVB	6,2%
13	BIR	6,29%	13	BPC	6,5%
14	BSOL	6,60%	14	BSOL	6,6%
15	FNB	7,27%	15	SCBA	7,3%
16	BOCLB	7,71%	16	FNB	8,1%
17	BCA	7,89%	17	BCA	8,6%
18	BCS	8,35%	18	BKI	9,0%
19	KEVE	9,33%	19	KEVE	9,2%
20	SCBA	10,29%	20	BPG	11,4%
21	BPG	10,45%	21	BIR	12,2%
22	BKI	11,27%	22	YETU	13,1%
23	YETU	12,33%	23	BCI	13,9%
24	BMF	12,58%	24	BCS	14,8%
25	BCI	16,61%	25	BOCLB	14,9%
26	BE*	n.d.	26	BMF	15,8%

\* Bancos sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2019, o BDA, o VTB, o BAI, o ATL e o BIC foram os cinco Bancos que apresentaram a menor percentagem de Custos Operacionais sobre os Activos, tendo sido apurados rácios de 1,7% e 2,3% para o BDA e VTB, respectivamente, e um rácio a ronda os 3% para o BAI e ATL e um rácio de 3,3% para o BIC.

**Figura 43 – Indicadores de Adequação de Capital**

Indicadores de Adequação de Capital	2019	2018
Rácio de solvabilidade	24,1%	24,2%
Fundos Próprios de Base (Nível I) / Activos Ponderados pelo Risco	19,7%	21,7%

Fonte: Indicadores de Solidez Financeira do Sector Bancário 2019 e 2018 (BNA).

**Figura 44 – Ranking Rácio de Solvabilidade**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCH	189,2%	1	BMF	177,0%
2	YETU	168,0%	2	SCBA	122,0%
3	BMF	151,0%	3	BDA	116,9%
4	BDA	86,7%	4	BCH	107,5%
5	BIR	79,5%	5	BIR	100,9%
6	FNB	63,5%	6	YETU	67,3%
7	BFA	58,5%	7	BPG	66,0%
8	BOCLB	58,2%	8	BCA	64,0%
9	SCBA	51,8%	9	BCS	54,4%
10	BCA	46,0%	10	BFA	53,8%
11	BPG	44,6%	11	BCGA	50,4%
12	BCS	37,7%	12	FNB	42,0%
13	BCGA	33,3%	13	SBA	32,0%
14	SBA	28,0%	14	BVB	28,0%
15	VTB	25,6%	15	VTB	28,0%
16	BIC	20,3%	16	BIC	23,1%
17	BAI	17,0%	17	BE	20,8%
18	BNI	16,1%	18	BCI	19,8%
19	KEVE	16,0%	19	KEVE	16,3%
20	ATL	14,5%	20	ATL	15,9%
21	BPC	-11,0%	21	BNI	15,0%
22	BCI	-28,1%	22	BAI	13,1%
23	BE*	n.d.	23	BPC	11,2%
24	BKI*	n.d.	24	BKI*	n.d.
25	BVB*	n.d.	25	BOCLB*	n.d.
26	BSOL*	n.d.	26	BSOL*	n.d.

\* Bancos sem informação disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Adequação de Capital

### Visão Agregada

De acordo com o relatório sobre os indicadores de Solidez Financeira do Sector Bancário elaborado pelo Departamento de Supervisão Bancária do BNA, em 2019, verificou-se uma ligeira quebra do rácio de solvabilidade do sistema financeiro, tendo o mesmo se situado em 24,1%, face ao rácio de 24,2% apurado em 2018.

No que diz respeito aos rácios de Fundos Próprios de Base (Nível 1) sobre os Activos Médios Ponderados pelo Risco, em 2019 este indicador foi de 19,7%, o que representa uma diminuição de 2 pontos percentuais face a 2018.

### Posição Relativa dos Bancos

De acordo com a informação reportada pelos Bancos, o BCH, o YETU, o BMF, o BDA e o BIR foram os 5 Bancos que apresentaram rácios de solvabilidade mais elevados com referência a 31 de Dezembro de 2019, tendo os mesmos ascendido a 189%, 168%, 151%, 87% e 80%, respectivamente.

É de realçar a evolução verificada relativamente ao YETU, com um rácio de 168%, em 2019, comparativamente com o rácio de 63% em 2018. Em sentido inverso, regista-se a redução verificada no rácio de solvabilidade do SCBA, de 122%, em 2018, para 52%, em 2018.

Decorrente dos ajustamentos no âmbito do AQA e à adopção da IFRS 9, o BCI apresentou um Rácio de Solvabilidade Regulamentar de -28,1% em 2019, bastante abaixo do mínimo exigido de 10% definido no artigo 4º do aviso n.º 2/2016 do Banco Nacional de Angola, estando em curso um plano de recapitalização, que inclui um plano de privatização.

Também o BPC não cumpriu com o Rácio de Solvabilidade Regulamentar exigido, apresentando em 2019, um Rácio de -11%, sendo que o Banco tem em curso o Plano de Recapitalização e Reestruturação do Banco, a ser implementado no período de 2020-2023.

**Figura 45 – Indicadores de Crescimento**

<b>Indicadores de Crescimento</b>	<b>2019</b>	<b>2018</b>	<b>2017</b>	<b>2016</b>
<b>Activo (%)</b>	11%	25%	3%	22%
<b>Crédito líquido a clientes (%)</b>	-10%	-6%	-3%	19%
<b>Depósitos de clientes (%)</b>	13%	31%	-1%	21%
<b>Margem financeira (%)</b>	-5%	24%	8%	54%
<b>Produto bancário (%)</b>	-11%	104%	-3%	31%
<b>Resultado líquido do exercício (%)</b>	-76%	203%	-6%	45%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## **Crescimento**

### **Visão Agregada**

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos que foram objecto do presente estudo em 2019, o activo do sistema financeiro nacional apresentou um crescimento de 11%, tendo crescido a um ritmo bastante mais moderado do que em 2018.

Relativamente ao Crédito Líquido a Clientes, este indicador apresentou um decréscimo relevante de 10%, para o qual contribuiu significativamente o reforço das perdas por imparidade de crédito efectuadas no exercício de 2019, fruto do exercício AQA, com especial destaque para o BPC.

Por outro lado, o indicador de crescimento relativo aos Depósitos de Clientes apresentou um valor de 13%, um valor inferior ao verificado em 2018.

No que respeito à margem financeira, este indicador apresentou um decréscimo de 5% face a 2018, sendo que o produto bancário e o resultado líquido do exercício apresentaram decréscimos de 11% e 76%, respectivamente, face a 2018, valores que contrastam por completo com os crescimentos significativos verificados em 2018.

Caso o BPC não fosse considerando nestes indicadores de crescimento, o Crédito Líquido a Clientes teria apresentado um crescimento de cerca de 16%, sendo que o crescimento da margem financeira se teria situado nos 6%. Adicionalmente, o produto bancário apresentaria um decréscimo bastante mais moderado, na ordem dos -4% e o resultado líquido manter-se-ia inalterado.

Importa realçar, novamente, que a indisponibilidade de informação relativamente ao BE, para o exercício de 2019, pode influenciar as conclusões acima apresentadas.

**Figura 46 – Ranking Crescimento do Activo**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIR	436%	1	BIR	179%
2	VTB	101%	2	YETU	94%
3	YETU	85%	3	VTB	72%
4	BCS	80%	4	BMF	69%
5	BOCLB	76%	5	BCS	65%
6	BCA	56%	6	BAI	49%
7	BCGA	51%	7	BPG	49%
8	BMF	43%	8	BE	47%
9	BPG	43%	9	BCA	40%
10	BVB	41%	10	SBA	39%
11	SBA	37%	11	BIC	29%
12	BIC	33%	12	BCH	29%
13	FNB	31%	13	FNB	28%
14	BAI	29%	14	ATL	27%
15	BFA	29%	15	BDA	27%
16	BNI	25%	16	BCGA	23%
17	BCH	21%	17	BFA	18%
18	ATL	18%	18	BVB	17%
19	SCBA	13%	19	BNI	13%
20	BSOL	13%	20	BSOL	12%
21	BDA	13%	21	KEVE	6%
22	KEVE	11%	22	BPC	3%
23	BPC	6%	23	SCBA	0%
24	BCI	-1%	24	BCI	-1%
25	BKI	-30%	25	BOCLB	-8%
26	BE *	n.d.	26	BKI	-14%

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

À semelhança do que ocorreu em 2018, o BIR voltou a ser o Banco que apresentou maior crescimento dos Activos, tendo registado um aumento de 436% face a 2018.

Importa destacar que os cinco Bancos que mais cresceram, em termos de activos, face a 2018, são Bancos de pequena e média dimensão, sendo que a soma do total dos activos dos mesmos representa apenas cerca de 3% do total dos activos que foram objecto do presente estudo, o que não deixa de ser um fenómeno expectável tendo em consideração a maior margem de crescimento desses Bancos, em percentagem dos seus activos, face aos activos totais dos Bancos de dimensão mais elevada.

Adicionalmente, verificou-se que os cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos, nomeadamente o BAI, o BFA, cresceram aproximadamente 29% e o BPC, o BIC e o ATL, registaram crescimentos de 6%, 33%, 18%, respectivamente.

**Figura 47 – Ranking Crescimento do Crédito Líquido a Clientes**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	VTB	68 466%	1	BCH	1 073%
2	BPG	163%	2	BIR	833%
3	BIR	93%	3	YETU	537%
4	SBA	70%	4	BMF	259%
5	BDA	54%	5	BCS	191%
6	BCS	53%	6	BDA	80%
7	BMF	43%	7	BPG	77%
8	BIC	42%	8	SBA	53%
9	BCGA	41%	9	BFA	52%
10	BSOL	31%	10	BIC	39%
11	BAI	20%	11	ATL	6%
12	BFA	11%	12	BCI	3%
13	ATL	5%	13	BAI	1%
14	KEVE	3%	14	FNB	-2%
15	FNB	3%	15	BCGA	-3%
16	BNI	1%	16	BNI	-3%
17	BVB	-3%	17	BSOL	-4%
18	BCI	-6%	18	BVB	-5%
19	YETU	-27%	19	BCA	-5%
20	BCA	-35%	20	KEVE	-11%
21	BKI	-48%	21	BKI	-25%
22	BPC	-94%	22	BE	-30%
23	BCH	-95%	23	BPC	-39%
24	BOCLB *	n.a.	24	VTB	-42%
25	SCBA *	n.a.	25	BOCLB	n.a.
26	BE **	n.d.	26	SCBA	n.a.

\* Não aplicável, dado que este Banco não tinha qualquer operação de crédito em 2018.

\*\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2019, os cinco Bancos que registaram uma taxa de crescimento mais significativa no crédito concedido foram o VTB, o BPG, o BIR, o SBA, e o BDA, tendo o crédito concedido por estes Bancos aumentado em 68 466%, 163%, 93%, 70%, 54% respectivamente, face a 2018.

Relativamente ao VTB, o crescimento exponencial explica-se pelo valor marginal volume de crédito a clientes registado em 2018. Por outro lado, destaca-se a presença do BDA, que tem vindo a ocupar sistematicamente os lugares cimeiros neste *ranking* e que, pela sua função, assume um papel importante no financiamento à diversificação da economia nacional.

O BOCBL e o SCBA não foram considerados deste *ranking*, dado não terem concedido crédito em 2018.

No que diz respeito aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BAI, BFA, BPC, BIC e ATL), verificou-se que os mesmos apresentaram taxas de crescimento que variaram entre os -94% e os 42%, tendo o BPC uma redução no crédito líquido a clientes de aproximadamente 94%, ao passo que o BIC e o BAI apresentaram uma taxa de crescimento de 42% e 20%, respectivamente.

**Figura 48 – Ranking Crescimento dos Depósitos de Clientes**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BOCLB	1 132%	1	VTB	83%
2	BIR	742%	2	BAI	65%
3	BPG	524%	3	BE	62%
4	VTB	156%	4	BIR	58%
5	BCS	118%	5	YETU	35%
6	YETU	108%	6	BMF	32%
7	BMF	82%	7	ATL	30%
8	BCGA	63%	8	SBA	27%
9	BCI	50%	9	BCA	27%
10	BVB	33%	10	BCGA	24%
11	BFA	32%	11	BCI	21%
12	BIC	31%	12	BPC	20%
13	SBA	28%	13	FNB	19%
14	FNB	28%	14	BIC	17%
15	BCH	26%	15	BFA	16%
16	BAI	26%	16	BCS	13%
17	BNI	22%	17	BSOL	13%
18	BCA	21%	18	KEVE	11%
19	BPC	19%	19	BVB	10%
20	ATL	18%	20	BNI	9%
21	BSOL	18%	21	BCH	-8%
22	SCBA	4%	22	SCBA	-12%
23	KEVE	-7%	23	BKI	-49%
24	BKI	-66%	24	BPG	-69%
25	BDA*	n.a.	25	BDA**	n.a.
26	BE**	n.d.	26	BOCLB***	n.a.

\* Banco sem qualquer depósito captado, devido à natureza da sua actividade.

\*\* Banco sem informação financeira disponível.

\*\*\* Banco com depósitos captados, em 2017, em montante marginal, e cuja taxa de crescimento dos depósitos apurada não fornece informação de valor.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2019, os cinco Bancos que registaram maiores taxas de crescimento na captação dos depósitos de clientes foram o BOCLB, o BIR, o BPG, o VTB e o BCS, tendo os depósitos captados por estas Instituições aumentado em 1 132%, 742%, 524%, 156% e 108%, respectivamente, face a 2018.

Importa destacar que os cinco Bancos que apresentaram maiores taxas de crescimento dos depósitos captados em 2018 são Bancos de pequena dimensão, sendo que a soma total dos depósitos captados pelos mesmos representa apenas cerca de 3% do total dos depósitos captados pelos Bancos que foram objecto do presente Estudo. Considerando que os Bancos de pequena dimensão têm uma maior margem de progressão, é naturalmente expectável que os depósitos captados pelos mesmos apresentem taxas de crescimento mais elevadas face aos depósitos captados pelos Bancos de média e de grande dimensão.

No que diz respeito aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BAI, BFA, BPC, BIC e ATL), verificou-se que os mesmos apresentaram taxas de crescimento que variaram entre os 18% e os 32%, tendo o BFA sido o Banco que apresentou a taxa de crescimento de depósitos captados mais elevada entre os cinco maiores Bancos, ao passo que o ATL apresentou a taxa de crescimento mais reduzida, face a 2018.

Adicionalmente, na análise deste indicador, não deverá ser descurado o efeito da desvalorização do Kwanza face ao dólar norte americano e ao euro, entre 2017 e 2019, o que é susceptível de diminuir o efeito de alargamento da base depósitos, por contrapartida da valorização dos depósitos em moeda estrangeira.

**Figura 49 – Ranking Crescimento da Margem Financeira**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	1 282%	1	BSOL	370%
2	BIR	480%	2	BCS	329%
3	BPG	244%	3	BIR	246%
4	YETU	80%	4	BVB	210%
5	BVB	47%	5	BMF	201%
6	BIC	38%	6	BE	181%
7	BCH	36%	7	BCH	106%
8	BFA	30%	8	YETU	92%
9	BCA	28%	9	BDA	89%
10	BAI	21%	10	BCI	35%
11	BCI	15%	11	SBA	26%
12	BCGA	15%	12	FNB	26%
13	BMF	9%	13	SCBA	13%
14	SBA	8%	14	BFA	9%
15	BCS	5%	15	BNI	8%
16	KEVE	3%	16	BAI	6%
17	SCBA	0%	17	BCA	5%
18	ATL	-1%	18	BIC	1%
19	FNB	-5%	19	ATL	0%
20	BNI	-14%	20	BPC	-3%
21	BKI	-49%	21	BCGA	-5%
22	BSOL	-86%	22	BKI	-15%
23	BPC	-123%	23	VTB	-16%
24	VTB	-170%	24	KEVE	-25%
25	BOCLB *	n.a.	25	BPG	-157%
26	BE **	n.d.	26	BOCLB*	n.a.

\* Não aplicável, dado que este Banco apresentou uma margem financeira nula em 2018 e 2017.

\*\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2019, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento da margem financeira foram o BDA, o BIR, o BPG, o YETU e o BVB, tendo a margem financeira destes Bancos aumentado 1 282%, 480%, 244%, 80% e 47%, respectivamente, face a 2018. Destaque para o BDA, dado que em 2018 a margem financeira apurada foi negativa, no valor de 1.970 milhões de Kwanzas, tendo passado para uma margem financeira positiva de 23.286 milhões de Kwanzas em 2019.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BAI, BFA, BPC, BIC e ATL), o BIC foi o Banco que registou a taxa de crescimento mais elevada da margem financeira. O BFA e BAI apresentaram uma taxa de crescimento de 30% e 21%, respectivamente, face a 2018. Em sentido inverso, destaca-se o BPC que passou de uma margem financeira positiva de 55.413 milhões de Kwanzas, em 2018, para uma margem financeira negativa de 12.833 milhões de Kwanzas, em 2019, ao passo que o ATL registou uma ligeira contracção de 1,30%.

**Figura 50 – Ranking Crescimento do Produto Bancário**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIR	629%	1	BDA	1 545%
2	YETU	93%	2	BE	413%
3	BDA	49%	3	BCS	300%
4	BIC	43%	4	YETU	177%
5	BPG	40%	5	BPG	161%
6	BVB	37%	6	BOCLB	149%
7	BMF	34%	7	BIC	141%
8	BCA	28%	8	BNI	127%
9	BAI	21%	9	BCA	113%
10	BCS	13%	10	FNB	111%
11	VTB	12%	11	BFA	103%
12	SBA	8%	12	KEVE	101%
13	BCH	5%	13	BPC	92%
14	KEVE	2%	14	BIR	85%
15	BCGA	1%	15	BVB	78%
16	BCI	0%	16	SBA	68%
17	ATL	-2%	17	BCH	61%
18	SCBA	-2%	18	BSOL	61%
19	BNI	-11%	19	BAI	59%
20	FNB	-11%	20	BKI	50%
21	BFA	-25%	21	BMF	49%
22	BSOL	-28%	22	BCGA	48%
23	BKI	-81%	23	SCBA	35%
24	BPC	-116%	24	ATL	24%
25	BOCLB	-326%	25	VTB	20%
26	BE *	n.d.	26	BCI	-5%

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita à taxa de crescimento do produto bancário, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento em 2019 foram o BIR, o YETU, o BDA, o BIC e o BPG, tendo o produto bancário destes Bancos aumentado em 629%, 93%, 49%, 43% e 40%, respectivamente, face a 2018.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema em termos de activos (BAI, BFA, BPC, BIC e ATL), para além do BIC que se encontra no *ranking* global dos cinco maiores Bancos em termos de crescimento absoluto, o BAI foi o único Banco que conseguiu apresentar uma taxa de crescimento positiva, face a 2018, com aproximadamente 21%. O BFA e o ATL, apresentaram um decréscimo de 25% e 2%, respectivamente, face a 2018, ao passo que o BPC apresentou um decréscimo de 116%, encontrando-se em penúltimo lugar do *ranking* global, apenas acima do BOCLB.

**Figura 51 – Ranking Crescimento do Resultado Líquido do Exercício**

2019			2018		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIR	2 659%	1	YETU	1 482%
2	BAI	137%	2	BPG	858%
3	YETU	77%	3	BDA	789%
4	BMF	68%	4	BE	505%
5	BIC	39%	5	BCS	308%
6	BVB	35%	6	BCA	308%
7	BCA	35%	7	BNI	238%
8	BPG	34%	8	BIR	211%
9	BDA	29%	9	FNB	186%
10	BCS	26%	10	BCGA	168%
11	VTB	20%	11	BFA	152%
12	ATL	12%	12	BVB	141%
13	BCH	8%	13	SCBA	140%
14	BCGA	4%	14	KEVE	122%
15	SBA	-1%	15	SBA	90%
16	BSOL	-10%	16	BCH	66%
17	FNB	-15%	17	BPC	63%
18	BFA	-31%	18	BIC	49%
19	BOCLB	-41%	19	BKI	43%
20	KEVE	-41%	20	ATL	14%
21	BNI	-63%	21	VTB	8%
22	BKI	-122%	22	BCI	6%
23	SCBA	-160%	23	BAI	-8%
24	BPC	-1 407%	24	BOCLB	-19%
25	BCI	-3 829%	25	BMF	-24%
26	BE *	n.d.	26	BSOL	-51%

\* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2019, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento do resultado líquido do exercício foram o BIR, o BAI, o YETU, o BMF e o BIC, tendo o resultado líquido destes Bancos aumentado em 2 659%, 137%, 77%, 68% e 39%, respectivamente, face a 2018.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos, para além do BAI e do BIC, já referidos anteriormente, o ATL registou uma taxa de crescimento de aproximadamente 12%, ao passo que o BFA apresentou um decréscimo de 31%.

O BPC apresentou um decréscimo de aproximadamente de 1 407%, em 2019, apresentando uma redução bastante significativa, face a 2018.

## Conclusão

O ano de 2019, foi um ano extremamente desafiante para o sector financeiro nacional. O efeito resultante das medidas implementadas no âmbito do Programa de Financiamento Alargado, com apoio do FMI, associado à redução do preço do petróleo, condicionaram o crescimento económico e agravaram a situação financeira do país, com repercussões que se fizeram sentir no sistema financeiro nacional.

A redução dos níveis de liquidez, a elevada exposição de um conjunto significativo de Bancos ao Estado Angolano, nomeadamente através da aquisição de dívida pública soberana, os aumentos dos custos de *funding*, bem como a redução dos níveis de concessão de crédito, que têm resultado na diminuição das margens dos Bancos são alguns dos desafios imediatos com que os Bancos se deparam, ainda que atenuados pelas mais-valias cambiais, decorrentes da desvalorização do Kwanza.

Tal como referido anteriormente, a realização do AQA forneceu sinais animadores, ao concluir pela robustez geral do sector bancário, com excepção do BPC e BE, para os quais foram identificadas necessidades de recapitalização relevantes. Não obstante, decorrente das conclusões do AQA ocorreram reforços significativos das perdas por imparidade para crédito.

Durante o ano de 2019, o BPC registou perdas por imparidade muito significativas, conforme demonstram os diversos *rankings* e indicadores considerados no presente Estudo, tendo apresentado em 2019 o maior prejuízo de sempre na história da banca. Para o BE, perspectiva-se um ano igualmente desafiante, ainda que, por indisponibilidade de informação, não seja possível apresentar qualquer conclusão.

Não obstante os desafios acima elencados, em conjunto com os impactos negativos, e de dimensão ainda por estimar, (i) da diminuição do preço do petróleo e (ii) do encerramento parcial da economia, resultantes da pandemia COVID-19, exigirão que os Bancos assegurem o acompanhamento próximo da evolução económica, bem como o desenvolvimento de planos de contingência que permitam responder eficazmente e atempadamente aos desafios colocados. Neste âmbito, a realização da fase de acompanhamento do exercício de AQA, a decorrer actualmente, possibilitará a compreensão em maior detalhe da resposta e resiliência dos Bancos a esta envolvente especialmente desafiante.

No que diz respeito aos níveis de literacia financeira, a continuação do aumento da utilização dos meios electrónicos de pagamento não deixa de ser um sinal encorajador e positivo. Adicionalmente, em Abril de 2020, o BNA tornou público que pretende implementar um Subsistema de Transferências Móveis e Instantâneas (STMI), o qual irá disponibilizar serviços de pagamentos acessíveis à população não bancarizada em qualquer ponto do território nacional. Esta iniciativa é um marco relevante no processo de bancarização e inclusão financeira da população.

Num futuro próximo, prevê-se que os Bancos continuem a envidar esforços com vista a melhorar os processos de *compliance*, prevenção e combate ao Branqueamento de Capitais e Financiamento do Terrorismo, em resposta aos requisitos regulamentares emitidos recentemente pelo BNA, nomeadamente o Aviso n.º 14/2020, de 22 de Junho, bem como da Lei n.º 05/20, de 27 de Janeiro – Lei de Prevenção e Combate ao Branqueamento de Capitais, do Financiamento do Terrorismo e da Proliferação de Armas de Destruição em Massa. Por outro lado, os esforços com vista à transformação digital do seu negócio tenderão a ser cada vez mais visíveis e serão um factor diferenciador no mercado, bem como a estrutura tecnológica de suporte e a qualidade dos processos de recolha e tratamento da informação com vista a suportar a tomada de decisão.

Adicionalmente, perspectiva-se que os Bancos implementem processos cada vez mais robustos de acompanhamento e de gestão dos riscos associados à sua actividade, nomeadamente no que diz respeito (i) à gestão da posição cambial e (ii) ao acompanhamento dos seus níveis de liquidez, (iii) à redução dos níveis de incumprimento, (iv) à potenciação do processo de recuperação de crédito, sendo este dois últimos passíveis de serem alavancados no Instrutivo n.º 4/2020, de 30 de Março, relativamente à flexibilização de prazos para o cumprimento de obrigações creditícias, com vista a conceder facilidades temporárias de liquidez que os Bancos devem conceder aos seus clientes e na Directiva n.º 2/DSB/DRO/2020, relativa ao tratamento de créditos não produtivos da carteira de créditos dos Bancos.

Relativamente aos desafios a nível contabilístico, é de esperar que o cumprimento dos diversos requisitos da IFRS 9 continue a representar um desafio significativo para os Bancos, nomeadamente no que diz respeito à definição de cenários prospectivos num ambiente de incerteza e de elevada complexidade como o actual.

Não obstante o actual contexto, a Deloitte manteve-se muito perto dos seus clientes, nomeadamente em Angola, assumindo-se com um parceiro de referência para o sistema financeiro, dispondo de soluções que permitam dar resposta aos actuais desafios e preparar os Bancos para o futuro.

# Demonstrações financeiras



## Balanço dos Bancos 2019

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC
<b>Activo</b>											
Caixa e disponibilidades em bancos centrais	190 988	333 320	11 057	55 560	6 068	50 913	26 578	22 285	0	302 716	170 150
Disponibilidades em outras instituições de crédito	24 428	152 965	11 476	54 884	2 827	5 226	19 712	1 356	0	42 508	35 788
Aplicações em bancos centrais e em outras instituições de crédito	17 012	629 719	12 010	135 556	4 294	25 888	13 637	272 010	0	456 747	145 544
Activos financeiros ao justo valor através de resultados	69 425	58 350	0	0	0	0	68	19 737	0	172 690	0
Activos financeiros disponíveis para venda	34 178	117	37 659	68	44	555	23 878	3 413	0	0	0
Investimentos detidos até à maturidade	529 302	856 264	0	172 143	30 375	0	0	59 468	0	828 852	777 331
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	33 330	0	0	0	0	0
Crédito a clientes	442 701	448 712	7 649	112 377	70	45 684	11 734	147 654	0	327 937	563 100
Activos não correntes detidos para venda	88 629	17 652	0	1 298	6	0	0	0	0	85	20 671
Outros activos tangíveis	61 282	66 739	7 843	9 979	1 272	8 591	10 430	1 937	0	32 588	15 160
Activos intangíveis	35 982	2 847	202	726	420	843	77	41	0	630	247
Investimentos em filiais, associadas e empreendimentos conjuntos	0	8 927	0	0	0	0	0	0	0	50	749
Activos por impostos correntes	2 056	2 036	0	0	62	137	212	64	0	4	0
Activos por impostos diferidos	2 289	8 803	0	2 017	6	0	0	0	0	7 887	0
Outros activos	103 205	55 253	5 574	2 491	223	2 099	471	1 662	0	22 363	12 192
<b>TOTAL DO ACTIVO</b>	<b>1 601 479</b>	<b>2 641 703</b>	<b>93 470</b>	<b>547 100</b>	<b>45 665</b>	<b>173 266</b>	<b>106 798</b>	<b>529 629</b>	<b>0</b>	<b>2 195 058</b>	<b>1 740 931</b>
<b>Passivo</b>											
Recursos de bancos centrais e de outras instituições de crédito	176 494	5 999	73	2 645	0	678	77	44 670	0	7 669	109 439
Recursos de clientes e outros empréstimos	1 234 986	2 285 012	43 169	457 217	18 268	185 153	64 501	0	0	1 622 898	1 202 785
Responsabilidades representadas por títulos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros ao justo valor através de resultados	207	0	0	0	0	0	0	0	0	12 676	0
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros associados a activos transferidos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos não correntes detidos para venda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Provisões	8 382	2 835	205	758	22	7 833	734	145	0	24 362	18 880
Passivos por impostos correntes	0	12 466	0	2 204	1 131	0	5 007	0	0	4 628	6 635
Passivos por impostos diferidos	69	79	32	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos subordinados	0	0	0	0	0	11 992	0	283 515	0	0	0
Outros passivos	18 025	37 146	20 229	7 670	1 484	8 571	2 632	44 824	0	60 619	39 472
<b>TOTAL DO PASSIVO</b>	<b>1 438 161</b>	<b>2 343 537</b>	<b>63 709</b>	<b>470 493</b>	<b>20 905</b>	<b>214 228</b>	<b>72 951</b>	<b>373 154</b>	<b>0</b>	<b>1 732 852</b>	<b>1 377 213</b>
<b>Capital Próprio</b>											
Capital Social	53 822	157 545	7 500	9 377	10 000	37 254	17 000	118 522	0	15 000	20 000
Prémios de emissão	34 810	- 9 204	0	0	0	654	0	0	0	0	0
(-) Acções próprias	- 492	- 739	0	0	0	- 16 225	0	0	0	0	0
Outros instrumentos de capital	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reservas de reavaliação	161	- 326	655	612	0	0	0	2 645	0	0	206 471
Outras reservas e resultados transitados	44 553	32 158	10 717	45 234	7 596	- 36 455	2 200	- 51 003	0	327 266	66 591
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado líquido do exercício	30 465	118 733	10 890	21 383	7 164	- 26 190	14 647	86 312	0	119 940	70 657
<b>TOTAL DO CAPITAL PRÓPRIO</b>	<b>163 318</b>	<b>298 166</b>	<b>29 761</b>	<b>76 607</b>	<b>24 760</b>	<b>- 40 962</b>	<b>33 847</b>	<b>156 476</b>	<b>0</b>	<b>462 206</b>	<b>363 719</b>
<b>TOTAL DO PASSIVO E DO CAPITAL PRÓPRIO</b>	<b>1 601 479</b>	<b>2 641 703</b>	<b>93 470</b>	<b>547 100</b>	<b>45 665</b>	<b>173 266</b>	<b>106 798</b>	<b>529 629</b>	<b>0</b>	<b>2 195 058</b>	<b>1 740 931</b>

BIR	BKI	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
17 807	6 957	5 218	42 984	0	93 290	5 392	89 640	7 666	20 516	19 323	92 935	8 903	83 602	9 087	1 672 956
9 352	1 882	889	16 057	9 353	83 883	1 143	36 362	11 527	22 457	11 999	168 833	13 127	79 515	5 997	823 547
12 587	0	2 503	59 126	2 532	150 118	11 012	44 708	3 213	3 123	6 123	5 583	5 350	7 726	6 927	2 033 050
0	0	0	0	1 860	0	6	0	0	0	0	30 884	0	1 077	0	354 097
17 730	0	0	188	0	136 260	0	0	0	37	96	72 318	19 957	37	3 813	350 348
9 316	1 098	10 331	123 028	0	317 807	21 219	154 050	31 467	47 689	68 035	108 654	0	4 269	12 682	4 163 379
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	33 330
9 917	25	850	87 423	170	41 725	1 381	219 326	6 305	22 786	51 285	91 505	1 214	5 659	1 602	2 648 791
0	0	0	8 394	0	0	0	0	0	1 021	0	0	0	0	0	137 756
1 870	195	1 295	17 757	333	117 039	490	41 850	3 181	11 093	16 292	27 930	359	2 559	1 930	459 992
499	166	46	586	50	3 997	52	214	31	430	424	2 468	0	27	121	51 124
0	0	0	146	0	1 049	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10 921
16	0	0	327	0	1 470	40	1 219	20	134	0	449	45	0	0	8 290
0	0	0	6 690	0	0	0	835	0	0	0	912	0	0	14	29 455
1 440	110	156	15 064	50	1 077 452	437	14 504	866	590	2 629	3 767	2 131	234	316	1 325 276
<b>80 533</b>	<b>10 432</b>	<b>21 289</b>	<b>377 772</b>	<b>14 348</b>	<b>2 024 089</b>	<b>41 170</b>	<b>602 708</b>	<b>64 275</b>	<b>129 874</b>	<b>176 206</b>	<b>606 237</b>	<b>51 085</b>	<b>184 705</b>	<b>42 490</b>	<b>14 102 312</b>
7 506	0	24	11 601	0	494 626	0	65 142	79	341	16 169	1 574	0	339	797	945 943
53 461	2 027	12 493	310 677	5 048	1 440 365	26 773	478 737	45 934	86 951	120 640	432 183	33 491	145 239	24 774	10 332 781
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4 746	0	0	0	4 746
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12 883
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
92	29	0	2 905	2	112 963	14	2 352	129	3 739	3 924	1 818	1 115	510	80	193 828
0	0	0	0	24	16	900	748	0	1 411	125	2 060	0	3 301	977	41 633
289	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	474
0	0	0	19 256	1 964	0	0	0	0	11 796	0	14 756	0	0	0	343 280
4 415	1 257	695	11 750	480	58 240	1 479	13 289	3 189	3 608	5 858	53 434	7 829	16 802	1 497	424 494
<b>65 763</b>	<b>3 313</b>	<b>13 212</b>	<b>356 190</b>	<b>7 518</b>	<b>2 106 209</b>	<b>29 166</b>	<b>560 268</b>	<b>49 331</b>	<b>107 846</b>	<b>146 715</b>	<b>510 572</b>	<b>42 435</b>	<b>166 190</b>	<b>28 131</b>	<b>12 300 062</b>
10 000	7 500	10 335	19 000	9 960	496 172	7 832	10 000	9 262	7 516	24 053	9 530	8 742	7 500	9 000	1 092 422
0	0	0	0	0	0	0	- 684	0	148	0	0	0	0	0	25 723
0	0	0	- 340	0	0	0	- 146	0	8 863	- 131	0	0	0	0	- 9 209
0	0	2 000	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2 000
0	564	0	- 291	0	- 145	0	0	0	0	0	864	734	0	- 14	211 929
- 802	- 430	- 4 660	711	- 1 416	- 173 415	596	29 220	258	0	2 866	53 145	- 5	2 335	1 494	358 754
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 604	- 604
5 572	- 515	402	2 502	- 1 715	- 404 732	3 576	4 049	5 423	5 501	2 703	32 128	- 822	8 679	4 483	121 234
<b>14 770</b>	<b>7 119</b>	<b>8 077</b>	<b>21 582</b>	<b>6 829</b>	<b>- 82 120</b>	<b>12 004</b>	<b>42 440</b>	<b>14 943</b>	<b>22 028</b>	<b>29 490</b>	<b>95 666</b>	<b>8 650</b>	<b>18 514</b>	<b>14 359</b>	<b>1 802 250</b>
<b>80 533</b>	<b>10 432</b>	<b>21 289</b>	<b>377 772</b>	<b>14 348</b>	<b>2 024 089</b>	<b>41 170</b>	<b>602 708</b>	<b>64 275</b>	<b>129 874</b>	<b>176 206</b>	<b>606 237</b>	<b>51 085</b>	<b>184 705</b>	<b>42 490</b>	<b>14 102 312</b>

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Demonstração dos Resultados 2019

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC
1. Juros e rendimentos similares	119 613	146 376	5 352	32 687	5 472	17 713	5 930	45 254	0	189 695	127 765
2. (-) Juros e encargos similares	- 53 255	- 42 456	- 1 016	- 8 313	- 415	- 4 894	- 1 466	- 21 969	0	- 36 219	- 36 501
<b>3. Margem Financeira (1+2)</b>	<b>66 358</b>	<b>103 920</b>	<b>4 336</b>	<b>24 375</b>	<b>5 057</b>	<b>12 819</b>	<b>4 465</b>	<b>23 286</b>	<b>0</b>	<b>153 476</b>	<b>91 264</b>
4. Rendimentos de instrumentos de capital	0	724	0	0	0	5 442	0	0	0	0	10 439
5. Rendimentos de serviços e comissões	16 813	20 892	3 493	4 874	3 235	- 1 495	8 083	19 093	0	18 794	- 2 186
6. (-) Encargos com serviços e comissões	- 1 787	- 6 872	- 193	- 975	- 433	0	- 6	0	0	- 4 731	14
7. Resultados de activos e passivos financeiros avaliados ao justo valor através de resultados	- 288	- 571	0	2 347	0	0	0	163	0	- 1 751	0
8. Resultados de activos financeiros disponíveis para venda	0	- 5	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9. Resultados de investimentos detidos até à maturidade	0	- 322	0	- 48	0	0	540	21	0	0	0
10. Resultados em outros activos financeiros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11. Resultados cambiais	3 125	100 011	10 674	10 337	2 571	3 610	14 356	81 723	0	41 188	175 218
12. Resultados de alienação de outros activos	25 720	- 752	0	73	0	0	0	15	0	110	124
13. Outros resultados de exploração	- 7 341	- 1 768	- 754	- 1 600	- 258	- 93	- 551	- 306	0	2 783	- 2 144
<b>14. Produto da actividade bancária (3+4+5+6+7+8+9+10+11+12+13)</b>	<b>102 600</b>	<b>215 257</b>	<b>17 555</b>	<b>39 382</b>	<b>10 172</b>	<b>20 283</b>	<b>26 888</b>	<b>123 994</b>	<b>0</b>	<b>209 869</b>	<b>272 728</b>
15. (-) Custos com o pessoal	- 21 147	- 31 259	- 3 035	- 8 007	- 572	- 15 063	- 4 431	- 4 571	0	- 45 941	- 34 234
16. (-) Fornecimentos e serviços de terceiros	- 12 856	- 29 400	- 2 380	- 5 672	- 1 081	- 6 361	- 1 656	- 3 123	0	- 25 557	- 17 841
17. (-) Depreciações e amortizações do exercício	- 6 425	- 4 993	- 618	- 1 572	- 230	- 1 817	- 844	- 596	0	- 5 577	- 1 343
18. (-) Provisões líquidas de anulações	- 2 765	- 1 486	- 13	- 271	0	- 5 692	0	0	0	9 498	3 252
19. Imparidade para crédito a clientes líquida de reversões e recuperações	- 28 871	12 963	- 131	1 043	22	0	97	8 630	0	- 5 083	- 34 627
20. Imparidade para outros activos financeiros líquida de reversões e recuperações	175	- 28 797	- 527	- 1 029	- 15	- 14 655	0	- 2 172	0	- 8 294	- 2 054
21. Imparidade para outros activos líquida de reversões e recuperações	0	- 1 453	40	- 182	0	- 2 641	- 551	- 2 876	0	- 573	102
22. Resultados de filiais, associadas e empreendimentos conjuntos (equivalência patrimonial)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23. Resultado na posição monetária líquida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 108 691
<b>24. Resultados antes de imposto de operações em continuação (14+15+16+17+18+19+20+21+22+23+24)</b>	<b>30 712</b>	<b>130 830</b>	<b>10 890</b>	<b>23 691</b>	<b>8 295</b>	<b>- 25 946</b>	<b>19 503</b>	<b>119 286</b>	<b>0</b>	<b>128 342</b>	<b>77 292</b>
25. Impostos sobre os resultados correntes	0	- 9 365	0	- 2 381	0	- 244	- 4 855	- 32 975	0	- 9 890	- 6 635
26. Impostos sobre os resultados diferidos	- 248	- 2 732	0	73	- 1 131	0	0	0	0	1 488	0
<b>27. Resultado após impostos de operações em continuação (25+26+27)</b>	<b>30 465</b>	<b>118 733</b>	<b>10 890</b>	<b>21 383</b>	<b>7 164</b>	<b>- 26 190</b>	<b>14 647</b>	<b>86 312</b>	<b>0</b>	<b>119 940</b>	<b>70 657</b>
28. Resultado de operações descontinuadas e/ou em descontinuação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>29. Resultado líquido do exercício (28+29)</b>	<b>30 465</b>	<b>118 733</b>	<b>10 890</b>	<b>21 383</b>	<b>7 164</b>	<b>- 26 190</b>	<b>14 647</b>	<b>86 312</b>	<b>0</b>	<b>119 940</b>	<b>70 657</b>

Milhões de Kwanzas

BIR	BKI	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
6 762	753	2 157	24 487	79	77 851	2 135	38 307	12 479	8 000	12 765	45 877	3 716	1 014	3 183	935 425
- 1 327	- 32	- 363	- 13 309	- 170	- 90 685	- 1 224	- 29 666	- 3 888	- 1 649	- 3 492	- 6 507	- 273	- 1 335	- 238	- 360 661
<b>5 436</b>	<b>721</b>	<b>1 794</b>	<b>11 178</b>	<b>- 91</b>	<b>- 12 833</b>	<b>911</b>	<b>8 640</b>	<b>8 591</b>	<b>6 351</b>	<b>9 274</b>	<b>39 370</b>	<b>3 443</b>	<b>- 320</b>	<b>2 944</b>	<b>574 763</b>
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	16 605
2 395	57	621	7 354	36	16 288	741	9 283	1 012	1 781	5 589	8 906	469	8 638	1 737	156 501
- 149	- 11	- 88	- 3 533	0	- 7 341	- 30	- 3 362	- 193	- 200	- 82	- 1 688	- 26	- 113	- 169	- 31 966
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1 559	0	0	1 006	2 465
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 2	0	0	0	- 7
0	0	0	0	0	0	1 132	0	0	- 28	1 474	0	0	0	0	2 768
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2 928	303	702	23 770	- 17	- 4 783	5 825	36 848	1 309	6 294	18 306	13 505	685	7 273	4 138	559 900
0	0	0	102	0	40	0	23	2	0	998	0	0	48	0	26 503
- 133	- 188	- 75	11	- 38	- 6 722	- 205	- 3 308	- 119	- 771	- 427	- 544	- 350	- 101	- 299	- 25 301
<b>10 477</b>	<b>883</b>	<b>2 955</b>	<b>38 882</b>	<b>- 110</b>	<b>- 15 351</b>	<b>8 375</b>	<b>48 125</b>	<b>10 602</b>	<b>13 427</b>	<b>35 132</b>	<b>61 106</b>	<b>4 221</b>	<b>15 425</b>	<b>9 357</b>	<b>1 282 233</b>
- 1 786	- 373	- 979	- 8 785	- 832	- 41 449	- 2 514	- 15 039	- 1 583	- 2 759	- 8 601	- 13 721	- 1 415	- 2 241	- 2 599	- 272 937
- 789	- 797	- 1 050	- 6 535	- 555	- 17 692	- 963	- 18 468	- 1 324	- 1 891	- 6 068	- 8 089	- 2 833	- 905	- 970	- 174 857
- 366	- 245	- 243	- 1 527	- 216	- 8 774	- 176	0	- 454	- 799	- 987	- 1 942	- 196	- 183	- 453	- 40 575
- 66	- 7	0	- 2 286	0	- 47 874	0	- 3 945	0	- 2 888	0	369	- 500	111	- 14	- 54 577
- 1 007	0	- 150	- 9 819	0	- 163 069	- 13	2 088	- 774	2 385	- 16 669	- 904	- 4	- 109	- 1	- 234 004
- 397	24	- 111	- 1 310	0	753	- 233	- 880	- 92	- 596	0	0	- 94	0	0	- 60 305
- 425	0	- 14	- 8 086	- 3	- 111 276	0	- 8 350	0	0	0	- 1 227	0	0	0	- 137 515
0	0	0	0	0	0	0	901	0	0	0	0	0	0	0	901
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 108 691
<b>5 640</b>	<b>- 515</b>	<b>407</b>	<b>536</b>	<b>- 1 715</b>	<b>- 404 732</b>	<b>4 476</b>	<b>4 432</b>	<b>6 375</b>	<b>6 879</b>	<b>2 807</b>	<b>35 592</b>	<b>- 822</b>	<b>12 098</b>	<b>5 320</b>	<b>199 674</b>
- 67	- 1	- 5	- 742	0	0	- 900	0	- 952	- 1 378	- 104	- 3 465	0	- 3 419	- 837	- 78 214
0	0	0	2 708	0	0	0	- 383	0	0	0	0	0	0	0	- 225
<b>5 572</b>	<b>- 515</b>	<b>402</b>	<b>2 502</b>	<b>- 1 715</b>	<b>- 404 732</b>	<b>3 576</b>	<b>4 049</b>	<b>5 423</b>	<b>5 501</b>	<b>2 703</b>	<b>32 128</b>	<b>- 822</b>	<b>8 679</b>	<b>4 483</b>	<b>121 234</b>
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>5 572</b>	<b>- 515</b>	<b>402</b>	<b>2 502</b>	<b>- 1 715</b>	<b>- 404 732</b>	<b>3 576</b>	<b>4 049</b>	<b>5 423</b>	<b>5 501</b>	<b>2 703</b>	<b>32 128</b>	<b>- 822</b>	<b>8 679</b>	<b>4 483</b>	<b>121 234</b>

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Balanço dos Bancos 2018

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC
<b>Activo</b>											
Caixa e disponibilidades em bancos centrais	159 372	253 867	17 658	34 642	7 500	27 986	19 443	4 872	194 901	212 054	135 930
Disponibilidades em outras instituições de crédito	26 740	125 398	3 031	30 736	3 848	10 877	4 809	2 775	53 977	90 786	30 068
Aplicações em bancos centrais e em outras instituições de crédito	13 313	351 163	4 532	61 157	5 977	11 909	0	228 563	109 872	256 374	91 008
Activos financeiros ao justo valor através de resultados	26 620	49 352	0	0	0	566	0	12 455	4 392	182 693	0
Activos financeiros disponíveis para venda	198 120	30 160	14 953	68	44	0	68	2 085	100	0	0
Investimentos detidos até à maturidade	274 969	722 661	0	139 927	17 917	43 323	20 253	113 421	177 425	623 241	612 056
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Crédito a clientes	420 265	373 253	11 712	79 856	1 317	48 389	7 675	96 041	124 538	295 842	396 255
Activos não correntes detidos para venda	65 791	19 110	0	1 387	6	0	0	0	28	136	19 395
Outros activos tangíveis	65 709	56 848	6 249	9 234	677	7 628	6 413	3 412	42 123	22 827	13 556
Activos intangíveis	32 626	1 515	37	231	270	998	89	33	3 764	1 313	293
Investimentos em filiais, associadas e empreendimentos conjuntos	0	7 719	0	0	0	92	0	0	2 480	50	411
Activos por impostos correntes	1 015	949	0	0	58	333	54	0	0	5	0
Activos por impostos diferidos	2 537	11 807	33	2 883	1	1 596	0	298	0	5 922	0
Outros activos	71 697	40 791	1 659	2 160	181	21 362	400	3 774	644 011	12 483	8 733
<b>TOTAL DO ACTIVO</b>	<b>1 358 772</b>	<b>2 044 595</b>	<b>59 862</b>	<b>362 281</b>	<b>37 797</b>	<b>175 060</b>	<b>59 203</b>	<b>467 728</b>	<b>1 357 610</b>	<b>1 703 728</b>	<b>1 307 706</b>
<b>Passivo</b>											
Recursos de bancos centrais e de outras instituições de crédito	160 055	3 943	372	1 723	0	4 525	25	25 975	29 334	5 063	108 602
Recursos de clientes e outros empréstimos	1 042 925	1 807 522	35 762	279 856	14 448	123 187	29 652	0	1 059 122	1 232 128	920 696
Responsabilidades representadas por títulos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros ao justo valor através de resultados	51	0	0	0	0	0	0	0	0	3 234	0
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros associados a activos transferidos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos não correntes detidos para venda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Provisões	5 161	8 226	41	1 476	22	4 074	698	145	13 101	40 595	12 972
Passivos por impostos correntes	0	0	914	1 097	1 629	18	4 527	0	5 058	32 417	0
Passivos por impostos diferidos	862	79	21	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos subordinados	0	0	0	0	0	11 696	0	300 718	132 262	0	0
Outros passivos	14 680	25 616	2 574	12 837	4 050	4 302	1 101	10 631	45 878	28 382	31 435
<b>TOTAL DO PASSIVO</b>	<b>1 223 732</b>	<b>1 845 385</b>	<b>39 684</b>	<b>296 988</b>	<b>20 150</b>	<b>147 802</b>	<b>36 003</b>	<b>337 468</b>	<b>1 284 755</b>	<b>1 341 819</b>	<b>1 073 705</b>
<b>Capital Próprio</b>											
Capital Social	53 822	14 815	7 500	9 377	10 000	37 254	10 000	118 522	72 000	15 451	20 000
Prémios de emissão	34 810	- 9 204	0	0	0	654	0	0	0	0	0
(-) Acções próprias	- 492	- 739	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros instrumentos de capital	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reservas de reavaliação	2 347	0	100	577	0	0	0	1 668	0	1 254	97 780
Outras reservas e resultados transitados	17 328	144 272	4 497	34 790	1 017	- 11 352	1 601	- 56 617	- 35 519	170 945	65 216
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado líquido do exercício	27 225	50 066	8 082	20 549	6 630	702	11 599	66 686	36 374	174 259	51 004
<b>TOTAL DO CAPITAL PRÓPRIO</b>	<b>135 039</b>	<b>199 209</b>	<b>20 178</b>	<b>65 293</b>	<b>17 647</b>	<b>27 258</b>	<b>23 200</b>	<b>130 260</b>	<b>72 856</b>	<b>361 909</b>	<b>234 000</b>
<b>TOTAL DO PASSIVO E DO CAPITAL PRÓPRIO</b>	<b>1 358 772</b>	<b>2 044 595</b>	<b>59 862</b>	<b>362 281</b>	<b>37 797</b>	<b>175 060</b>	<b>59 203</b>	<b>467 728</b>	<b>1 357 610</b>	<b>1 703 728</b>	<b>1 307 706</b>

BIR	BKI	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
4 684	3 006	2 681	13 475	7 886	45 362	7 611	79 547	5 452	16 599	16 972	71 256	8 350	28 609	4 989	1 384 706
1 633	2 865	839	8 041	8	192 032	3 280	69 270	7 181	9 099	10 613	79 707	6 277	59 884	3 513	837 287
0	599	0	34 652	0	83 106	1 602	30 446	0	824	6 047	30 954	9 703	0	0	1 331 801
0	0	0	0	0	0	6	0	0	0	0	7 150	0	0	0	283 234
41	0	0	188	0	82 576	0	0	4 603	37	96	93 447	19 158	37	4 051	449 831
2 484	7 829	9 691	106 046	0	502 320	15 137	132 244	20 098	39 929	63 726	90 876	0	652	7 050	3 743 273
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5 150	48	594	86 888	0	684 388	524	167 121	6 467	22 175	49 687	53 697	0	8	2 198	2 934 088
407	0	0	9 084	0	0	0	0	0	525	61	0	0	396	0	116 325
120	38	913	15 531	204	106 417	290	39 863	860	9 299	9 680	6 040	117	225	849	425 123
160	335	33	518	63	5 420	47	382	70	367	167	1 243	0	29	78	50 079
0	0	0	146	0	1 049	0	1 387	40	0	0	0	0	0	0	13 375
6	0	0	288	0	1 469	0	1 534	70	144	0	273	0	0	21	6 219
0	0	0	3 683	0	80 789	0	0	0	3	0	1 965	0	0	14	111 531
352	85	94	22 617	13	124 749	214	10 468	659	421	2 393	6 639	1 445	1 868	235	979 502
<b>15 036</b>	<b>14 805</b>	<b>14 844</b>	<b>301 158</b>	<b>8 175</b>	<b>1 909 676</b>	<b>28 711</b>	<b>532 261</b>	<b>45 502</b>	<b>99 421</b>	<b>159 442</b>	<b>443 247</b>	<b>45 050</b>	<b>91 709</b>	<b>22 998</b>	<b>12 666 374</b>
16	0	12	8 712	0	466 836	10 322	57 834	- 31	393	2 587	899	0	410	21	887 626
6 352	5 935	6 872	254 281	410	1 211 167	4 291	406 024	34 485	68 080	129 165	336 812	32 224	56 839	11 885	9 110 122
0	0	0	0	0	0	0	5 001	0	0	0	4 746	0	0	0	9 747
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3 285
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25	22	0	1 869	0	49 849	14	5 622	117	851	3 433	2 109	615	516	31	151 582
0	0	0	5	9	72	0	381	0	1 991	30	2 729	0	3 062	135	54 076
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50	0	11	1 022
0	0	0	9 339	0	0	0	8 634	0	9 425	0	9 452	0	0	0	481 525
120	1 214	284	7 174	181	42 932	4 147	9 543	759	753	3 880	21 641	3 278	14 559	270	292 220
<b>6 513</b>	<b>7 170</b>	<b>7 168</b>	<b>281 380</b>	<b>599</b>	<b>1 770 856</b>	<b>18 775</b>	<b>493 041</b>	<b>35 329</b>	<b>81 494</b>	<b>139 094</b>	<b>378 388</b>	<b>36 166</b>	<b>75 385</b>	<b>12 353</b>	<b>10 991 204</b>
10 000	7 500	10 335	14 643	9 960	396 172	7 832	10 000	9 262	7 516	10 000	9 530	8 742	7 500	9 000	896 733
0	0	0	0	0	0	0	0	0	148	0	0	0	0	0	26 407
0	0	0	- 340	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 1 571
0	0	2 000	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2 000
0	0	0	- 291	0	2 062	0	0	181	0	0	- 781	116	0	4	105 017
- 1 678	- 2 244	- 4 898	- 1 004	- 1 165	- 232 562	- 560	24 727	- 3 286	3 815	5 744	23 787	- 1 345	1 614	- 897	146 224
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
202	2 378	239	6 770	- 1 219	- 26 852	2 664	4 493	4 015	6 449	4 603	32 323	1 372	7 209	2 539	500 359
<b>8 524</b>	<b>7 634</b>	<b>7 676</b>	<b>19 778</b>	<b>7 575</b>	<b>138 820</b>	<b>9 935</b>	<b>39 220</b>	<b>10 172</b>	<b>17 928</b>	<b>20 347</b>	<b>64 858</b>	<b>8 884</b>	<b>16 324</b>	<b>10 645</b>	<b>1 675 169</b>
<b>15 036</b>	<b>14 805</b>	<b>14 844</b>	<b>301 158</b>	<b>8 175</b>	<b>1 909 676</b>	<b>28 711</b>	<b>532 261</b>	<b>45 502</b>	<b>99 421</b>	<b>159 442</b>	<b>443 247</b>	<b>45 050</b>	<b>91 709</b>	<b>22 998</b>	<b>12 666 373</b>

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Demonstração dos Resultados 2018

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC
1. Juros e rendimentos similares	118 453	121 955	3 843	28 281	4 568	16 240	4 759	40 371	66 619	147 900	104 662
2. (-) Juros e encargos similares	- 51 223	- 35 842	- 466	- 6 994	- 844	- 5 057	- 509	- 42 341	- 34 356	- 30 167	- 38 311
<b>3. Margem Financeira (1+2)</b>	<b>67 230</b>	<b>86 113</b>	<b>3 377</b>	<b>21 287</b>	<b>3 724</b>	<b>11 183</b>	<b>4 249</b>	<b>- 1 970</b>	<b>32 262</b>	<b>117 733</b>	<b>66 351</b>
4. Rendimentos de instrumentos de capital	0	278	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5. Rendimentos de serviços e comissões	21 250	23 565	4 312	4 577	4 691	6 140	6 196	20 821	14 684	16 480	9 983
6. (-) Encargos com serviços e comissões	- 610	- 4 112	- 124	- 655	- 274	- 1 089	- 1	0	- 745	- 3 216	- 1 662
7. Resultados de activos e passivos financeiros avaliados ao justo valor através de resultados	- 1 135	- 2 408	0	987	0	29	0	- 196	- 223	5 841	0
8. Resultados de activos financeiros disponíveis para venda	0	0	0	2	0	0	0	36	0	0	0
9. Resultados de investimentos detidos até à maturidade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1 010
10. Resultados em outros activos financeiros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11. Resultados cambiais	13 456	80 397	6 589	13 673	1 748	4 283	13 763	64 823	97 886	142 817	117 117
12. Resultados de alienação de outros activos	2 771	1 228	0	23	0	6	0	13	0	96	152
13. Outros resultados de exploração	1 236	- 7 256	- 481	- 840	- 236	- 283	- 351	- 385	- 570	417	- 1 912
<b>14. Produto da actividade bancária (3+4+5+6+7+8+9+10+11+12+13)</b>	<b>104 198</b>	<b>177 806</b>	<b>13 674</b>	<b>39 053</b>	<b>9 653</b>	<b>20 268</b>	<b>23 856</b>	<b>83 143</b>	<b>143 295</b>	<b>280 169</b>	<b>191 040</b>
15. (-) Custos com o pessoal	- 22 482	- 25 740	- 2 045	- 7 316	- 472	- 11 156	- 5 110	- 3 756	- 12 668	- 31 063	- 24 114
16. (-) Fornecimentos e serviços de terceiros	- 16 946	- 21 292	- 1 887	- 4 448	- 787	- 6 169	- 1 462	- 2 551	- 8 591	- 23 399	- 10 201
17. (-) Depreciações e amortizações do exercício	- 4 609	- 4 059	- 443	- 1 080	- 123	- 1 339	- 456	- 474	- 2 580	- 3 735	- 1 151
18. (-) Provisões líquidas de anulações	- 9 107	- 3 027	- 36	1 076	0	- 472	0	- 4	- 584	- 9 787	- 275
19. Imparidade para crédito a clientes líquida de reversões e recuperações	- 24 538	- 68 879	- 229	- 4 129	- 8	- 40	- 668	- 6 123	- 58 603	- 288	- 9 071
20. Imparidade para outros activos financeiros líquida de reversões e recuperações	- 211	- 86	- 31	- 742	0	0	- 34	- 410	- 142	433	- 611
21. Imparidade para outros activos líquida de reversões e recuperações	0	- 4 489	- 10	- 593	- 4	- 122	0	- 2 193	- 19 157	0	0
22. Resultados de filiais, associadas e empreendimentos conjuntos (equivalência patrimonial)	0	0	0	0	0	- 266	0	0	420	0	28
23. Resultado na posição monetária líquida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 91 957
<b>24. Resultados antes de imposto de operações em continuação (14+15+16+17+18+19+20+21+22+23+24)</b>	<b>26 306</b>	<b>50 235</b>	<b>8 993</b>	<b>21 820</b>	<b>8 260</b>	<b>705</b>	<b>16 126</b>	<b>67 632</b>	<b>41 389</b>	<b>212 330</b>	<b>53 689</b>
25. Impostos sobre os resultados correntes	131	0	- 914	- 942	- 1 629	0	- 4 527	- 946	- 5 015	- 38 961	0
26. Impostos sobre os resultados diferidos	788	- 169	3	- 329	0	- 2	0	0	0	890	- 2 684
<b>27. Resultado após impostos de operações em continuação (25+26+27)</b>	<b>27 225</b>	<b>50 066</b>	<b>8 082</b>	<b>20 549</b>	<b>6 630</b>	<b>702</b>	<b>11 599</b>	<b>66 686</b>	<b>36 374</b>	<b>174 259</b>	<b>51 004</b>
28. Resultado de operações descontinuadas e/ou em descontinuação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>29. Resultado líquido do exercício (28+29)</b>	<b>27 225</b>	<b>50 066</b>	<b>8 082</b>	<b>20 549</b>	<b>6 630</b>	<b>702</b>	<b>11 599</b>	<b>66 686</b>	<b>36 374</b>	<b>174 259</b>	<b>51 004</b>

BIR	BKI	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
1 029	1 420	1 831	24 497	0	165 232	2 201	89 091	10 688	7 967	12 561	41 096	4 059	532	1 764	1 021 619
- 91	- 2	- 181	- 11 559	0	- 109 818	- 2 835	- 28 205	- 4 835	- 1 266	- 3 591	- 4 689	- 625	- 73	- 125	- 414 006
<b>937</b>	<b>1 419</b>	<b>1 650</b>	<b>12 938</b>	<b>0</b>	<b>55 413</b>	<b>- 634</b>	<b>60 886</b>	<b>5 852</b>	<b>6 701</b>	<b>8 970</b>	<b>36 407</b>	<b>3 434</b>	<b>459</b>	<b>1 639</b>	<b>607 614</b>
0	0	0	0	0	23	795	0	0	0	0	0	0	0	0	1 096
450	74	266	5 311	0	17 273	0	9 983	1 653	3 170	6 979	7 890	632	8 991	1 036	196 407
- 11	- 10	- 22	- 1 748	- 4	- 4 627	0	- 1 411	- 254	- 214	- 200	- 1 194	- 22	- 61	- 57	- 22 325
0	0	0	18	0	0	0	0	0	0	0	2 285	0	0	0	5 197
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	28	0	0	- 25	41
0	0	- 9	- 985	0	0	0	0	0	0	769	0	0	0	0	785
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
140	3 299	404	27 837	31	48 027	6 100	- 2 718	781	5 933	18 764	11 761	575	4 440	2 475	684 399
0	0	0	2	0	- 173	0	0	- 1	0	- 17	0	5	- 2	0	4 103
- 79	- 209	- 88	184	22	- 18 293	- 262	- 315	- 315	- 494	- 968	- 528	- 304	- 105	- 214	- 32 627
<b>1 438</b>	<b>4 572</b>	<b>2 201</b>	<b>43 556</b>	<b>49</b>	<b>97 643</b>	<b>6 000</b>	<b>66 424</b>	<b>7 717</b>	<b>15 096</b>	<b>34 296</b>	<b>56 648</b>	<b>4 320</b>	<b>13 722</b>	<b>4 854</b>	<b>1 444 690</b>
- 639	- 434	- 774	- 6 866	- 600	- 42 868	- 1 829	- 11 552	- 1 246	- 2 288	- 7 439	- 12 376	- 905	- 1 865	- 1 339	- 238 945
- 453	- 828	- 975	- 6 938	- 561	- 23 533	- 810	- 18 942	- 1 096	- 1 661	- 5 918	- 7 556	- 1 724	- 933	- 730	- 170 389
- 87	- 176	- 121	- 1 385	- 107	- 8 622	- 101	- 2 970	- 264	- 305	- 879	- 678	- 136	- 52	- 198	- 36 128
- 55	- 2	0	- 7 680	0	- 4 585	0	0	0	- 508	0	- 949	- 158	- 478	- 7	- 36 638
- 38	- 147	- 35	- 9 863	0	- 34 904	0	- 1 424	- 516	- 2 114	- 15 217	142	- 1	- 23	1	- 236 714
0	- 1	- 53	- 427	0	- 9 984	6	- 25 786	0	- 51	0	0	0	0	- 48	- 38 178
36	0	0	- 1 733	0	0	0	- 289	- 1	0	- 139	- 18	- 24	0	0	- 28 737
0	0	0	0	0	0	0	- 1 252	0	0	0	0	0	0	0	- 1 070
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 91 957
<b>202</b>	<b>2 983</b>	<b>243</b>	<b>8 663</b>	<b>- 1 219</b>	<b>- 26 852</b>	<b>3 266</b>	<b>4 210</b>	<b>4 595</b>	<b>8 169</b>	<b>4 703</b>	<b>35 212</b>	<b>1 372</b>	<b>10 371</b>	<b>2 533</b>	<b>565 935</b>
0	0	- 4	- 424	0	0	- 602	0	- 579	- 1 713	- 100	- 2 890	0	- 3 162	0	- 62 279
0	- 605	0	- 1 469	0	0	0	339	0	- 7	0	0	0	0	5	- 3 241
<b>202</b>	<b>2 378</b>	<b>239</b>	<b>6 770</b>	<b>- 1 219</b>	<b>- 26 852</b>	<b>2 664</b>	<b>4 549</b>	<b>4 015</b>	<b>6 449</b>	<b>4 603</b>	<b>32 323</b>	<b>1 372</b>	<b>7 209</b>	<b>2 539</b>	<b>500 415</b>
0	0	0	0	0	0	0	- 56	0	0	0	0	0	0	0	- 56
<b>202</b>	<b>2 378</b>	<b>239</b>	<b>6 770</b>	<b>- 1 219</b>	<b>- 26 852</b>	<b>2 664</b>	<b>4 493</b>	<b>4 015</b>	<b>6 449</b>	<b>4 603</b>	<b>32 323</b>	<b>1 372</b>	<b>7 209</b>	<b>2 539</b>	<b>500 359</b>

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos





# Deloitte.

Deloitte" refere-se a uma ou mais firmas membro e respectivas entidades relacionadas da rede global da Deloitte Touche Tohmatsu Limited ("DTTL"). A DTTL (também referida como "Deloitte Global") e cada uma das firmas membro são entidades legais separadas e independentes. A DTTL não presta serviços a clientes. Para mais informação aceda a [www.deloitte.com/ao/about](http://www.deloitte.com/ao/about).

A Deloitte é líder global na prestação de serviços de audit and assurance, consulting, financial advisory, risk advisory, tax e serviços relacionados. A nossa rede de firmas membro compreende mais de 150 países e territórios e presta serviços a quatro em cada cinco entidades listadas na Fortune Global 500®. Para conhecer o impacto positivo criado pelos aproximadamente 286.000 profissionais da Deloitte aceda a [www.deloitte.com](http://www.deloitte.com).

Esta comunicação contém apenas informação de carácter geral, pelo que não constitui aconselhamento ou prestação de serviços profissionais pela Deloitte Touche Tohmatsu Limited, pelas suas firmas membro ou pelas suas entidades relacionadas (em conjunto a "Rede Deloitte"). Deve aconselhar-se com um profissional qualificado antes de tomar qualquer decisão que possa afetar as suas finanças ou negócio. Nenhuma entidade da Rede Deloitte pode ser responsabilizada por quaisquer danos ou perdas sofridas por quem haja baseado a sua decisão nesta comunicação.